VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA



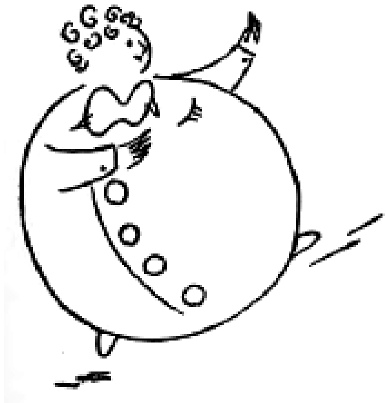
Aventuras de Dona Redonda

Volume 2

AVENTURAS DE DONA REDONDA

Volume 2

VIRGÍNIA DE CASTRO E ALMEIDA



Ilustrações de D. Thomaz de Melo

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Dedido este livro ao meu amigo Manufa.

Cada capítulo, apenas terminado, foi lido e aprovado pelos seus severos doze anos.

Quinta da Marinha — Cascais. Fevereiro de 1943

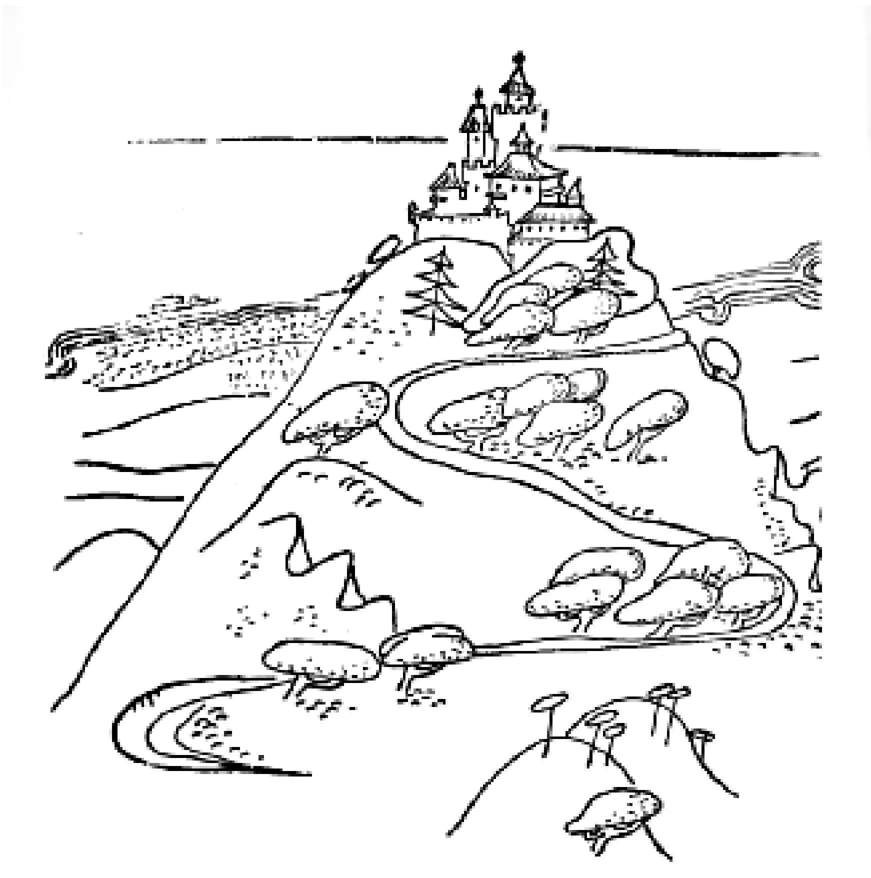
Virgínia de Castro e Almeida

CAPÍTULO 1

O TOUTIÇO E A HOSPEDARIA DA DONA CATAPULTA

Era uma vez uma grande planície a perder de vista, sem árvores, sem casas, sem plantações, sem água. Só terra dura e seca, mato raso, pedregulhos.

No meio da planície havia um monte. Chamavam-lhe o Toutiço por ser redondo como a cabeça de um homem. E no cimo do Toutiço lá estava a hospedaria acastelada da Dona Catapulta que era a dona do Toutiço todo, de alto a baixo.



O Toutiço era tão fresco e verdejante quanto a planície era ressequida e agreste. Havia ali ribeirinhos, lagozinhos, jardinzinhos, hortazinhas, vergeizinhos, bosquezinhos e, à sombra, banquinhos, cadeirinhas e mesinhas. A hospedaria, — pintada de azul e vermelho, às riscas, era toda ela torres e torrezinhas, varandas e varandinhas, janelas e janelinhas, escadas e escadinhas, alpendres e toldezinhos. E por dentro havia quartos e quartinhos, salas e salinhas, cantos e cantinhos, tudo muito arrumadinho e aproveitado e cheio de tapetes e tapetinhos, almofadas e almofadinhas, jarras e jarrinhas, quadros e quadrinhos, folhos e franjinhas, cortinas e cortininhas, enfim tudo que era preciso para agradar a quem gosta de coisinhas.

A respeito de conforto moderno, isso então! Banhos quentes, frios, mornos, turcos, duches de cima para baixo, de baixo para cima, de lado, de agulheta, de vapor, aquecimento central, aparelhos de telefonia, telefones, eletricidade por todos os cantos, ventoinhas, máquinas para fazer isto e aquilo, enfim um nunca-acabar de essas comodidades que fazem dos homens carneiros, pavões e lesmas. Mas felizmente todos estes aparelhos se escangalhavam regularmente e ninguém se servia deles.

Ainda o Sol estava a nascer quando se abriu devagarinho uma janela no segundo andar da hospedaria. Encostou-se ao parapeito uma pequena dos seus dez anos, linda que nem uma princesa encantada. O cabelo era tão louro que chegava a parecer branco; e os olhos eram de um azul tão escuro que chegavam a parecer pretos. Chamava-se Iria.



A Iria não sabia que era linda; ou, se sabia, não se importava, nunca pensava em tal. Nunca pensava na sua pessoa; havia tantas outras coisas que a interessavam!

Encostada ao parapeito da janela, ficou ali um bocado a olhar para a vista. Na claridade ainda turva do alvorecer apareciam os bosques e os jardins do Toutiço e depois, por aí fora, por aí fora, estendia-se a imensidade da planície.

Do lado onde o Sol ia nascer erguia-se uma correnteza de montanhas tão altas que os seus recortes se confundiam com as nuvens; e do outro lado da planície, ao poente, lá muito ao longe, havia uma grande mancha negra que se estendia como um comprido borrão de tinta a separar a terra do mar. Isto era a floresta. A enorme floresta.

Os olhos da Iria fitavam a floresta. E toda ela tremia de desejo. Pensava:

— Como eu quero lá ir!

Na hospedaria estava ainda toda a gente a dormir e o silêncio era tamanho que se ouviam as gotinhas de água do repuxo lá em baixo, no jardim.

Não se via vivalma nem no Toutiço nem na planície. Tudo deserto, tudo calado.

— Tão bom! — disse a Iria devagarinho.

Parecia-lhe que estava só no mundo.

Então um passarito começou a cantar no ramo alto de uma árvore mesmo em frente da janela. Era uma cantiga triste. A iria pôs-se à escuta. O passarito dizia assim:

— Tri-ti-ti-u... i... Não tenho pai nem mãe. O meu marido deixou-me só. Os meus filhos fugiram. Estou sozinha. Nunca fiz mal a ninguém. Tri-ti-ti-u... i...

— Coitada! — disse a Iria.

E, para consolar o passarito, acrescentou:

— Eu também estou só. Não conheço ninguém nesta hospedaria...

O passarito disse:

— Tri-ti-ti-u... i... Não tenho pai nem mãe...

— Que maçada! — pensou a Iria. — O que é aborrecido com os pássaros é que repetem tantas vezes a mesma coisa e nunca respondem ao que a gente lhes diz. Talvez não entendam a nossa fala...

A Iria estava lavada e vestida. Disse de si para consigo:

— Se eu fosse capaz de sair de casa sem ninguém dar por tal!

Abriu a porta do quarto muito devagarinho e em bicos de pés foi pelo corredor e desceu as escadas. A porta de entrada estava aferrolhada e ela não a sabia abrir. Mas conseguiu abrir uma janela do rés-do-chão e saltou para fora. Que bom! Ninguém, ninguém... Estava só no mundo... E tudo era tão lindo quando não havia gente! Atravessou o enorme terreiro em frente da hospedaria, a correr; meteu-se por uma vereda. Foi descendo. Não se ouvia nada senão o repuxo, e um ribeirito a correr, e dois ou três pássaros nas árvores... Tão bom! Tão bom!...

Foi descendo, sempre a correr, pelas veredazitas que iam dar à planície. Assim foi até à estrada dos carros que descia da hospedaria para a planície.

E nisto veio um passarolo maior do que um melro com um voo pesadão como se andasse aos trambolhões pelo ar, sem barulho de asas. Pousou num ramo ali mesmo, pertinho. A Iria nunca tinha visto um pássaro assim. Tinha penas douradas e azuis e uma popa; e a voz era grave e muito aveludada:

— Tará-tarari!... Tará-tarari...

Pôs-se a olhar para a Iria com a cabecita inclinada; e ela, que entendia muito bem a fala dos animais, logo percebeu o que ele dizia:

— Tará-tarari! Vem daí, vem comigo!...

A Iria aproximou-se devagarinho e ele levantou logo voo e foi pousar mais adiante; e sempre a olhar para a Iria, de cabecinha inclinada.

— Vem daí!... Vem comigo...

Assim foram até à beira da planície onde já não havia árvores.

A planície rasa, deserta e triste, estendia-se por ali fora, por ali fora... E lá muito ao longe estava aquele grande borrão de tinta que era a floresta.

A Iria pensou:

— O que haverá naquela floresta? Como eu quero lá ir!

E o passarolo disse:

— Tará-tarari... Vem daí, vem comigo...

Que voz tão linda! A Iria pensou que aquelas notas pareciam bolas de prata a rebolar em cima de veludo... Levantou a tranqueta da cancela que separava o Toutiço da planície e foi andando por ali fora, com os olhos no pássaro, que ia adiante dela e que ora voava ora pousava a olhar para trás e a chamá-la. la contente da sua vida. Gostava de ir por ali fora sozinha no fresco da madrugada atrás do pássaro. Não era medrosa nem piegas.

De repente começou a ouvir ao longe, naquele silêncio da planície, o tropel de um cavalo: catrapus... catrapus... na terra dura. A Iria olhou para aquele lado e viu um cavaleiro. O cavalo era branco, mas, como ainda vinha longe, o cavaleiro enxergava-se mal. A Iria parou à beira do caminho para ver passar o cavaleiro. Mas o cavaleiro, apenas se aproximou, meteu o cavalo a passo e, por fim, parou ao pé dela.

Era um rapaz dos seus dezasseis anos. Tinha uma camisa de flanela encarnada desabotoada no peito e de mangas arregaçadas, calções curtos escuros, peúgas de lã brancas, grossos sapatões de carneira e a cabeça ao léu. Na garupa do cavalo trazia uns alforjes cheios e, entalado debaixo de uma perna, um rijo cacete de marmeleiro. O Sol ia agora a nascer e tingia tudo de cores luminosas. As pernas nuas, compridas e rijas do rapaz, os seus braços musculosos, a sua cara linda e alegre, pareciam de ouro, e a camisa parecia de fogo; e o cabelo ondeado parecia de cobre; e os olhos pareciam duas grandes esmeraldas escuras com uma luzinha no meio.

A Iria, que não se admirava de nada e vivia num mundo muito seu e via e entendia, sem dar por tal, coisas que os outros não viam nem entendiam, pensou:

— Se calhar é um arcanjo.

Mas o rapaz, apenas parou, disse assim:

— Olá! Que estás tu a fazer aqui sozinha no meio da planície a estas horas?

Iria — Vim atrás de um pássaro que chamou por mim.

O rapaz — Hum... Já almoçaste?

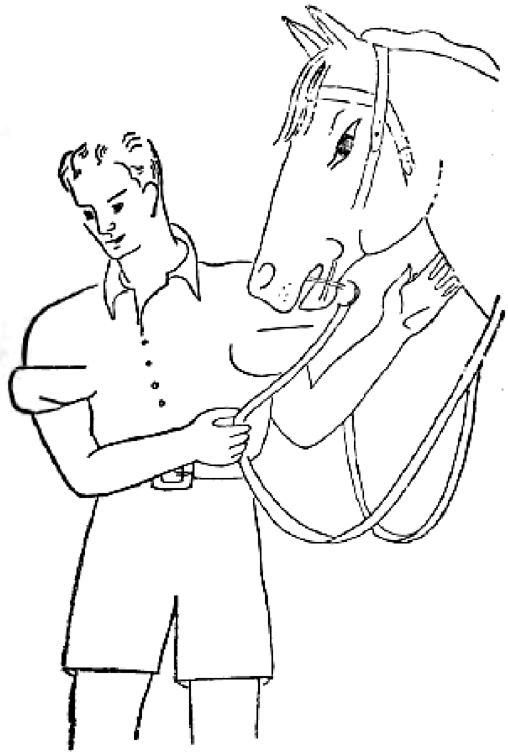
Iria — Ainda não.

O rapaz saltou com grande ligeireza abaixo do cavalo, pegou no alforje e pô-lo no chão.

— Então vais almoçar comigo — disse ele — , porque venho de caminho desde noite escura e estou com fome. E o Caracol também tem fome, não é verdade, meu Caracol?

O cavalo rinchou devagarinho, espetou as orelhas e esfregou a cabeça no ombro do rapaz. A Iria começou a fazer-lhe festas no focinho. Nunca tinha visto aquele cavalo nem aquele rapaz, mas sentia-se n vontade com eles como se os conhecesse muito bom. Disse assim:

— Caracol é um nome bonito e diz bem com ele porque tem a crina e a cauda encaracoladas.



E tu, como te chamas?

— E cá sou Bruno. E tu?

— Iria, respondeu ela.

O Bruno estava debruçado a tirar coisas do alforje. Tirou um saco com favas, um pão, um grande pedaço de queijo, um frasco de prata, um copo de ouro e uma infusa de barro. Desafivelou a cabeçada do Caracol e atirou-a para o chão. Pôs o saco das favas em cima de uma pedra e enrolou-lhe as bordas; e o Caracol começou logo a comer. Trrr... trrr... trrr... A dentuça esmigalhava as favas secas que era um regalo.

Então o Bruno estendeu em cima de outra pedra um guardanapo e pôs ali o pão, o queijo, o vinho e a água. Tirou uma navalha do bolso, cortou uma fatia

de pão, uma fatia de queijo e deu-as à Iria. Comeram com muito apetite. E enquanto comiam iam conversando.

Iria — Acolá, no Toutiço.

Mas o Toutiço estava longe e levantara-se uma névoa na planície que o encobria quase todo.

Bruno — O que é o Toutiço?

Iria — É um monte e, no alto, há uma hospedaria. A Hospedaria da Dona Catapulta.

O Bruno riu-se.

— Toutiço... Dona Catapulta... que nomes esquisitos...

Mas ficou sério de repente e perguntou: — Dona Catapulta é a tua mãe?

Iria — Que ideia! O meu pai e a minha mãe morreram há muito tempo lá na terra deles, onde eu nasci e onde às vezes há sol à meia-noite.

Bruno — Já percebo. E não tens irmãos nem ninguém?

Iria — Tenho uma tia que me pôs num colégio e me mandou passar as férias no Toutiço.

Bruno — Sozinha?

Iria — Sozinha. Mas nunca estou só. Há os pássaros, e as árvores, e a água do ribeiro e do repuxo. E tu onde moras?

Bruno — Por esse mundo... Bem vês, quando cheguei aos treze anos não quis estudar mais. Pedi ao meu pai que me deixasse ir ver terras e governar a minha vida. Assim foi. E governei a minha vida e aprendi muitas coisas. Quando voltei à minha terra, disseram-me que o meu pai tinha ido viajar. Ninguém me soube explicar onde estava. Ando agora à procura dele.

Iria — A tua mãe...

Bruno — Está no Céu.

Iria — E irmãos?

Buno — Sou filho único.

Calaram-se os dois. O Caracol tinha acabado a ração de favas e andava por ali a roer uns rebentos de cardos. O Bruno levantou-se e começou a arrumar tudo no alforje. Depois chamou o Caracol e pôs-lhe a cabeçada.

A Iria disse:

— Porque não vens comigo ao Toutiço? Talvez o teu pai esteja na hospedaria.

O Bruno olhou para o lado do Toutiço? O Sol chupara a névoa e agora viam-se o monte e a hospedaria lá em cima, com muitas cores e as varandinhas e os toldos amarelos...

O Bruno abanou a cabeça.

— Nada. O meu pai não está ali, disse ele.

E nisto o passarolo apareceu a dois passos, pousou em cima de uma pedra, virou a cabeça para eles e começou a sua cantiga: Tara... Tarari...

Bruno — É esquisito.

Iria — Não ouves o que ele diz? É feiticeiro... Está a dizer: «Venham daí, venham comigo...».

Bruno — E porque não havemos de ir? Tens medo de ir à garupa?

Iria — Medo? De quê?

O Bruno montou no Caracol e estendeu a mão à Iria, que pôs um pé em cima do pé de Bruno e saltou para cima do alforje. Agarrou-se ao cinto de Bruno e o Caracol abalou a galope e o passarolo a voar adiante, direito à floresta.

Assim foram muito tempo; mas a planície era tão grande que lhes parecia estarem sempre no mesmo sítio e chegaram a pensar que a floresta fugia diante deles. O Sol já ia alto e escaldava, e o Caracol, coberto de suor,

abrandara o passo, quando viram caminhando ao seu encontro duas mulheres e três jumentos carregados.

Quando chegaram perto, o Bruno parou e deu-lhes os bons-dias:

— Deus as salve!

E elas responderam, à antiga:

— Louvado seja o Nosso Senhor!

E pararam também.

Uma era velha e outra ainda nova. Deviam ser mãe e filha.

— Ainda que eu mal pergunte, disse a velha, onde vão os meninos com este calor?

Bruno — Vamos à floresta, além. Vossemecês é que podem dizer se ainda há muito que andar. Decerto conhecem estes sítios.

A velha — Conhecemos, sim, senhor. A gente vai todos os meses ao mercado comprar o que é preciso e passa por este caminho. Mesmo a cavalo não chegam à floresta senão à noitinha.

Bruno — E que mercadorias levam vocês aí?

A rapariga levantou a manta que cobria um dos seirões e disse:

— São coisas que a gente vende lá na nossa terra: frutas, queijo, broas, doces e tachos, infusas, bonecos de pão-doce, santinhos, coisas assim.

Iria saltou abaixo do Caracol e foi espreitar os seirões. E o Bruno apeou-se também e tirou um saco do seu alforje.

— A gente vai comprar-lhes algumas coisas para a nossa merenda.

As mulheres ficaram todas contentes.

O Bruno comprou queijinhos frescos, e um potezito de mel, e broas, e dois pães, e peixe seco e dois bonecos de pão-doce, e dois chouriços. No fim, tirou a carteira do bolso e começou a fazer contas com as mulheres.

A velha — Mas o menino dá-me dinheiro a mais.

Bruno — Bem sei. O que vai a mais é para vossemecê comprar um lenço novo para a cabeça, que esse já está velho; e um avental para a sua filha. Um avental cor-de-rosa.

As duas desataram a rir, encantadas.

— Pois muito agradecida e Deus lhes dê saúde.

Mas a velha era curiosa e continuou a conversa:

— Se calhar, os meninos vão visitar a Dona Redonda.

Iria — Dona Redonda? Quem é? Parece-me que já ouvi falar nela.

A velha — Nem admira. Toda a gente a conhece aqui nestes sítios. Ela e a canzoada toda, que é de a gente morrer a rir, todos com as mãozitas tortas e as pernitas muito curtas, e os corpos muito compridos... Parecem mesmo chouriços a correr e a ladrar com as vozes esganiçadas e as orelhas a dar a dar...

A rapariga, entusiasmando-se — E a Dona Redonda muito redonda, que nem uma bola, e a Dona Maluka muito esguia e toda resoluta, e os meninos... agora só lá tenho visto um... e a mulatinha a dançar e a cantar... gente melhor não há. E ninguém pode estar triste ao pé deles.

A velha — Há quem diga que são bruxas e que os cães faiam com elas e os pássaros e as árvores e tudo...

A rapariga — Há até quem diga que têm lá um grande bicharoco todo coberto de escamas e com asas, que deita lume pelas ventas... Mas são lérias, se calhar.

A velha — Lá do bicharoco, não são lérias que eu bem o vi uma vez aqui nesta planície, a puxar uma carruagem e a rir às gargalhadas...

— Hum... disse o Bruno.

A rapariga — Lá o bicharoco nunca vi, mas vi a mulatinha trepar pelo tronco de uma árvore arriba, mais ligeira que um gato... E vi o cágado do

senhor Báguezi, que é do tamanho de um carneiro e tem muitas figuras pintadas nas costas, e fala como um papagaio...

A velha — Cala a boca. A gente às vezes sonha coisas e pensa que é verdade. Há quem diga que lá na floresta tudo acontece de um modo esquisito e que anda por ali bruxaria. Mas cá por mim nunca lá encontrei senão boa gente... E vamo-nos embora, cachopa, que por este andar não nos acolhemos em casa senão de noite...

Despediram-se com muitos agradecimentos e cortesias e lá foram seguindo o seu caminho.

O Bruno e a Iria ficaram a olhar um para o outro. O Bruno disse:

— Hum... Não entendo nada destas histórias...

Iria — Eu já tinha ouvido falar da Dona Redonda. A Dona Catapulta diz que a conhece. E há lá uma senhora na hospedaria que se pôs uma vez a contar do tal bicharoco...

Bruno — São coisas que é preciso a gente ver. E se comêssemos qualquer coisa?

Comeram peixe seco com pão mole, chouriço, queijinhos frescos e mel; e beberam água com vinho. Depois estenderam-se à sombra de um penedo a descansar. O Caracol tinha descoberto umas ervitas verdes e o passarolo

engoliu uma minhoca enorme e estava encarrapitado no penedo a alisar as penas.

Passaram um pedacito pelo sono. Mas o passarolo acordou-os:

— Tará-Tarari...

Continuaram a sua jornada.

— O que nós precisávamos, disse a Iria, era um cavalo com asas.

Bruno — Não há cavalos com asas.

Iria — A tal senhora disse que o bicharoco ia a voar e levava pessoas às costas.

Bruno — Hum...

Iria — E agora me lembro... Ela disse que o bicharoco se chamava Mostrengo... Ui!...

O Caracol tinha dado um pinote que ia atirando com eles ao chão e largara um rincho que parecia uma gargalhada.

O Bruno debruçou-se, fez-lhe festas no pescoço e disse-lhe:

— Então que é isso, Caracol? Conheces o Mostrengo?

O Caracol começou a dançar, a ladear como um cavalo de cortesias e a tocar castanholas com o freio.

Bruno — Está bom, está. Faz lá a tua vontade. Quem corre pelo seu gosto não cansa.

Deu-lhe rédea e o Caracol abalou num tal galope que passou adiante do passarolo.

— Tará... Tará... Tarari..., gritava o passarolo todo aflito, voando quanto mais podia atrás deles.

Ao entardecer chegaram à orla da floresta. Apearam-se, lavaram as mãos e a cara num ribeirinho muito fresco que ali passava; e o Caracol bebeu que se consolou. Depois sacudiu-se e rinchou.

E então ouviu-se ao longe um vozeirão que respondia:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

Iria — Que é aquilo?

Bruno — É o eco. iria — Não é tal.

Iria — Não há vento.

Bruno — Hum...

O Caracol encostou a cabeça ao ombro da Iria o disse-lhe baixinho:

— É o Mostrengo. O Mostrengo é amigo.

A Iria deu um beijo no focinho muito macio do Caracol e respondeu-lhe em segredo:

— Pois é.

Mas o Bruno não entendeu. Pensou que era o Caracol a roer uma cenoura que ele tirara do alforje e a Iria calou-se muito bem calada porque sabia que se repetisse o que o Caracol dissera o Bruno não acreditaria.

O passarolo (que era um lindo passarolo) desceu lá do ramo onde estava pousado e foi beber ao ribeiro. A Iria começou a chamar por ele e a atirar migalhinhas de pão para a terra. O passarolo foi-se chegando. Dava uns saltinhos, parava, punha a cabeça inclinada, e, por fim, foi comer na mão da Iria. Dava pulinhos para aqui, para ali, levantava a popa, olhava de resvés para os dois pequenos e comia quanto mais podia. Por fim, com o papo cheiíssimo, voou para um ramo, escondeu a cabeça debaixo da asa, encolheu uma perna e desatou a dormir.

— Hum... E agora? disse o Bruno.

O árvoredo da floresta levantava-se em frente deles como uma muralha sombria. Muitos pinheiros mansos, de troncos muito altos e grossos; e pinheiros-bravos, e cedros, e sobreiros, e acácias...

Tudo emaranhado, e mato bravio muito alto de murtas, rosmaninho, carvalhiços... E vinha de lá um ar tão fresco e perfumado!

— Que bom cheiro! disse a Iria.

O passarolo acordou de repente, gritou muito alegre: Tarari! e desapareceu.

Havia um caminhito estreito entre o mato. A Iria meteu-se por ele dentro como se o conhecesse; e o Bruno foi atrás dela; e o Caracol atrás do Bruno. Iam calados que nem ratos; e era tanto o musgo que nem as ferraduras do Caracol faziam barulho no chão.

Os raios do sol atravessavam a floresta de lado, porque era perto do sol-posto, e estendiam-se como espadas delgadas de ouro vermelho. E as acácias estavam cobertas de bolinhas de ouro; e o tojo todo salpicado de flores de ouro. Havia tantos pássaros a esvoaçar e a cantar que a Iria ia de nariz no ar e boca aberta a olhar para eles, sem pensar sequer onde punha os pés.

Depois de andarem um bom bocado, foram ter em frente de um muro; e nesse muro havia um portão de ferro forjado que dava para um jardim; e no fundo do jardim viram uma casa.

CAPÍTULO 2

A CASA E O JARDIM TORTOS

Espreitando pelas grades do portão, a Iria e o Bruno viram um jardim e uma casa.

A casa figurava um daqueles solares antigos com a sua fileira de janelas, portada ao cimo da escadaria e pedra de armas no topo. Mas tudo era em ponto pequeno e novinho em folha. E a casa estava toda torta, inclinada para um lado, como a torre de Pisa. As portas e janelas eram pintadas e envernizadas de cores tão vivas e lustrosas que até faziam piscar os olhos de quem as via.

— Que esquisito! disse a Iria. Nunca vi uma casa assim.

— Até parece que a gente tem um defeito nos olhos, respondeu o Bruno, e vê tudo torto.

Os canteiros do jardim não tinham simetria. Uns eram grandes e outros pequenos e cada um do seu feitio e todos guarnecidos de murozinhos de azulejos verdes, azuis, cor-de-rosa, uns altos e outros baixos. E as ruazinhas entre os canteiros eram de cascalho miúdo de diferentes cores. Muitas flores, muitas cores. Aqui e além cresciam árvores de fruto, mas todas cresciam para

o lado, como se fossem a cair. Também havia estátuas no jardim e todas elas inclinadas para um lado ou para outro. Tudo ali estava torto.



Ouviram uma voz de cana rachada a cantar. Só então repararam que ao meio do jardim havia um tanque que devia ser redondo mas não era; e o repuxo, que devia estar ao meio, estava a um lado.

Sentado num banco, à beira do tanque, viram um homenzinho. Sentado, não, que ele não se podia sentar. Encostado. Tinha um casaco de pau do feitio de um sino, que ia do pescoço até aos joelhos. Dos lados saíam os braços cobertos de ricas e largas mangas de seda vermelha; e por baixo saíam as pernas com botas altas, moles, de polimento muito brilhante. O homem era pequenino; não tinha mais de um metro de altura. Cabeça redonda e careca

que nem uma bola de bilhar. Só no alto do toutiço havia uma madeixa de cabelo preto encaracolado como um saca-rolhas; e a cara, mais larga que comprida, era barbuda: uma barba preta, muito bem cortada em quadrado. O casaco de pau estava pintado com um lindo esmalte azul-claro e cheio de grandes botões dourados e muitos cordões amarelos no peito.

Este homenzinho tinha na mão uma cana de pescar; e estava muito entretido a pescar no tanque peixes encarnados. Parecia muito contente da sua vida. Ria sozinho e cantava com voz de cana rachada esta cantiga:

Úni, Úni, Úni,

Úni, dois e três,

Eram dois amigos

Compraram uma rês.

Depois dela morta,

Contaram vinte e três.

Muito certo, a compasso da cantiga, ia pescando e atirando, com muita rapidez e desembaraço, os peixes para dentro de um balde.

O Bruno e a Iria estavam tão admirados que já nem falavam e tão interessados a ver o homenzinho que estremeceram quando o Caracol deu de repente um salto para o lado e disse claramente e com voz assustada:

— Ui! que lá vem a Recantamplana!

E abalou, sumiu-se no mato.

No mesmo instante apareceu no caminho direito ao portão uma coisa que parecia um baú muito largo; mas não podia ser um baú porque tinha pernas e vinha a trote. E os pequenos repararam-lhe na cabeça, que era chata, e no focinho, que parecia um bico de papagaio.

A Iria disse:

— É um cágado.

Mas não era. Era uma tartaruga enorme, do tamanho de um grande carneiro. Tinha a carapaça toda recortada em relevos, pintada de muitas cores vistosas e muito bem envernizada.

Apenas deu com os pequenos, estendeu um pescoço muito comprido, abriu as goelas, deitou a língua de fora e começou a berrar:

— Que...! Que…! Que é isto? Que é isto?

O Bruno e a Iria arredaram-se a toda a pressa; e a tartaruga, encolhendo e escondendo a cabeça na carapaça, atirou-se contra o portão, que logo se abriu

de par em par, e foi direita como um raio ao homenzinho do casaco de pau; toda furiosa, deu-lhe um encontrão que por pouco o não virou de cangalhas e gritou-lhe:

— Visitas! Visitas! Não tem olhos na cara, seu espantalho?

E sumiu-se para trás da casa.

O homenzinho resmungou:

— Espantalho será ela...

E depois viu o Bruno e a Iria à porta e ficou todo aflito e atrapalhado. Pegou no balde e entornou os peixes todos outra vez para dentro do tanque, agarrou no banco e voltou a largá-lo, largou a cana no chão e voltou a apanhá-la, e por fim caminhou para o portão com o banco, o balde e a cana; ora deixava cair uma coisa, ora outra, e quando apanhava uma caía-lhe outra. Naquela atrapalhação, ia resmungando:

— Vida de escravo... Nem a gente pode pescar com sossego... Não há liberdade... Mas há de acabar, olé! E a Recantamplana há de ir ao ar com um foguete de sete respostas no rabo! Olé!

E nisto uma voz esganiçada começou a gritar dentro de casa:

— Bú! Ó Bú!

O Bú soltou um berro:

— Não posso lá ir! Cala a boca! Visitas!

A Iria estava divertida; mas o Bruno sentia-se atordoado; não gostava de coisas que não entendia.

O Bú chegou ao pé deles e fez-se de repente muito palaciano, todo ele cortesias.

— Queiram Vossas Excelências desculpar. Sejam Vossas Excelências muito bem-vindas. Dignem-se entrar. Aqui as visitas ou entram ou saem.

Bruno — Não somos visitas.

Bú — Ah! não são visitas! Então são mendigos. Aqui os mendigos ou entram ou saem.

Bú — Ah! não são mendigos! Então são fornecedores. Aqui os fornecedores ou entram ou...

Interrompeu-se de repente, puxou pelo Caracol no alto da cabeça e disse:

— Já não percebo nada.

Voltou-se para a casa, pôs as mãos dos lados da boca e chamou com toda a força:

— Búzi! Ó Búzi!

A Búzi veio a correr. Era do tamanho do Bú, mas muito magra, com uma cara comprida, um pescoço altíssimo, uma cintura muito delgada. Trazia um

vestido encarnado, engomado, muito curto, uma enorme touca na cabeça, e um avental pequenino todo aos folhos e laçarotes. Pernas compridas e fininhas. Parecia um gafanhoto.

Chegando ao pé dos pequenos, fez uma vénia de pé atrás com tanto preceito e tão demorada, que perdeu o equilíbrio e para não se estatelar no chão teve de agitar os braços como as velas de um moinho.

— Ora essa! — disse ela. — Façam favor, façam favor, Excelências! Aqui as visitas nem entram nem saem.

Bruno — Não somos visitas.

Búzi — E que tem isso? Se não são visitas, são mendigos ou fornecedores. Aqui os mendigos e os fornecedores não entram nem saem.

Bruno — Nem visitas, nem mendigos, nem fornecedores. Só queríamos que...

Bú — Vês, Búzi? Aqui é que torce a porca o rabo.

Búzi, indignada — Não se fala de porcos sem se dizer «com licença».

Bú — E tu já trocaste tudo. Não se diz: «não entram nem saem». Diz-se: «ou entram ou saem».

Búzi — Não façam caso, Excelências. Ele não sabe o que diz.

O Búzi ia responder quando se ouviu uma voz imperiosa à entrada da casa:

— Búzi! Búzi! Então a carruagem!

A Iria e o Bruno voltaram-se e viram à porta, no cimo dos degraus, uma senhora alta e rechonchuda com um vestido de veludo cor-de-rosa, todo ele rendas, apanhados, franjas e fitas, e de grande cauda a arrastar; na cabeça tinha um chapéu verde todo ele plumas e flores. E ao lado dela estava um senhor baixinho e magrinho, de monóculo, chapéu alto, luvas brancas, sobrecasaca preta, muitas comendas, e calças aos quadradinhos amarelos muito estrelicadas e de presilhas por baixo dos pés. E nos pés sapatinhos de baile.

Apesar de já não haver ali sol nenhum, a senhora abriu uma sombrinha muito pequenina; assestou o lorgnon sobre o Bruno e a Iria e caminhou para eles toda sorrisos e o senhor logo atrás dela todo cortesias e passinhos de dança.

A senhora — Sejam muito bem-vindos. Queiram entrar.

O senhor — Não sabemos quem são, mas é exatamente como se soubéssemos. Queiram considerar esta casa como sua.

E curvando-se com muita elegância ofereceu o braço à Iria. O Bruno, vendo isto, ofereceu logo o braço à senhora. E assim, com andar compassado de procissão, atravessaram o jardim e subiram os degraus da casa.

O senhor — Hão das vossas Exas notar a originalidade desta vivenda. Os grandes fidalgos hoje em dia têm de inventar sinais que marquem a sua categoria. Assim, pela minha parte, adotei este sinal: tudo torto.

Iria — Pois é. Mas faz tonturas de cabeça, não faz?

O senhor, todo pomposo — Faz, mas é bom que ao entrar no solar de um fidalgo, toda a gente tenha tonturas de cabeça.

Subiram os degraus e entraram em casa.

A primeira coisa que deu nas vistas dos pequenos foi a tartaruga com as mãos pousadas na borda de uma mesa e as costas viradas para eles; perceberam que os relevos e pinturas que ela tinha na carapaça representavam um brasão.

O senhor fez sentar a Iria ao lado da senhora no sofá, ofereceu uma poltrona ao Bruno e sentou-se noutra. E disse assim:

— Antes de mais nada, permitam.me Vossas Exas que me apresente e à minha ilustre esposa. Eu sou Fernando Augusto Simão Jaime Esculápio Báguezi; e ela é Ana Petronilha Anunciada Ambrósia Jerónima Àguezi. Com isto não é preciso dizer mais nada. Ali na carapaça da Recantamplana estão gravados os nossos brasões reunidos. Lá estão os célebres carneiros de chifres retornos dos Àguezis e os memoráveis texugos coroados deste seu criado.

O Bruno disse logo que o brasão estava muito bem pintado e que o verniz era de excelente qualidade.

Então a senhora Águezi pegou numa campainha de prata que estava em cima da mesa e começou a tocá-la com muitos repenicados; e depois perguntou a quem tinha o prazer e a honra de falar.

Iria — Eu sou a Iria.

Bruno — Eu sou o Bruno.

Báguezi levantou-se outra vez e cumprimentou-os como se os visse pela primeira vez. E Águezi disse:

— Lindos nomes. E de onde vêm?

O Bruno acudiu logo:

— Vimos de muito longe, de muito longe... Andamos hoje todo o dia a cavalo para chegar a esta floresta.

Báguezi inchou todo de presunção.

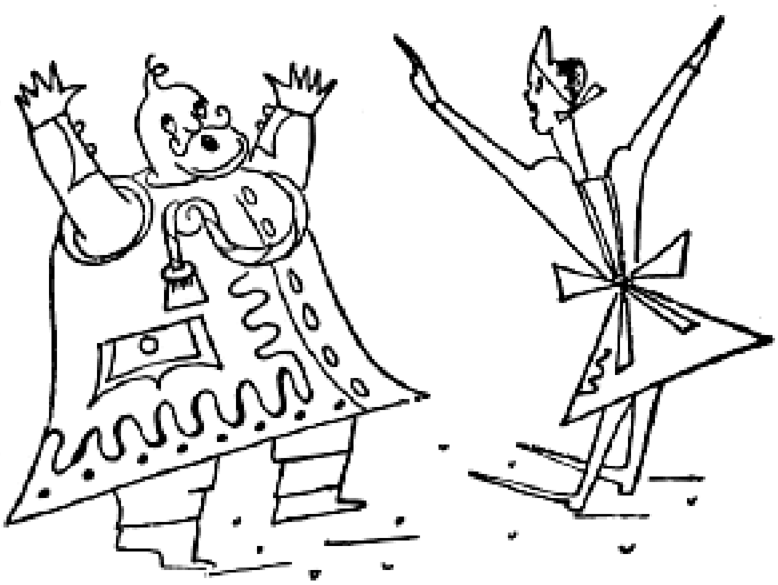
— Vê, Ana Petronilha, disse ele, — vê como a nossa fama anda espalhada pelo mundo? Uma jornada destas para nos virem ver!

O Bruno ia responder, mas felizmente neste instante abriu-se de par em par a porta do fundo e Búzi e Bú entraram trazendo uma enorme bandeja com os

bolos mais deliciosos e variados que se podia imaginar. E logo saíram a correr e voltaram com uma bandeja coberta de frascos e copinhos de licor.

— Vê, Excelência? disse o Bú todo presumido, eu cá entendi lobo que a campainha era para os bolos.

Búzi — Mentira, seu trapalhão! Eu é que disse primeiro.



Bú — E quem se lembrou dos licores?

Búzi — Já se vê que fui eu, seu intrujão das dúzias.

Bú — Intrujona é você!

Báguezi levantou-se num ímpeto e, todo digno, sem dizer palavra, estendeu o braço com um dedo espetado para a porta. Búzi e Bú precipitaram-se pela porta fora. Báguezi voltou-se para Recantamplana e disse:

— Basta.

Recantamplana deixou-se logo escorregar para o chão, não sem primeiro deitar disfarçadamente o bico a dois ou três bolos.

Entretanto a senhora Águezi fazia as honras da casa oferecendo bolos e licores à Iria e ao Bruno que se regalaram.

Báguezi, todo sorrisos — Espero que não dirão mal da tão afamada hospitalidade desta sua casa. Em que mais os poderemos servir?

O Bruno, que era pessoa prática, respondeu logo:

— Seria grande favor se V. Exa. nos ensinasse o caminho para casa da Dona Redonda.

Báguezi deu um pinote na cadeira como se alguém lhe tivesse espetado um alfinete no sim-senhor. Afogueou-se todo de indignação. Durante algum tempo gaguejou sem encontrar palavras; e por fim disse todo solene:

— O excelentíssimo Bruno ignora ou esqueceu que sob o teto de um Báguezi esse nome não pode ser pronunciado.

Iria, muito admirada — Porquê?

Báguezi levantou-se e começou a passear com passos muito largos de um lado para o outro; vermelho como um pimentão e a bufar: Pfff! Pfff! Parecia um peru zangado.

Águezi — Os Exmos meninos ainda têm muito que aprender. Na casa de um Báguezi ou de um Águezi só se fala das pessoas que obedecem às regras do bem viver.

Báguezi ao ouvir isto parou; depois caminhou para a esposa, fez-lhe uma grande vénia e beijando-lhe a mão, exclamou com arrebatamento:

— Anjo!

Bruno — Hum... Nós não sabemos. Vimos de muito longe. V. Exas devem ensinar-nos, dizer-nos quais são os crimes de Dona Redonda.

Báguezi — Eles têm razão. Ana Petronilha, é dever nosso informá-los.

Sentou-se, chegou mais a poltrona para o Bruno, começou a falar em voz baixa:

— Aqui entre nós, a Dona Redonda não é uma senhora; é uma bola.

Águezi — Anda vestida de ganga; balandraus de ganga! Não usa chapéu e traz muitas vezes os pés nus em sandálias. E isto seja lá diante de quem for!

Báguezi — E tem uma filha adotiva que faz bonecos de pau sem pés nem cabeça. Sim, senhor! Sem pés nem cabeça!

Águezi — E... Oh!... Disseram-nos que dançam as duas em frente de casa com um macaco que parece uma mulatinha e que trepa às árvores, e... qua

horror!... com dúzias de cães de pernas tortas... e com as crianças que apanham...

Báguezi — E a Dona Redonda não tem preceitos nem decoro. Leva tudo a rir. E... conversa com os animais!

Águezi — Domesticou um dragão que devora tudo que encontra...

Iria, pasmada — Um dragão?!

Bruno — Mas não há dragões!

Águezi — Pois eu já o vi...

Nesta altura ouviu-se um grande rebuliço no interior da casa; gritarias, correrias, ruído de coisas caindo e rebolando no chão. E as vozes do Bú e da Búzi numa guincharia:

— Fecha a porta, estúpido!

— Não vê que estou entalado?

— Entra pela janela!

— Ui! Lá vai ele!

— Deita-lhe a mão agora, palonço!

— Deite você! Não vê que dá coices!

— Cagarolas!

— Cagarolas é você! sua... sua... boneca de trapos...

— Seu manipanço de barro!

— Seu espantalho de pássaros!

— Seu... seu... Ui! Ui! Ui! lá vem ele aos pinotes! Abrenúncio!

Recantamplana encolheu a cabeça e deu um encontrão à porta do fundo que logo se escancarou.

Búzi e Bú precipitaram-se na sala.

— É um cavalo de fogo com asas! disse o Bú todo afogueado.

— Não é tal! É um burro de prata com uma espada na testa! gritou a Búzi.

Começaram a falar ao mesmo tempo e ninguém os entendia.

De repente apareceu à janela da sala a cabeça do Caracol; soltou um rincho de alegria ao ver os pequenos. Toda a casa tremeu.

A senhora Águezi, assustou-se, saltou do sofá, pôs-se em bicos de pés, agitou os braços no ar como se estivesse a dizer adeus, revirou os olhos, engasgou-se, deixou-se cair ao comprido no sofá e começou a dar gritinhos e a espernear mostrando meias cor-de-rosa todas enrugadas.

Báguezi levou as mãos à cabeça numa aflição e correu para ela:

— Estou com o flato! Acudam! Acudam! Água! Água de flor de laranja! Saia! Depressa!

O Bú e a Búzi precipitaram-se de um lado para o outro em grande confusão; e a Recantamplana aproveitou a ocasião para comer com grande rapidez todos os bolos que tinham ficado na bandeja.

O Bruno e a Iria correram para a janela a sossegar o Caracol.

E nisto, um relógio de cuco que estava numa parede da sala muito quieto, deu de súbito sinal de vida: abriu-se a janelinha com um estalo, o cuco saiu e cantou e escondeu-se com outro estalo...

— Cúcú!... Ping!... Trás... Cúcú... Ping... Trás...

Ao ouvir o cuco, a senhora Águezi voltou logo a si e deu um suspiro:

— Ai! Onde estou eu?

Esfregou os olhos e levantou-se toda lépida:

— Sete horas! E temos que estar às oito horas em ponto em casa do duque. É um jantar. A marquesa de Ikáká, está convidada; e os marqueses de Hakiki, e o embaixador de Ruripúpú!

Báguezi precipitou-se sobre o Bú, pegou-lhe peio cachaço, empurrou-o pela porta fora:

— Depressa! Depressa! A carruagem!

A Iria disse ao ouvido do Caracol:

— Vai para o portão esperar por nós.

O Caracol afastou-se da janela e foi cuidadosamente pelas ruazinhas do jardim para não escangalhar os canteiros.

O Bruno e a Iria despediram-se com muitos agradecimentos e cortesias.

Águezi — Ora essa! Por quem são! Sempre ao seu dispor...

Báguezi — Passem muito bem, Exmos. meninos. A hospitalidade fidalga dos Báguezis nunca foi desmentida. Esta casa é sua.

Amabilidades, cumprimentos, vénias, cortesias... Afinal os pequenos conseguiram sair e foram ter com o Caracol que lá estava no portão à espera deles e que apenas os viu, meteu logo por uma veredazita estreita entre o mato. E o Bruno e a Iria atrás dele.

Do poente ainda vinha uma claridade dourada e a lua cheia começava a subir ao céu. Os pássaros tinham-se calado. A floresta estava cheia de perfumes.

— Cri... cri... — diziam os grilos.

E os ralos:

— Krrr...

E um outro bichinho cantava:

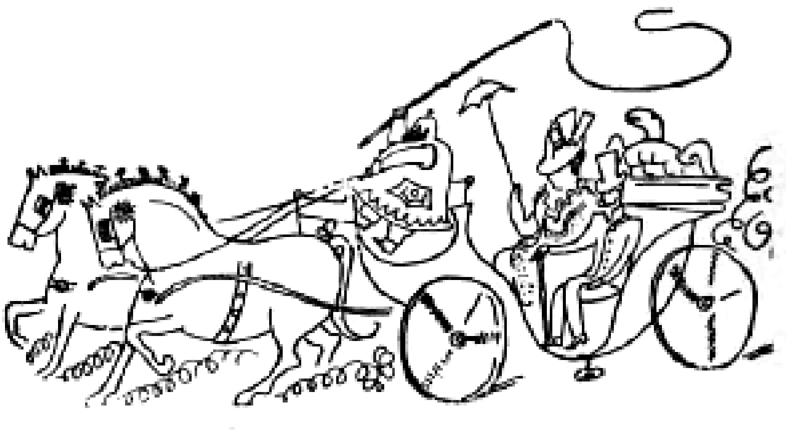
— Tri... tri... tri...

De vez em quando ouvia-se um estalo e caía uma pinha no chão; e os ramos dos eucaliptos gemiam.

Por fim chegaram a uma estrada. E então viram ao longe uma nuvem de poeira toda prateada pelo luar e ouviram um grande barulho de rodas e de patas de cavalos no macadame.

Era a carruagem dos Báguezis que ia a toda a pressa para casa do duque.

A carruagem era aberta. O Bú ia a guiar encarrapitado na boleia. E dentro repimpava-se o Báguezi, empertigado como se tivesse engolido o pau da vassoura. E ao seu lado ia Águezi com a sombrinha aberta por causa do luar.



Os cavalos eram pequenos, gordíssimos, baios e lustrosos, de crina e caudas entrançadas e cheias de lacinhos e com duas rosetas e fitas ao vento dos lados das cabeçadas. Tudo muito vistoso.

Toc... toc... toc... toque toc... — faziam as patas dos cavalos.

E de repente o Caracol deu um salto, assarapantado. E os pequenos viram que a Recantamplana ia agarrada à parte traseira da carruagem, com os pés num estribo e as mãos nas costas do assento. O brasão pintado e envernizado reluzia ao luar e fazia um vistão.

Os dois pequenos e o Caracol foram andando pela estrada fora. A estrada parecia não ter fim e a floresta, de um lado e outro, fechava-se como paredes.

— Caracol, perguntou o Bruno, porque tens tu medo da Recantamplana?

Caracol — Porque tem bico de papagaio. Pode morder nas pernas do Caracol.

Bruno — Os cães também podem morder e tu não tens medo deles.

Caracol — Os cães não têm tampa de pau nem pinturas nas costas.

Bruno — O que tem o pé com bota? A Recantamplana não faz mal nenhum.

Caracol — Não faz porque o Caracol foge.

A Iria disse em segredo ao Bruno:

— Deixa lá. Os bichos pensam ao seu modo. Um modo diferente do nosso.

Bruno — Mas eu queria explicar...

Iria — Não se pode.

Bruno — Porquê?

Iria — Porque lhes faz confusão e ficam tristes.

Calaram-se e foram andando.

Iria — Assim de noite e sem sabermos o caminho, como havemos de dar com a casa de Dona Redonda?

Caracol — Muito longe. Dona Redonda está a dormir.

Iria — E eu a cair de sono.

Bruno — O melhor é procurarmos um lugar na floresta para passar a noite.

Caracol — Brrru... Eu sei um lugar bom.

Saltaram os dois para cima do Caracol e ele abalou a trote pela estrada fora.

O Bruno já não se admirava do Caracol falar. Já não se admirava fosse lá do que fosse. Percebia que na floresta tudo se passava de um modo diferente do resto do mundo; e como o Bruno tinha viajado muito, sabia que «cada terra tem o seu uso e cada roca tem seu fuso».

O Caracol fartou-se de andar e por fim meteu à esquerda por uma vereda e foi avançando a passo até chegar a uma clareira. Havia ali uma cabana de rachadores de lenha, abandonada. Era toda feita com troncos e ramagens de pinheiro e tinha o chão coberto com uma boa altura de caruma.

O Bruno fez cá fora uma cama de caruma para o Caracol; e depois acendeu uma fogueira e aqueceu café. Por fim foi buscar uma manta que trazia enrolada no arção da sela e cobriu com ela a Iria que já estava deitada na cabana. Daí a pouco dormiam todos os três a bom dormir.

CAPÍTULO 3

O MOSTRENGO E A QUEDA DA DONA REDONDA

Alta hora da noite a Iria acordou. O silêncio era completo na floresta; até os mochos e os insetos pareciam ter adormecido. Mas a Iria não tinha sono nenhum; sentia-se esperta como se fosse de manhã.

Levantou-se devagarinho para não acordar o Bruno e saiu da cabana. A lua cheia ia alta; o luar caía a prumo na clareira. Não havia brisa. Não bulia uma folha. O perfume forte dos pinheiros e do mato em flor espalhava-se no ar morno.

A Iria atravessou a clareira e foi andando devagarinho entre grandes pinheiros mansos. Parecia-lhe caminhar num sonho.

Assim foi andando até que chegou a outra clareira que estava apinhada de bichos. Havia ali raposas, texugos, sapos, rãs, lagartos, gatos bravos, mochos, milhafres, enfim toda a bicharada da floresta.

Todos falavam e andavam de um lado para o outro, muito agitados. Tão agitados que nem deram pela Iria.

A Iria não era medrosa nem esquisita com os bichos. Sentou-se ali num tronco seco e pôs-se a ver e a ouvir o que se passava.

Dois morcegos estavam pendurados num ramo do tronco seco onde a Iria se sentara.

— Eu bem te disse que isto tinha que ver, disse um deles, o maior.

O mais pequeno — O que é que eles querem?

O maior — Eu sei lá! Nem eles sabem. São as raposas que lhes encheram as cabeças de carapetões. Olha, lá está a rainha delas, a senhora Fedúncia...

A Iria olhou e viu lá adiante, em cima de uma rocha, três bichos: uma raposa velha, loura e escanzelada, com o rabo pelado e o pescoço muito comprido; um grande milhafre com um bico e umas garras que metiam medo, e os olhos a luzir, e um lagartão sarapintado e enorme.

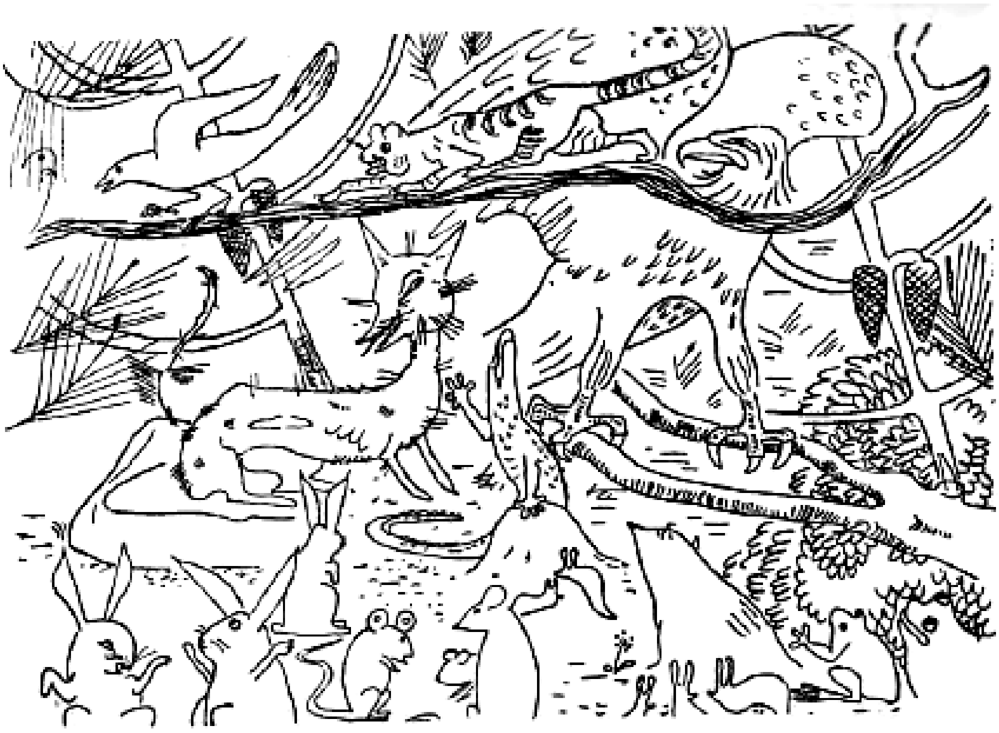
Por detrás deles um gato bravo começou a sacudir uma abóbora vazia que devia ter dentro pedras porque fazia muito barulho.

Uma voz gritou:

— Silêncio. Vai falar o senhor Lagartão!

O Senhor Lagartão — Camaradas! Estamos aqui reunidos para combinarmos a melhor maneira de endireitar o mundo.

A bicharada toda — Bravo! Bravo! Apoiado! Vamos endireitar o mundo!



O Senhor Lagartão — Vamos primeiro ver o que está torto. É preciso que não haja tirania. Os milhafres, querem tomar conta da floresta. Manda quem não deve mandar. Quem manda tem de ser mandado. Quem não manda tem de mandar...

A tal raposa velha que se chamava senhora Fedúncia, curvou-se para ele e começou a falar-lhe em segredo.

O milhafre sacudiu-se, concertou as asas, endireitou-se, e disse com voz clara:

— Vejam como a senhora Fedúncia está a ensinar a lição ao senhor Lagartão! Ela governa todos os bichos fracos e parvos, pelo medo, pela manha e pela intrujice.

Levantou-se um grande sussurro, mas ele não fez caso nenhum e foi dizendo:

— Pela mentira e pela manha tem ela conseguido um grande poder na floresta. Eu não sei mentir nem intrujar. Mas tenho este bico e estas garras e sei servir-me deles.

— Aquele é o rei dos milhafres, disse um dos morcegos. Chama-se senhor Violento.

A senhora Fedúncia levantou-se e disse com voz aflautada ao senhor Violento:

— Mas isso é crueldade, meu amigo. É violência. Nada se deve fazer senão pela doçura, pela bondade, pela justiça. Assim o quer a civilização e o progresso.

E sorria para o milhafre, piscando os olhos e abanando a cabeça.

Os ratos, os lagartos, as cobras, e muitas lesmas e minhocas, tudo que se arrasta e é malcheiroso, começou a dar vivas à senhora Fedúncia:

— Viva a civilização e o progresso! gritavam eles com os olhos cravados na senhora Fedúncia. Viva a liberdade! Abaixo a tirania!

E os gatos bravos e toda a bicheza bruta e valente da floresta aclamou o senhor Violento:

— Viva a ordem! Viva quem sabe mandar!

Mas a maior parte dos bichos não fazia caso nenhum do que se passava. Havia um grupo de coelhas a contarem umas às outras as suas doenças e as dos filhos e falavam de um corvo que era um grande médico, e das suas curas milagrosas.

E três pegas ali mesmo por detrás da Iria, palravam sem fim, falando dos namoros que tinham e dizendo muito mal de outras pegas. E riam das graças e maldades que inventavam a respeito das amigas.

E havia corvos que andavam aos saltinhos papando disfarçadamente as lesmas que podiam apanhar.

A iria levantou-se e, vendo que ninguém fazia caso dela, foi dando volta à clareira até que se achou perto do penedo onde estavam a rainha das raposas e o rei dos milhafres. E foi nessa altura que viu uma rola novita que, atordoada com o barulho, passou a esvoaçar perto da senhora Fedúncia. Esta com grande rapidez e habilidade deitou-lhe a dentuça e foi-se esconder atrás de uma moita a comê-la.

A Iria, indignada, precipitou-se para acudir à rola. Mas quando lá chegou só viu no chão algumas penas e uma poça de sangue. A rainha Fedúncia trepara com toda a ligeireza para cima do penedo, a lamber os beiços e lá estava a dizer:

— Tudo quanto faço é por bem; é sempre a pensar na felicidade dos outros; é para os proteger e os defender. Nós, raposas, somos a polícia e a justiça da floresta.

— Viva! Viva! — berraram as lesmas e as ratazanas.

O senhor Violento, rei dos milhafres, pareceu nesta ocasião perder a cabeça porque se atirou à senhora Fedúncia e começou a esgatanhá-la com as garras e a atirar-lhe bicadas de meia-noite. E a senhora Fedúncia dava pinotes bravios e guinchos e dentadas a torto e a direito. E não se via senão penas e pêlos pelo ar.

As raposas juntaram num instante todas as ratazanas e toupeiras e lagartos e outros bichos destes e começaram a empurrá-los adiante de si contra os gatos bravios, texugos e milhafres que as queriam atacar. E quando viram todos embrulhados, foram-se raspando.

Mas de repente surgiram entre o mato dois fachos de luz brilhante como as lanternas de um automóvel; subiu ao ar uma grande fumarada; e ouviu-se uma voz terrível:

— Ú... Gú... rú... ú... ú!...

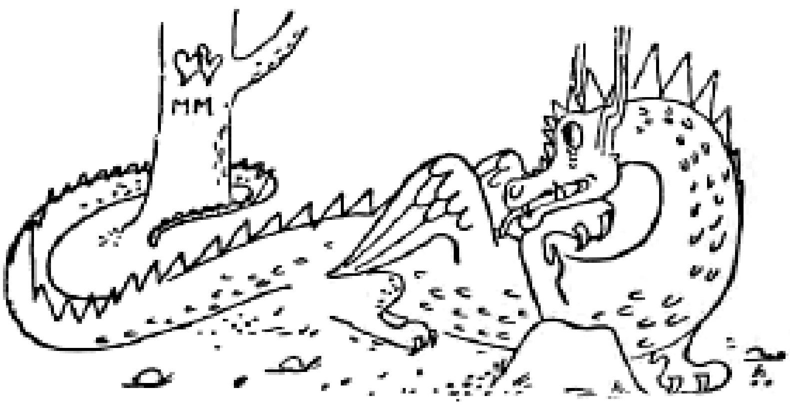
No mesmo instante toda a bicharada se sumiu como por encanto. Folhas a estalar, galopadas, ruído de asas... cada um fugia conforme podia e o mais depressa que podia. E daí a um instante, tudo estava deserto e silencioso.

A Iria tinha-se escondido num canto de sombra. Não tirava os olhos daquele animal extraordinário que ali aparecera de repente. Nunca tinha visto um dragão senão em pintura. Achava-o muito lindo, mas tremia de medo; só quando percebeu que o dragão não dera por ela, ficou mais descansada. O dragão veio até ao meio da clareira a trote, todo cor de fogo porque estava zangado, e com as escamas a brilharem ao luar. Olhou em volta e, vendo tudo em sossego, estendeu-se no chão, encostou a cabeça a uma das garras, todo pensativo, e começou a fazer-se azul-claro. Soltou um grande suspiro:

— Ó Gó... ró... ó... ó...

Então, ouviu-se do lado do mar, uma voz aguda que dizia assim:

— U... hi... hi... hi... U... hi... U... hi...



O dragão levantou-se de um salto, estremeceu, ficou todo cor de ouro, abriu as asas enormes e levantando-se no ar, abalou a voar, a voar para os lados da praia.

Um rouxinol começou a cantar; e dizia assim:

— É a noiva do Mostrengo a chamar por ele... Trrri... piu... piu... E ele não pensa senão na sua noiva... Anda sempre a escrever o nome dela e o dele nos troncos das árvores... Está muito namorado ... piu... piu... E os bichos da floresta fazem o que querem... Trrrri... piu... piu...

Mas a Iria sentia-se muito cansada com todas aquelas emoções. Voltou para a cabana, deitou-se e dormiu até de manhã.

Quando acordou já o sol nascera e o Bruno estava a tratar do Caracol, a limpá-lo, a dar-lhe a ração, tinha estendido um guardanapo no chão com as coisas para o almoço. Mas já pouco havia no farnel.

Enquanto comiam, a Iria contou ao Bruno a sua aventura da noite. O Bruno respondeu:

— Hum... Isso foi sonho.

O Caracol sacudiu-se e rinchou, o Bruno fez-lhe uma festa e disse:

— Sim, meu velho, bem sei. Tens sede, mas aqui não há água. Vamos para a estrada. Já é dia claro e pode ser que a gente encontre quem nos ensine o caminho para casa da Dona Redonda.

Arrumaram as suas coisas no alforje, montaram no Caracol e daí abalaram a trote pela estrada fora.

Andaram muito tempo sem encontrar água, nem casas, nem gente; tanto tempo que o pobre Caracol ia morto de sede, e o Bruno e a Iria que tinham

comido pouco de manhã, já levavam muita fome. Passava do meio-dia e o sol escaldava quando chegaram a uma encruzilhada. Cruzavam-se ali umas poucas de estradas. Mas por mais que olhassem para um lado e para o outro não viam vivalma, nem fonte, nem sinal de habitação.

O Caracol parou. Não sabiam o que tinham de fazer. A Iria não se ralava; só dava atenção aos pássaros que andavam nas ramarias a cantar. Mas o Bruno começava a estar aflito da sua vida.

Por fim o Caracol rinchou, espetou as orelhas e meteu por uma das estradas. O Bruno e a Iria viram dois vultos lá ao longe. À medida que se aproximavam, perceberam que um deles era um rapaz com uma toalha ao ombro. Mas o que seria aquilo que ia a caminhar ao lado do rapaz? Não era uma pessoa, nem um cavalo, nem um burro, nem um boi... Era um bicho muito grande, azul, com escamas de ouro que brilhavam ao sol, a cabeça levantada, muito linda, com dois olhos a luzir como fogo, e uma cauda enorme que dava voltas sobre si mesma e se estendia peia estrada fora... Que coisa tão esquisita! E também levava uma toalha ao ombro, como o rapaz.

Bruno — Hum... Não percebo nada. Nunca vi um bicho assim...

Iria — É o dragão que estava ontem na floresta. Deve ser o tal da Dona Redonda. O Mostrengo.

O Caracol soltou um rincho que parecia uma gargalhada.

E largou a meio galope, a brincar, a rinchar devagarinho, feliz da sua vida. E quando chegou em frente do dragão pôs-se em pé. E o dragão também se pôs em pé e os dois abraçaram-se com muito entusiasmo dando pancadinhas nas costas um do outro como dois grandes amigos.



O Bruno e a Iria que não esperavam aquilo, escorregaram pelas ancas do Caracol e caíram de pernas ao ar no meio da estrada.

O rapaz que ia com o dragão, veio logo a correr:

— Magoaram-se?

Mas os dois já estavam a pé. Não se tinham magoado nada.

O Bruno sentia-se um pouco envergonhado do trambolhão.

— Não costumo cair de um cavalo abaixo, disse ele. Não sei como isto foi.

O rapaz respondeu logo:

— Não havia ninguém que não caísse. O melhor cavaleiro do mundo havia de cair. O cavalo levantou-se de repente a prumo para o ar...

Olharam uns para os outros e desataram a rir.

O Bruno disse, todo risonho:

— Eu sou o Bruno; e esta é a Iria; e aquele é o Caracol I

E o rapaz, muito pronto:

— Eu sou o Chico; e aquele é o Mostrengo, íamos ali adiante ao mar, tomar banho.

Bruno — A gente vem de longe e andamos à procura da Dona Redonda.

Chico, encantado — Vocês conhecem a Dona Redonda? A Dona Redonda é uma grande amiga nossa.

Mostrengo — U... gú... rú... ú... Amiga nossa!

Foi um grito de alegria tão forte que até a terra tremeu. O Mostrengo tornou-se todo dourado e abriu as asas enormes; e todo ele brilhava e resplandecia.

A Iria achava-o lindo, não podia tirar os olhos dele.

Bruno — Que bicho tão extraordinário!

O Mostrengo largou-se a rir às gargalhadas:

— Há! Há! Há! Há! Há! Há!

Parecia uma trombeta. Quando o barulho amansou o Chico disse:

— Não é um bicho.

Bruno — Então o que é?

Chico — Não sei. Algumas pessoas dizem que é a sereia do farol, aquela buzina que berra quando há nevoeiro. Mas já se vê, a gente sabe muito bem que não é.

Bruno — Quem é «a gente»?

Chico — A gente da Dona Redonda.

Bruno — E onde mora a Dona Redonda?

Chico — Venham daí até à encruzilhada. Ensino-lhes um caminho que vai lá direito num instante. Eu vou lá ter depois. Mas primeiro vou tomar banho com o Mostrengo.

Puseram-se a caminho para a encruzilhada; os três pequenos adiante; o Caracol e o Mostrengo atrás a brincarem um com o outro.

Bruno — A Iria, o Caracol e eu vamos com muita fome. Não há por aqui alguma hospedaria?

Mostrengo — Há! Há! Há!...

Chico, pasmado — Hospedaria aqui na floresta? Que ideia!... Mas a Dona Redonda dá-vos logo de comer.

Bruno — É que não a conhecemos. Só de nome.

Chico — O que tem isso?

Bruno — Como é que havemos de chegar a casa de uma senhora que não conhecemos e pedir-lhe logo de almoçar?

Chico — Não se preocupem. Olhem, aqui está o carreiro para casa dela. Não há que enganar. É sempre a direito. Já lá vamos ter.

Separaram-se. O Chico e o Mostrengo viraram para o lado do mar, e os outros meteram-se pelo carreiro.

A Iria olhou para trás. Viu entre o mato a figura esbelta do Chico, o seu cabelo negro às ondas. E pareceu-lhe que do focinho do Mostrengo virado para o ar, saía fumo. Mas não disse nada. Eram tantas as coisas extraordinárias que, mais uma, menos uma, já não fazia diferença. Daí, iam todos três com tanta fome que nem tinham vontade de falar.

Depois de andarem um bom bocado começaram a ver entre as árvores uma casa pequena toda branca de neve, com portas e janelas verdes e teto cor-de-rosa. Perceberam logo que era a casa de Dona Redonda e ficaram muito contentes.

Já iam muito perto quando pararam de repente assarapantados. Um barulho de terramoto estremeceu o chão, seguido de grande gritaria e, logo se levantou por detrás da casa uma nuvem de poeirada.

Muitas vozes falavam e gritavam ao mesmo tempo:

— Eu bem lhe disse, mestre Elói, que esta parede era de papelão.

— É feita de uma fieira de tijolos. Quem se havia de lembrar que a senhora Dona Redonda trepasse para cima dela!

— Eu trepo para cima de tudo... Vou onde me apetece.

— Pois é, disse uma voz fresca e decidida. Trepas e rebolas seja por onde for. Por essas e por outras é que já uma vez te fizeste em fanicos.

— Vai à fava!

Grande coro de gargalhadas.

— Vamos espreitar por cima daquela moita, disse a Iria cheia de curiosidade.

Puseram-se à espreita e viram:

Uma parede desmoronada;

Um monte muito alto de entulho, pedras soltas, tijolos, tábuas, telhas;

No topo deste monte, uma senhora completamente redonda, de cabelo branco no ar aos caracóis e cara muito prazenteira; cá em baixo outra senhora; nova, delgada, de cabelo castanho e com ares resolutos;

Um homem em mangas de camisa baixo e atarracado, de cabelo esgrouviado e cara aflita.

E viram vir a correr um rapaz alto dos seus vinte e tantos anos vestido com um fato de macaco de sarja branca.

— O que aconteceu? perguntou o rapaz.

O homem de cara aflita respondeu:

— Pois não vê, Dinis? a senhora Dona Redonda trepou para cima do muro, ele foi-se abaixo com o peso e ela para não cair, saltou para cima deste monte de entulho... Valha-me Deus!

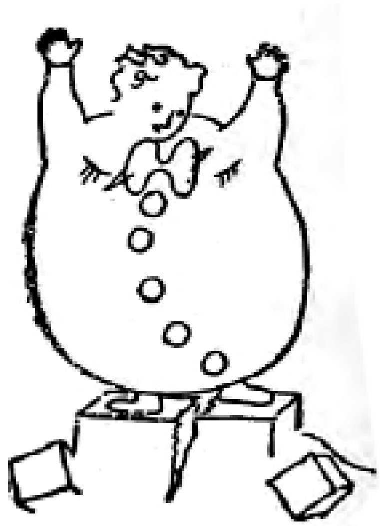
— Ai! Ai! gritou uma voz esganiçada do alto de um pinheiro. Ai! Ai! Aqui d'el-rei Quem acode! Zipriti sobe e não desce. Medo. Venham buscar Zipriti!

O Bruno e a Iria olharam para o pinheiro e viram lá uma coisa pequena de muitas cores a mexer, a agitar-se.

— É um papagaio, disse o Bruno.

— Nada. Aquilo não é papagaio, respondeu a Iria.

— O que eu quero saber, disse a senhora alta de cabelo castanho, é como tu, Dona Redonda, vais descer daí para baixo.´



Dona Redonda — Ó Dinis, diz lá como eu vou descer daqui.

Dinis, todo empertigado — Não sei.

Dona Redonda, com ar muito divertido — Não tens ideias? E tu, Dona Redonda? E você, mestre Elói?

Dinis — Talvez a Lucinda tenha.

E sorriu. Quando o Dinis sorria a alma espreitava-lhe pelos olhos como por duas janelas. E era uma coisa bonita de se ver.

A vozita lá do alto do pinheiro gritou:

— Ai! Ai! Aqui del-rei! Zipriti quer ir para baixo! Zipriti vais cair! Zipriti medo!

Mas ninguém fez caso porque todos estavam a olhar para a porta da cozinha. Saiu de lá uma bonita rapariga, muito fresca, muito bem penteada, com um enorme avental branco de neve. Trazia de rojo uma tábua larga e comprida. Todos começaram a dar palmas:

— Boa ideia! Bravo! Bravo, Lucinda!

Mas no mesmo instante surgiram do mato seis cãezitos castanhos, todos iguais: muito compridos e baixos, de mãos tortas, e de focinhos agudos, de grandes orelhas a dar e dar. Faziam uma guincharia que ninguém se entendia:

— Béu! Béu! Béu! Béu! Béu!...

Dona Redonda que estava lá no alto do monte de entulho de mãos nos bolsos do balandrau de ganga, muito risonha e contente da sua vida, gritou:

— Dona Maluka! Ordem! Ordem!

Dona Maluka foi buscar um ramito de pinheiro e agitou-o no ar:

— Calados! Senão... está aqui o tira-te imas!

A canzoada calou-se logo. Mas no mesmo instante abalou a galope para a frente da casa a gritar:

— Béu! Béu!

E daí a um instante apareceu o Chico com os cães todos aos pinotes à roda dele.

Chico — O que é isto? O que foi?

O mestre Elói voltou a explicar tudo.

Chico — Agora o que é preciso é tirar a Dona Redonda dali para baixo.

Dinis — Não se pode.

Lucinda — Pode, sim, senhor. Com esta tábua.

Dinis — De que serve a tábua?

Lucinda — Ora essa!

Encosta-se a tábua ao monte de entulho e a senhora Dona Redonda desce por ela abaixo.

Dona Maluka — Isso é asneira. A tábua encostada ali fica quase a prumo. A Dona Redonda não pode descer por ela; só se fosse uma mosca.

Mestre Elói, rindo às gargalhadas — Uma mosca! Há! Há! Há! A senhora Dona Maluka sempre tem cada uma! Há! Há! Há!

Dona Redonda que tinha estado muito calada lá no alto do entulho a ouvir tudo aquilo, começou a zangar-se:

— Não quero mais conversas nem preciso ajudas, disse ela. Agora quem manda sou eu!

Começou a dar ordens, toda despachada:

— Lucinda, larga a tábua. Dinis e Chico, encostem a tábua ao monte de entulho. Isso. Mestre Elói, ponha um pedregulho lá em baixo para a tábua não escorregar...

Mestre Elói — Valha-me Deus! A tábua assim fica quase a prumo!

Dona Redonda — Caluda! Faça o que eu digo.

Mestre Elói — Pronto, pronto...

Dona Redonda — Lucinda, vai buscar um lençol grande, dos novos.

Lucinda abalou a correr e voltou com um grande lençol de estopa.

Dona Redonda — Dinis e Chico, estiquem esse lençol, peguem em duas pontas. Mestre Elói e Dona Maluka, peguem nas outras pontas. Força! Bem esticado! Isso.

Então Dona Redonda encarrapitou-se no topo da tábua de pés juntos, abriu os braços e dando um impulso, deixou-se escorregar por ali abaixo que nem um raio, indo cair com toda a força dentro do lençol esticado.



Já se vê, com o embate, os quatro que seguravam o lençol foram de cangalhas ao chão; e a Dona Redonda também, de pernas ao ar. Mas o lençol quebrara a força da queda e levantaram-se todos num instante como se nada fosse com eles.

Toda aquela gente, entusiasmada, começou a dar palmas.

— Bravo! Bravo!

Houve até quem gritasse:

— Bis! Bis!

Os Pikis (que eram os cães), esganiçavam-se:

— Béu! Béu! Bravo! Bravo!

A Tarika;

A Menina;

O Piki;

O Pitsi;

O Fanico;

O Bemal.

Todos eram castanhos, menos o Bemal que era louro.

E saltavam e corriam como doidos, de um lado para o outro, metendo-se entre os pés das pessoas, pendurando-se ao fato, embrulhando e barafundando tudo.

O mestre Elói não tirava os olhos de Dona Redonda, cheio de admiração.

— Parece impossível! disse ele. É bem certo que em tudo, o importante sempre é ter miolos.

Dona Redonda — Qual miolos nem qual carapuça! O que é preciso é quem mande e quem obedeça.

Mestre Elói — Sim, senhora; mas para saber mandar é preciso ter miolos.

Dona Redonda, com um dedo espetado para o mestre Elói — Não seja teimoso. De que servirá ter miolos e saber mandar se não houver quem saiba obedecer?

Mestre Elói, pensativo — Lá isso é verdade. Mas... valha-me Deus, senhora Dona Redonda, quando há quem tenha miolos e saiba mandar, logo há quem saiba obedecer.

Dona Redonda, sempre de dedo espetado para ele — Isso é asneira. Saber obedecer é coisa tão difícil e admirável como saber mandar. Para obedecer bem é preciso miolos como para mandar bem. Porque, já se vê... se todos quiserem mandar e ninguém quiser obedecer... o que acontecerá, Mestre Elói? Ora diga lá, ande.

Mestre Elói, todo aflito puxando as melenas com desespero — Ai, valha-me Deus, que não tenho miolos para pensar tais coisas!

Dona Redonda tirou uma cigarreira do bolso e ofereceu cigarros ao mestre Elói, dizendo:

— Vai um cigarro?

Mestre Elói, fazendo uma cortesia e tirando um cigarro com toda a delicadeza — Eu tenho aqui os meus, mas vá lá, para não desfazer... E muito agradecido.

Dona Maluka — E a respeito de almoço? Ninguém pensa nisso?

Dona Redonda — Boa ideia! Lucinda, o almoço está pronto? O que dás tu à gente?

Lucinda, toda risonha — Bacalhau guisado com batatas, pão, queijo e laranjas.

Lá do alto do pinheiro a vozita esganiçada começou a guinchar:

— Ai! Ai! Zipriti quer bacalhau, quer! Zipriti descer! Ai! Ai! Zipriti cair! Quem acode? Aqui d'el-rei?

Então viram um lindo rapaz com uma camisa cor de fogo e o cabelo cor de cobre, sair do mato direito ao pinheiro e trepar por ele acima.

— Olá! disse Dona Maluka. Onde vais tu?

O rapaz (que era o Bruno) respondeu trepando sempre:

— Vou buscar o papagaio que está lá em cima a pedir socorro.

Todos desataram a rir, mas o Bruno não parou senão lá no alto do pinheiro; e daí a pouco desceu cá para baixo com a Zipriti às cavalitas.

A Iria e o Caracol já estavam no meio de toda aquela gente.

O Bruno disse à Iria:

— Afinal tu é que tinhas razão. Não era um papagaio.

Dona Maluka — Mas quem são vocês?

Bruno — Somos o Bruno, a Iria e o Caracol.

Chico — Eu já os conheço. Encontrei-os na estrada.

Dona Redonda — Vamos para a frente da casa. Aqui com as obras está tudo em desordem. Vamos almoçar. É servido, mestre Elói?

Mestre Elói, todo cortês — Muito agradecido; tenho ali o meu farnel. Bom apetite a todos os senhores.

E sumiu-se com o Dinis e a Lucinda.

— Vamos, vamos... disse Dona Redonda.

E seguida por todos, deu volta à casa. No alpendre estava a mesa posta e a Lucinda já tinha trazido uma enorme travessa cheia de bacalhau guisado com batatas.

Os Pikis rodeavam o Caracol, com muitos gemidinhos amigos, aos saltos para lhe lamberem o focinho; e o Caracol abaixava a cabeça, pegava-lhes nas orelhas com as beiçorras e, todo contente, dizia: Brrru... Brrru...

A Menina, fazendo as honras da casa ao Caracol — Talvez queira um osso.

Tarika, de orelhas levantadas — Onde está o osso?

Fanico — Eu escondi um.

Piki — Onde? Onde?

Pitsi — Eu sei mas não digo.

Bemal, todo doutor — A Lucinda tem muito na cozinha que eu bem vi. Béu! Béu!

Dona Redonda — Calados! Lucinda, põe mais dois lugares na mesa.

Lucinda — Já cá estão.

Dona Redonda — Boa rapariga! Ó Dinis! Leva o Caracol para a cavalariça. Dá-lhe água, milho, erva... o que ele quiser.

O Dinis ia já a caminho da cavalariça quando a Dona Redonda o voltou a chamar:

— Ó Dinis! Estas laranjas não são lá grande coisa. Não havia melhor no mercado?

Dinis — Havia, sim. Mas eram caras.

Dona Redonda — Podias ter trazido algumas.

Dinis — Essas são pequenas mas são doces. A senhora Dona Redonda trabalha, trabalha... e não ganha mundos e fundos.

A Zipriti põe-se a cantar e a dançar em frente à casa. Aos saltinhos, às reviravoltas e a bater o compasso com as mãos. Era a coisa mais engraçada que se podia ver. E cantava esta cantiga:

Tenho uma prima no Porto

Foj'Ana!

Outra no Cais da Ribeira

Tum! Tum! Balas, balas, balas

Tum! Tum! Balas, balas, tum!

E todos começaram a dançar e a cantar o coro:

Tum! Tum!. Balas, balas, balas.

Dona Redonda e Dona Maluka, isso então era um assombro como elas dançavam. O Bruno e a Iria estavam de boca aberta. Nunca tinham visto uma coisa assim. Dona Redonda, leve que nem uma pena, pulava, rebolava, redemoinhava, sumia-se no mato, tornava a aparecer por onde ninguém esperava. E Dona Maluka de braços no ar a dar estalinhos com os dedos, e toda requebros e sapateados, sempre com um ramo de flores secas de acanto, na mão.

Lucinda — Então! Então! O bacalhau vai ficar frio!

Mas ninguém fazia caso. Era só cantar e dançar!

— Tum! Tum! Balas, balas, tum!...

A Iria e o Bruno tinham-se juntado aos outros, todos entusiasmados...

Quando por fim se sentaram à mesa, o Bruno disse, um pouco atrapalhado:

— Senhora Dona Redonda, senhora Dona Maluka, eu entendo que antes de começar o almoço, devo explicar...

Dona Redonda — Cala a boca e come. Não precisamos de explicações. Basta olhar para a tua cara e para a da Iria para se ver que vocês pertencem cá à minha gente. O resto não importa.

No fim do almoço apareceu o mestre Elói e perguntou à Dona Redonda:

— E agora?

Dona Redonda — Agora o quê?

Mestre Elói — Sim, valha-me Deus... a respeito do muro.

Dona Redonda — O que tem o muro? É preciso fazer outro; e de pedra e cai e rijo e grosso. Não de papelão como aquele.

Mestre Elói, puxando pelas melenas — Mas, valha-me Deus! um muro como a senhora Dona Redonda diz custa muito dinheiro.

Dona Redonda — E daí?

Mestre Elói — Eu não vou fazer um muro caro. quando posso fazer um barato que serve à mesma. Não quero que a senhora Dona Redonda vá deitar à rua dinheiro que lhe custa a ganhar.

Dona Redonda, querendo estar séria mas com muita vontade de rir — E porquê?

Mestre Elói — porque há de ser? Porque a gente é amiga da senhora Dona Redonda e não a deixa fazer estroinices.

— Bravo! Bravo! Apoiado! — gritaram a Dona Maluka, a Lucinda e o Chico com grande acompanhamento de berros e guinchos da Zipriti e dos Pikis que estavam sempre prontos para fazer barulho.

Dona Redonda levantou-se e foi dar pancadinhas nas costas do mestre Elói.

— Faça lá o que entender, mestre Elói, disse ela. Você percebe mais de muros do que eu. E prometo que não tomo a trepar para cima do novo. E prometo ainda outra coisa: é que havemos de fazer aqui uma festa de arromba quando a obra estiver pronta e que hei de dançar a primeira dança do baile com o mestre Elói.

Mestre Elói — Valha-me Deus! E eu que não sei as danças da moda!

Dona Redonda — Que tem isso? Havemos de inventar uma dança nunca vista e que há de deixar todos de boca aberta!

Era tal a alegria de toda aquela gente que até os pinheiros à roda da casa pareciam rir.

CAPÍTULO 4

VERSOS, CANTORIAS E PONTAPÉS

Vieram para fora de casa e sentaram-se todos no chão à sombra dos pinheiros.

A Dona Redonda não tirava os olhos do Bruno; punha a cabeça para o lado, franzia a testa, e por fim disse-lhe:

— Vira-te de lado... Assim... Agora levanta-te e anda... Basta. Agora torna para cá. Está bom. Agora já sei.

Bruno, muito vermelho — Sabe o quê, senhora Dona Redonda?

Dona Redonda — Hem!... Sei... o que queria saber.

Estendeu os braços para o Bruno:

— Puxa por mim que me quero levantar. Pegou na mão de Bruno e afastou-se com ele alguns passos. Começaram os dois a falar a meia voz.

A Dona Maluka e a Iria que estavam mais perto deles, ouviram sem querer algumas palavras soltas:

Dona Redonda — ... Conheci logo... és tão parecido!...

O Bruno falou muito em voz baixa e só no fim se ouviram algumas palavras: — ... e fez-me prometer que nunca dissesse...

Dona Redonda — Fez muito bem... Só assim podias aprender... tirar proveito da experiência...

A Dona Maluka que não gostava nada de ouvir sem querer estes farrapos da conversa, começou a cantar uns versos da sua invenção:

A vida é esquisita

Esquisita é a vida

Rebola como uma bola a rebolar

E logo é ida.

Zipriti, muito desafinada — *Tum, tum, balas, balas, balas*...

A Iria e o Chico desataram a rir; mas a Dona Maluka foi continuando como se não fosse nada com ela: *A vida é esquisita*...

O Pitsi sentou-se, virou a cabeça para o ar e começou a uivar:

— Ah... hú... ú... ah... hú... ú.

Dona Redonda veio a correr:

— Que chinfrineira! Dona Maluka, nunca vi menos jeito para versos!

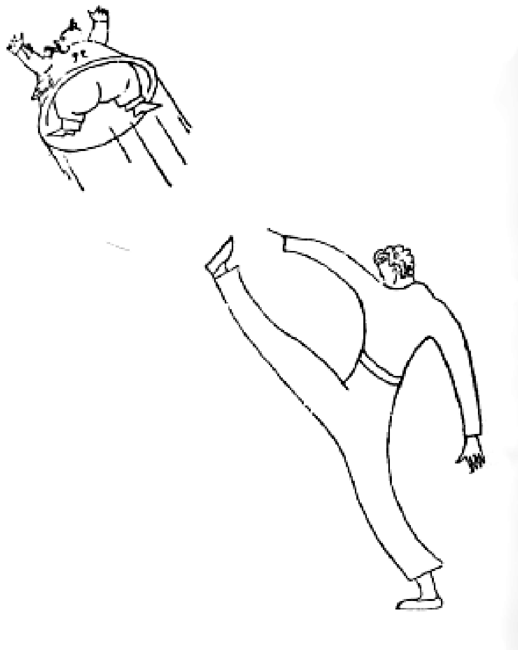
A Dona Maluka, toda contente como se tivesse recebido um elogio, ia responder, quando se ouviu lá por detrás da casa, a voz do Mestre Elói, alta e furiosa:

— Que é que você pensa, seu manipanço, seu espantalho de pau? Pensa que eu sou algum arrátel de manteiga para vender, ou algum pedaço de asno como você? Ponha-se a andar que ninguém lhe deu licença de aqui vir! E vá para o diabo que o carregue! Ora o que a gente vê!

E logo uma voz de cana rachada respondeu:

— Ainda se há de arrepender ao seu tempo. Você é que devia estar ali sentado à sombra e a escrever histórias da Carochinha muito bem repimpado, e a Dona Redonda aqui a fazer o muro! Olhe, o Dinis escutou o que eu disse e ficou a pensar... Tem mais juízo que você.

Mas nisto ouviu-se uma pancada seca, um guincho, e todos viram vir pelo ar uma sineta sarapintada, com braços e pernas...



Dona Maluka — Que foi aquilo?

Iria — É o Bú!

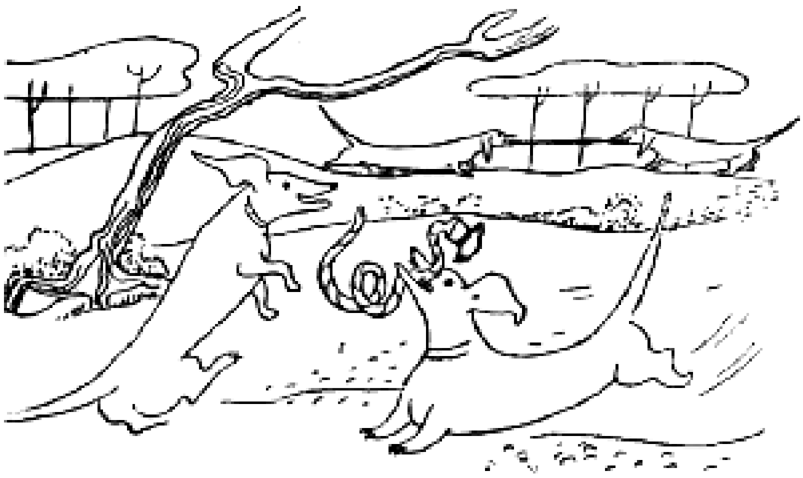
E nisto a sineta caiu no chão e, com o impulso que trazia, começou a rebolar entre as árvores, esperneando e guinchando; e os Pikis todos atrás dela, a rosnar, a ladrar, às dentadas, aos saltos... A pouco e pouco foi-se percebendo que era um homenzinho de um metro de altura, com um casaco de pau do feitio de um sino.

— Olha! Olha! disse Dona Maluka, os Pikis já lhe arrancaram as mangas encarnadas!

Mas a Dona Redonda não chamou os cães.

— Bem feito, — disse ela. — É para o idiota aprender, para perder o costume de rondar a nossa casa. Zipriti! Isso! Força! Puxa-lhe o saca-rolhas!

A Zipriti estava filada ao Caracol no alto da cabeça do Bú, enquanto os Pikis aos pinotes andavam cada qual com o que tinham arrancado: um com uma bota, outro com um farrapo de seda vermelha, outro com um botão dourado, outro com um cordão amarelo...



O mestre Elói, o Dinis e a Lucinda chegaram a correr.

Lucinda, indignada — Vá, Dinis! Dá-lhe outro pontapé!

Mestre Elói, cheio de admiração — Eu não sabia que o Dinis era capaz de dar um pontapé assim. Isso é pontapé de campeão!

Lucinda — Ele não joga à bola, mas vai ver o jogo todos os domingos sem falta. E à força de ver... não lhe conto nada!

O Dinis animado com estes elogios, aproximou-se do Bú, preparando-se para lhe dar outro pontapé. Mas a Dona Redonda não deixou.

— Mais não, Dinis, disse ela. Por hoje basta. Põe-no em pé e trá-lo aqui em frente de mim.

O Bú não fazia senão espernear, rebolar, guinchar como um possesso.

O Dinis pegou-lhe pela gola do casaco de pau e trouxe-o pendurado até em frente da Dona Redonda.

Bú, furioso — Hão de mo pagar! Hei de ir à Polícia mostrar o estado em que estou. Hei de vê-los a todos no xelindró, olé!

Zipriti, ameaçando o Bú com um graveto — Feio! Zipriti zangada, dar pancada, castigar. E vem homem do saco e leva tu e tudo! Ai! Ai! E ninguém dá bolos a tu, nem chá, nem nada! Não dá, não!

Bruno, ao mestre Elói — O que é que ele queria?

Mestre Elói — Ora! Tem cabeça de alhos chochos. Meteram-lhe na ideia meia dúzia de parvalheiras: que agora os que servem devem mandar e os que mandam devem servir...

De repente o mestre Elói desatou a rir tanto que nem podia falar.

— Deus me perdoe! Hi... Hi! Hi!... Pôs-se a dizer que eu havia de fazer o trabalho da senhora Dona Redonda... Hi! Hi! Hi!... e a senhora Dona Redonda havia de ser servente de pedreiro!... Valha-me Deus! Hi! Hi! Hi! Vejam lá os livros que tinham de sair da minha cabeça! E que argamassa sairia das mãos da senhora Dona Redondal... Hi! Hi! Hi!...

E o mestre Elói ria tanto que se dobrava ao meio e as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo.

Bú, todo empantufado — Ria, ria... que ainda há de chorar. Ainda o hei de ver numa forca e eu e a menina Lucinda a passear de carruagem e estes senhores a limparem a casa e a fazerem o jantar para a gente! Olé!

Lucinda, furiosa — Você há de ir de carruagem mas é para o inferno, seu estúpido! Seu anão das dúzias! Não olhe para mim de resvés que o escangalho!

Bú — Você está zangada agora porque não entende. Mas quando se vir de vestido de seda e chapéu de plumas e com uma sala de banho e carruagem e telefonia e tudo, e a dar ordens à criadagem...

Lucinda, furiosa — Grande parvo! Se são todas iguais, que é da criadagem?

Bú — A criadagem está ali!

E apontava para a Dona Redonda e Dona Maluka e para os pequenos.

Dona Maluka, muito divertida — Há de ser fresco o serviço!

Lucinda, sentenciosa — O que a gente é, vem do nascimento e da criação. Não se aprende.

Bú — Então diga lá para que servem as escolas?

Mestre Elói, desesperado — Eu não quero que os meus filhos sejam senhores. Quero que sejam bons pedreiros como eu, ouviu? Nem eles querem, fique sabendo, e ninguém os pode obrigar.

Bú — Isso é enquanto não virem claro, enquanto não perceberem que todos são iguais e que homens e mulheres têm os mesmos direitos...

Lucinda — Ah! Todos iguais e todos na pândega, não é?

Bú — Pois está visto.

Lucinda — E quem trata das crianças?

Bú — Ora essa! É o Estado, já se vê.

Dinis — O que é o Estado?

Bú — O Estado é quem manda. É você e sou eu.

Dona Maluka, cada vez mais divertida — Então o Dinis e você é que hão de lavar as fraldas sujas dos meninos de toda a gente?

Bú, atrapalhado e começando a perder a cabeça — Quem lava as fraldas é a senhora.

Dona Maluka — E se eu não quiser?

Bú, desnorteado — Se não quiser, corta-se-lhe a cabeça.

Dona Maluka — Mas como somos todos iguais, antes de você me cortar a cabeça, corto-lhe eu a sua.

Desataram todos a rir e o Bú ficou-se de boca aberta sem saber o que havia de dizer. E então a Dona Redonda levantou a voz e disse muito séria:

— Basta de palhaçadas. E tu, Bú, fecha essa boca porque por ela aberta, só entram moscas ou saem asneiras. E ouve bem o que vou dizer. Estou farta de ti e das tuas parvoíces. Se tornas a aparecer perto desta casa ou em sítio onde eu te veja, mando o Mostrengo dar-te um castigo que te há de ficar de lembrança. Dinis! Põe-me este macaco daqui para fora.

Bruno — Dona Redonda, dê-me licença de tirar o casaco de pau a este boneco e dar-lhe um par de açoites, que bem precisa deles.

Chico — E depois, Dona Redonda, deixa-o pela minha conta. Quero dar-lhe um banho no tanque para lhe refrescar as ideias que andam turvas...

O Bú olhou para o Chico, para o Bruno e para o Dinis que se aproximavam dele com ares de poucos amigos; e começou a chorar e a gritar:

— Não me façam mal! Não chamem o Mostrengo! Eu não tenho culpa. Mandam-me dizer estas coisas...

Mas nisto ouviu-se uma grande restolhada no mato e surgiu a Recantamplana aos uivos:

— U... é! U... é!... Bú! Burro! Que estás a fazer aqui? Propaganda, hem?

U... é! U... é! Marcha para casa!

O Bú, aterrado abalou a correr como se tivesse visto o diabo, com um pé calçado, outro descalço, as mangas esfarrapadas a voarem como bandeiras ao vento, as perninhas a mexerem-se com incrível rapidez.

— Ui! Ui! Ui! guinchava ele.

A Recantamplana largou a galope, passou-lhe entre as pernas, virando-o de cangalhas para cima da carapaça onde ele se agarrou aos relevos conforme pôde, e assim o levou num turbilhão de poeira.

Os Pikis tinham-se precipitado todos para dentro da casa, com muito medo da Recantamplana. E a Zipriti, filada à saia da Dona Maluka, saracoteava-se toda, enfiada, a chupar no dedo e a olhar de resvés para o mato.

— Zipriti não gosta cágado pintado, não. Zipriti medo bicho.

Dona Maluka — Aquele bicho chama-se Recantamplana. Não faz mal nenhum.

«Ai! Ai! Zipriti bonita!»

Zipriti — Recantamplana pintada levar pessoas.

Zipriti medo, Zipriti trepar às árvores...

Chico — Se trepas, apanhas. E um dia ficas iá em cima, que ninguém te vai buscar.

Zipriti, aflita — Ai! Ai! Zipriti não faz outra, não.

Zipriti é bonita.

Os Pikis foram saindo de casa, mas ainda desconfiados, deitaram-se com muito juízo ao pé da Dona Redonda.

Tarika — A mesa de cores já se foi embora.

Bernal — Não é mesa. É um baú.

Menina — Já se vê que é mesa. Um baú não tem pernas.

Pitsi, que estava a cantar o Fanico — Ora esta! ia apanhar uma carraça e saltou uma pulga!



Piki — Não era pulga; era uma mosca. Lá anda ela a passear na perna da Dona Maluka...

Dona Redonda — Anda cá, Iria. Como vieste aqui ter? E de onde vens?

«Tarika»

Iria — Foi um pássaro que me chamou. E depois encontrei o Bruno. Venho do Toutiço, da hospedaria Dona Catapulta.

Dona Redonda — Com quem estás iá?

Iria — Estou só.

Dona Redonda — Disseste à Dona Catapulta que te demoravas?

Iria — Ai, meu Deus! Nunca pensei em tal! Coitada da Dona Catapulta! É capaz de estar aflita!

Dona Redonda — A Dona Catapulta nunca se aflige. Mas amanhã vamos lá fazer-lhe uma visita.

— Boa ideia! Boa ideia! disse a Dona Maluka. E toda contente começou a cantar:

Lá no mar

No mar lá

Havia uma ilha sem água nem casas nenhumas

No mar tralará.

Zipriti — Tum, tum, balas, balas, balas...

Dona Redonda, indignada — Parece impossível. Dona Maluka, que não te envergonhes de inventar cantigas dessas! Nunca vi mais falta de jeito!

Dona Maluka, toda contente — Pois é. Não têm pés nem cabeça.

Dona Redonda, cada vez mais indignada — Um desastre os teus versos! Um verdadeiro desastre! E não têm graça nenhuma.

Chico — Não se zangue, Dona Redonda. Lá graça têm. São tão desconchavados e sensaborões que fazem rir.

Dona Redonda ficou a pensar nisto.

Depois perguntou ao Chico:

— Tu ris?

Chico — Toda a gente ri. Só a Dona Redonda fica séria porque se zanga.

Dona Redonda — Pode ser que tenhas razão. Hei de pensar nisso. A gente nunca deve ver as coisas de um lado só.

Lucinda, aparecendo à porta da casa — Onde havemos de fazer camas para os meninos?

Dona Maluka — Quais meninos?

Lucinda — Pois que meninos hão de ser, senhora Dona Maluka? O menino Bruno e a menina Iria.

Dona Redonda, acendendo um cigarro e tirando grandes fumaças — Ora que pergunta, Lucinda! O menino Bruno pode dormir no divã da casa de entrada e faz a cama da menina Iria no meu quarto de trabalho.

Lucinda desatou a rir e daí a pouco todos riam às gargalhadas.

Dona Redonda, muito admirada — O que foi? Do que estão vocês a rir?

E, olhando desconfiada para Dona Maluka, perguntou:

— Cantaste alguns novos versos que eu não ouvi?

Lucinda — Valha-me Santo António, senhora Dona Redonda! Pois não se lembra que o seu quarto de trabalho está todo desmanchado com as obras para o fazer maior?

Dona Redonda — Ah! é verdade! Tinha-me esquecido. Mas não faz mal. A Iria pode muito bem dormir no meu quarto e eu vou dormir nas obras. Há de por lá haver um carrinho de mão ou um monte jeitoso de cal e areia. Eu durmo em qualquer parte. Não se fala mais nisso.

Todos desataram a falar ao mesmo tempo:

— Nunca vi maior disparate!

— Não vê que a cal amassada está encharcada?

— Como há de caber no carrinho de mão?

— Dormir nas obras! Parece impossível!

Tarika, acordando com o barulho — O que foi? Viram algum rato?

Piki — Onde está o rato?

Bemal — Está nas obras. Vamos ver.

Zipriti — Não é rato, não. É coelho. Ali, ali, no mato!

Abalou a correr com os cães todos atrás.

Bruno — Eu durmo na cavalariça em cima da palha, se a Dona Redonda me dá licença. É só uma noite, que amanhã vou-me embora.

Dona Redonda — Não vais tal. Amanhã vamos todos ao Toutiço visitar a Dona Catapulta.

Piscou o olho ao Bruno e foi dentro da casa buscar Fanico uma corneta onde começou a soprar com toda a força e da qual tirou sons fortíssimos e desafinados:

— Tá... tá... rá... tá... pú... pi...

Apenas ela acabou de tocar, puseram-se todos à escuta.

Ouviu-se um barulho enorme como de um terramoto e apareceu por cima da ramaria uma enorme fumarada e duas grandes chamas vermelhas.

Bruno, agarrando no braço do Chico — É um incêndio! Anda! Vamos buscar baldes de água e enxadas e machados... Depressa...

Chico — Não é incêndio nenhum. Tu ainda não estás acostumado. É o Mostrengo.

Era o Mostrengo; mas vinha maior que um elefante. E agora, a cabeça surgia por cima das árvores, linda e resplandecente, a brilhar ao sol.

— Ú... gú... rú... ú... ú... Dona Redonda! Onde está Dona Redonda? Quem se atreve a fazer mal a Dona Redonda?! Gú... rú...

Dona Redonda — Estou aqui! Que asneira é essa de vires assim feito gigante, todo espanta-ratos como se fosse o fim do mundo?

O Mostrengo, envergonhado, começou a diminuir até ficar do tamanho de um burro e veio lamber o alto da cabeça de Dona Redonda esgadelhando-a toda.

Mostrengo — Gú... rú... Dona Redonda chamou por mim; Gú... rú... Julguei que havia algum perigo...

Dona Redonda — Então eu só te chamo quando há perigo?

Mostrengo — É que ando muito nervoso... gú... rú... Ando esquecido...

Dona Maluka — Sim, sim... Andas mas é enamorado, é o que tu andas.

O Mostrengo fez-se todo encarnado e começou a rir com ar aparvalhado:

— Gúrú... gúru... Não é isso, Dona Redonda... gú... rú... Ando nervoso...

Dona Redonda — Está bom. O que eu queria dizer-te é que nos hás de levar amanhã ao Toutiço...

A Zipriti saltou para o meio do terreiro em frente da casa e começou a dar estalinhos com os dedos e a cantar e a dançar:

Meninas, vamos ao Vira,

Que o Vira é coisa boa...

E logo a Dona Maluka, o Bruno, o Chico e a Iria, todos entusiasmados correram para o meio do terreiro a dançar e a cantar:

Eu quero dançar o Vira

Com as meninas de Lisboa

E todos em coro:

Vira, não vira,

Toca a virar...

Daí a pouco estava tudo no meio do terreiro, a dançar, Dona Redonda, Mostrengo e tudo.

A Lucinda, o Dinis e o Mestre Elói, ouvindo o Vira lá por detrás da casa, vieram a toda a pressa e largaram-se também a dançar e a cantar. E até o Caracol saiu da cavalariça e veio a galope dançar com o Mostrengo. E os Pikis, então, era coisa de espantar!



Nunca se dançava um vira assim. Cada qual queria fazer requebros e reviravoltas com mais ligeireza e graça, mas a verdade é que ninguém chegava à Dona Redonda e ao Mestre Elói. O que eles faziam era coisa nunca vista. Mas a Lucinda e o Dinis que tinham fama de grandes dançarinos em todos os bailes do pinhal, não queriam ficar atrás... Enfim, um vira como aquele nunca fora bailado em parte alguma do mundo.

Os coelhos do pinhal, os milhafres, os sapos, as ratazanas e os gatos bravos, escondidos no mato, espreitavam, empurravam-se uns aos outros para verem melhor; e os pássaros calados e de bicos abertos de pasmo eram tantos que até os ramos das árvores vergavam com o peso deles.

Há até quem diga que o senhor Violento e a senhora Fedúncia, esquecidos das suas brigas, estavam de braço dado por detrás de uma moita-f' à coca, assombrados, estarrecidos de admiração.

E os dançarinos, bumba que bumba, sempre a bailar e a cantar:

Vira não vira

Qu'eu cá já virei...

Estavam todos estafados e alagados em suor quando a Dona Redonda parou de repente e gritou:

— Basta! Basta! Basta! que eu morro!

E atirou-se para o chão. Já se vê, foi logo a rebolar até que deu contra uma árvore. Então sentou-se, estendeu as pernas, encostou a cabeça ao tronco e começou a abanar-se com um enorme lenço encarnado.

Os outros todos, exaustos, estavam estendidos no chão a descansar quando começou a espalhar-se no ar um cheiro a esturro.

A Lucinda levantou-se num repente:

— Ai o meu rico feijão que se está a queimar!

E abalou de corrida para a cozinha com o Dinis para salvarem a sopa. E o mestre Elói disse:

— Valha-me Deus! que as obras estão paradas!

E lá se foi também a trote.

O Mostrengo estava deitado todo romântico de cabeça encostada à mão e olhos de carneiro mal morto revirados para o céu.

Dona Redonda — Vamos a saber: tu és capaz de levar toda esta gente até ao Toutiço?

Mostrengo — Se não for, arranjo uma ajuda!

E ao dizer isto, os olhos brilharam-lhe e faiscavam-lhe que nem duas fogueiras do S. João.

Dona Maluka — Hem! Hem! Já entendo... És muito esperto mas não apanhas ratos...

A Tarika, muito ensonada perguntou — Onde estão os ratos?

E adormeceu logo outra vez.

Dona Redonda, ao Mostrengo — Está bom, está bom... Eu não quero saber. Arranja lá o que quiseres.

Mostrengo — A que horas abalamos daqui?

Dona Redonda — Depois do almoço. Mas há uma coisa em que é preciso pensar. Se chegamos ao Toutiço a cavalo num dragão, toda aquela gente morre de susto.

Mostrengo, todo finório — Não se preocupe, Dona Redonda, isso fica pela minha conta.

Nisto, ouviu-se um silvo agudíssimo e fortíssimo:

— U... hi... i... i... Uhi! U... hi!... i!... U... hi... i... i... i... U... hi!...

Bruno — O que é isto?

Chico — Uns dizem que é o barco de arrastão a dar sina! de que a pesca foi boa. Mas nós sabemos muito bem que não é.

Iria — Então que é?

Chico — É a Mostrenga.

Todos tinham tapado os ouvidos para não ficarem surdos. Mas o Mostrengo derreteu-se todo, arreganhou a dentuça num riso de presunção, e respondeu:

— U! gú... rú... ú... ú... com tal estrondo que a Zipriti caiu de cangalhas.

Mostrengo — Que voz tão doce! Parece um rouxinol!

E partiu que nem uma seta para o lado do mar.

Dona Maluka — É preciso proibir a Mostrenga de guinchar assim. Dá-nos cabo dos ouvidos. Tens que pôr ponto a isto, Dona Redonda.

Dona Redonda, encolhendo os ombros — Isto tudo é amor. Não se pode fazer nada. O que é preciso é casá-los. Depois de casados gritarão a meia voz como toda a gente.

CAPÍTULO 5

AS MARAVILHOSAS INDUSTRIAS DO GRANDE SARAPANTÃO

No dia seguinte, depois do almoço lá estavam todos no terraço prontos para o passeio ao Toutiço. E Dona Redonda andava de um lado para o outro, de mãos atrás das costas um pouco impaciente porque o Mostrengo não aparecia.

Mas daí a um instante ouviu-se uma restolhada no mato, e risinhos e gritinhos nervosos; e surgiu o Mostrengo trazendo pela mão, todo protetor, a Mostrenga.

O Mostrengo vinha do tamanho de um cavalo e a Mostrenga do tamanho de um burro, e ambos encarnados como pimentões, cheios de acanhamento e de vergonha.

— Dona Redonda, disse o Mostrengo metendo os pés pelas mãos e todo atrapalhado da sua vida, esta é uma menina da minha família que vem para nos ajudar nesta jornada.

E ganhando ânimo, voltou-se para a Mostrenga e acrescentou:

— Anda, dá aí umas voltas para estes senhores verem como és linda, e diz qualquer coisa para ouvirem a tua voz.

A Mostrenga começou a dar voltas no terreiro com requebros como o manequim de uma casa de alta costura e depois parou e soltou um silvo que nem uma locomotiva:

— U... hi! U... hi!... hi... i... i...

A Zipriti e os Pikis caíram logo no chão com a força do som e foram que tempos a rebolar. E todos taparam os ouvidos a toda a pressa para não ficarem com os tímpanos rebentados.

— Basta! Basta! gritou Dona Redonda.

A Mostrenga era realmente uma beleza. Airosa e majestosa ao mesmo tempo. Toda ela brilhava e resplandecia como uma joia preciosa. E o Mostrengo encantado, não tirava os olhos dela. Via-se bem que estava namoradíssimo.

Dona Maluka, entusiasmada — Nunca vi nada mais maravilhoso e deslumbrante que este par de dragões!

Estavam todos pasmados e encantados.

A Dona Redonda foi a primeira a cair em si.

— Tudo isto é muito bonito e tenho um grande prazer em conhecer a menina Mostrenga que é a coisa mais linda que se pode ver, e já gosto muito dela. Mas agora o que eu quero saber é como nos vamos arranjar para a nossa jornada.

Mostrengo — Eu tenho uma ideia que me parece boa. Quer ver, Dona Redonda?

E começou a chamar peio mestre Elói que veio a correr. E a Lucinda e o Dinis vieram também. Ficaram todos três espantados a olhar para os Mostrengos.

Mestre Elói, esfregando os olhos — Valha-me Deus... que estou a ver tudo dobrado!

Dona Maluka — Isso é tolice, mestre Elói. Você só vê dobrado o Mostrengo, que não está dobrado, porque o outro dragão é a Mostrenga.

Lucinda — Ah! então esta é que é a noi...

Dona Redonda — Cala a boca! Não se trata disso. Diz lá a tua ideia, Mostrengo.

Mostrengo — Eu quero que o mestre Elói ou o Dinis ou a Lucinda descubram um cano velho do fogão.

O Dinis abalou a correr e voltou daí a um instante com um enorme cano todo negro e ferrugento.

Mostrengo, todo contente — Isto mesmo. Esplêndido. Agora quero um pedaço de sarapilheira.

Quando a Lucinda trouxe a sarapilheira, o Mostrengo atou-a à roda da cabeça, enfiou o focinho no cano, desenrolou a cauda e começou a crescer. E a Mostrenga que já estava ensaiada, agarrou-se à ponta do rabo do Mostrengo, estendeu também a sua cauda e desatou a crescer.

Daí. a pouco o comprimento dos dois era tal que nem um comboio de mercadorias.

Mostrengo — Bem. Agora a Dona Redonda e toda a gente que vai ao Toutiço, façam favor de tomar os seus lugares.

Dona Redonda, Dona Maluka, o Chico, o Bruno, a Iria e a Zipriti, precipitaram-se para os Mostrengos e com grande barafunda e confusão, treparam-lhes para as costas e instalaram-se o melhor que puderam.

A Mostrenga começou a apitar e o Mostrengo, com a cabeça escondida virada para o ar e o nariz dentro do cano, soprou uma grande fumarada e faíscas. Abalaram.

— Tuf... tuf... tuf... U... hi!... i... i...

Era tal qual um comboio.

— Bravo, Mostrengo! Bravo! gritavam todos com grande entusiasmo.

O mestre Elói, a Lucinda e o Dinis, diziam adeus com os lenços:

— Adeus! Adeus! Boa viagem!

Os Pikis acompanharam um pedaço os viajantes, a galopar, a ladrar, mas daí a pouco o comboio ganhou tal velocidade que o perderam de vista e tiveram de voltar para casa.

Aconteceu que naquele dia houve um eclipse total do Sol. Mas isso foi à tarde.

À hora do almoço, lá no Toutiço, estavam todos à mesa como de costume e ninguém pensava no eclipse.

Entre grandes e pequenos havia bons e maus, espertos e tolos, pessoas mais finas e outras menos finas, cada qual com as suas qualidades e defeitos diferentes, como acontece sempre nas hospedarias onde se junta gente de várias categorias que não se conhece entre si.

Mas quem fazia mais vista era a Dona Catapulta, sentada à cabeceira da mesa e empenhada em pôr todos à vontade e em espalhar contentamento entre os seus hóspedes. Não parava nem se calava um instante. Levantava-se, sentava-se, corria para um lado, corria para outro, dava ordens a torto e a direito às criadas que, suando em bica, não sabiam para onde tinham de se voltar nem a que serviço tinham de acudir: la falando sempre:

— Ó Maria! Traz o pão para o senhor Severo! Emitia! Vinho para aqui! Saltem as azeitonas! Ó senhor Sarapantão! Que honra para esta humilde casa albergar pessoas da sua importância! O rei das indústrias da nossa terra! Um nome de fama universal! Olá, Emília, fecha aquela janela! Abre a porta! Fecha

a porta da cozinha! E como vai o tricot desses dedos de fada, Dona Mariposa! Maria! Vinho! Azeite à senhora Severo...

E por aqui fora... Volta e meia levantava-se, ia lá dentro, voltava, dava uma corridinha para o aparador, espreitava as travessas, piscava o olho aos pequenos:

— Olá! hoje temos arroz-doce!...

Ninguém lhe respondia nem dava atenção a esta parlanda. Todos falavam ao mesmo tempo, mas cada qual só das coisas que trazia na cabeça:

A Dona Mariposa, que era um mulherão toda redondezas e que fazia tricot sem interrupção, falava de um cachecol azul celeste que estava fazendo para um cunhado ausente em África;

A senhora do Severo, falava dos seus achaques que eram muitos e daquela coisa esquisita de estar sempre com muito frio ou muito calor fosse qual fosse o tempo;

O estudante Bonifácio Borrabotas, que era um prodígio nos estudos, falava dos professores e dos livros;

O Ermezindo Sarapantão, grande industrial e homem de negócios riquíssimo, falava das suas fábricas e dos seus escritórios; O senhor Severo, não falava de nada. Só retorcia a bigodeira sem tirar os olhos da esposa, a espreitar os calores para ir a correr buscar ora o xaile ora o leque;

E os meninos sentados a uma ponta da mesa, guinchavam, davam sorrateiramente pontapés nas canelas uns dos outros, tiravam macaquinhos do nariz e lambuzavam-se de arroz-doce quanto mais podiam.

Depois do almoço toda a gente foi para a esplanada em frente da entrada. As senhoras sentaram-se à sombra, os senhores juntaram-se noutra sombra a conversar, e os meninos começaram a jogar à cabra-cega.

A porta principal da hospedaria ficava no topo de seis degraus de pedra que se abriram em leque, com grandes vasos de louça de cada lado e, por cima dos degraus, havia um alpendre de vidros de cores.

A Dona Catapulta apareceu no topo dos degraus. A Dona Catapulta tinha duas vozes; uma muito fininha, outra muito grossa.

— Que é isto? Que é isto? gritou ela com a voz fininha, falando aos meninos.

E logo continuou com a voz grossa:

— Também sou menina! Também quero brincar! Animação! Animação!

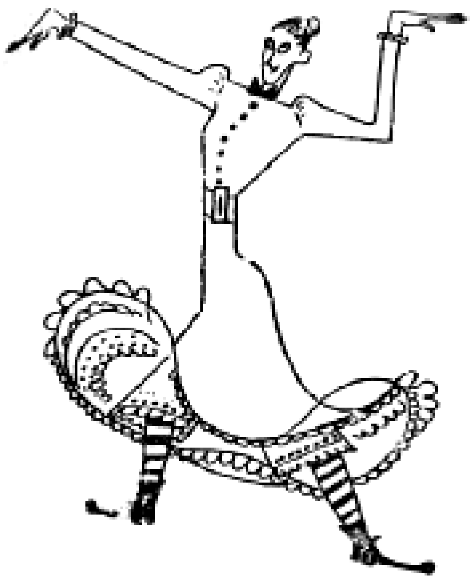
Armou um pulo, galgou de um salto os seis degraus. As saias foram pelo ar e apareceram as meias às riscas verdes e amarelas e as calcinhas brancas com folhinhos bordados.

— Ih! Chassus! exclamou a mulher do Severo, assarapantada.

Os homens gritaram:

— Bravo! Bravo!

Dona Catapulta deu uma corridinha, parou de repente, armou balanço com os braços, cravou um bico do pé no chão e, com a outra perna dobrada, girou como um pião. E então as saias abriram-se como uma sombrinha, e as meias fizeram um vistão.



— Ih! Chassus! Credo! tornou a dizer a mulher do Severo cada vez mais assombrada.

E tão assombrada que logo se afogueou de calor e chamou:

— Ó Severo! Dá cá o leque!

O Severo, que não via bem ao longe, tinha posto as lunetas para admirar as habilidades e ligeireza da Dona Catapulta. Ao ouvir a mulher, precipitou-se

para a entrada, tropeçou nos degraus, caiu, esfolou o nariz, esgadelhou o bigode, levantou-se, e sumiu-se pela porta dentro.

Entretanto Dona Catapulta atravessava a esplanada aos saltos como um gafanhoto. Os meninos corriam e gritavam atrás dela; e as pessoas crescidas davam palmas e diziam:

— Bravo! Bravo! Bis! Bis!

A Dona Mariposa segredou à mulher do Severo apontando com uma das agulhas do tricot para a Dona Catapulta!

— Dizem que foi dançarina nos seus tempos.

— Por força! respondeu logo a mulher do Severo. Isso explica tudo. Eu cá, se desse estes pinotes durante a digestão... Credo! Deus me livre!...

O Severo voltou com o leque. Tinha o nariz esfolado e metade do bigode para cima e outra metade para baixo. Mas ninguém fez caso.

— Ela chama-se Hermengarda, respondeu Dona Mariposa, mas todos a tratam por Catapulta.

— Porquê? perguntou a mulher do Severo.

O Bonifácio Borrabotas que andava passeando de um lado para o outro, de mãos atrás das costas, com ares importantes, parou e disse:

— Catapulta é um nome de família, um apelido. Catapulta era uma antiga máquina de guerra que arrombava tudo. Aquela senhora gosta que lhe chamem assim porque é resoluta e vence todos os obstáculos.



E afastou-se com passo grave, todo cheio de si e da sua sabedoria.

Mas a mulher do Severo exclamou:

— Coitado! Já tem barba na cara e é tão baixinho, tão magrinho, tão amarelinho!

E a Dona Mariposa explicou logo em segredo:

— Ali onde o vê, é um prodígio. Não faz senão estudar. Todo ele é letras, ciências e exames. Sabe tudo quanto há.

Uma outra senhora que estava ali, disse, cheia de dó:

— Pois é. Os estudos chuparam-no todo, como se fossem baratas.

A mulher do Severo fechou o leque e chamou o marido:

— Ó Severo! Dá cá o xaile!

O Severo interrompeu logo a conversa com os outros homens e veio a correr. Pegou no leque e precipitou-se para casa à procura do xaile.

Foi então que umas senhoras que tinham ido até ao fim da esplanada e lá estavam encostadas à balaustrada do miradouro a olhar para a planície, viram vir ao longe... um comboio!!

Começaram a gritar em grande alvoroço e a chamar toda a gente; e daí a pouco estavam todos a olhar para a planície, abismados. Cada um dizia a sua coisa:

— É um comboio!

— Não pode ser! Não há rails, não há estações; nunca houve aqui um caminho-de-ferro!

— Não vê a chaminé da locomotiva?

— Não ouve o barulho: tuf, tuf, tuf!...

— Olhe o penacho de fumo!

— Não ouve o apito?

O senhor Sarapantão que entendia muito de caminhos-de-ferro e de toda a espécie de máquinas, não fazia senão esfregar os olhos e limpar o suor da testa.

— Não pode ser... não pode ser... repetia ele. É uma ilusão de ótica, uma miragem...

— As miragens não apitam, declarou o Bonifácio, todo doutoral. Mas a ciência faz tais prodígios que, hoje em dia, tudo é possível, senhor Sarapantão.

A mulher do Severo, com estas emoções, abrasou-se de calor. Gritou:

— Ó Severo! Dá cá o leque!

E o Severo lá foi a correr arrumar o xaile e trazer o leque, o que muito lhe custou, coitado, pois estava interessadíssimo no comboio.

Mas o comboio agora sumira-se sob o árvoredo do Toutiço. Foram todos a correr para as traseiras da hospedaria convencidos de que veriam o comboio aparecer daquele lado. Mas não viram nada; e nem se ouvia o tuf... tuf... tuf... da máquina, nem os apitos. A planície estava deserta e silenciosa como sempre. Voltaram todos para a esplanada, muito intrigados e um pouco assustados.

Dona Mariposa — Não seria mau que alguém fosse descobrir este mistério. Ó menino Borrabotas, porque não vai lá abaixo ver o que é isto?

O Bonifácio fez-se ainda mais amarelo do que era e respondeu:

— Os médicos recomendam que não devo cansar-me nem ter emoções.

A Dona Catapulta, vendo que os seus hóspedes tremiam de medo, tratou logo de os distrair. Começou a dar estalinhos com os dedos e a dizer: Pchut! Pchut!... como costumava quando punha de parte qualquer caso difícil:

— Pchut!... Pchut!... Foi uma miragem... Pchut!... Pchut... Não se pensa mais nisso! Olá! Saltem as bolas do croquet! Quem quer jogar uma partida?

Mas ninguém se mexeu. Estava tudo a olhar para o caminho que vinha dar à esplanada. A Dona Redonda e a Dona Maluka, o Bruno, e a Iria, o Chico e a Zipriti, surgiram por ali e avançavam para a hospedaria.

— Que é aquilo? perguntou a mulher do Severo que nunca vira na sua vida uma pessoa completamente redonda.

E sentiu-se arrepiada:

— Ó Severo! Dá cá o xaile!

O Severo estava tão entretido a ver aquela gente extraordinária que deu um pinote para o ar ao ouvir a mulher. Mas foi buscar o leque, o mais depressa que pôde, para não perder pitada do que se passava.

Dona Catapulta, correndo em saltos de gafanhoto para os recém-chegados — Ainda bem! Como passaste, Iria? Eu bem sabia que estavas sã e salva. Aqui não há perigos. Pchut! Pchut!... Sentem-se, sentem-se! Olá! Saltem cadeiras! Que querem tomar? Chá? Café? Capilé? Limonada? Um cálice de Porto?...

Dona Redonda, sentada nos degraus da entrada — Cale a boca, Dona Catapulta. Pouco barulho. Sossegue.

A mulher do Severo, em segredo a Dona Mariposa — Que senhora tão esquisita!

Dona Mariposa, em segredo e fazendo tricot com grande rapidez — Não é senhora. É uma bola. Eu nunca vi...

Dona Redonda — Pois resolvemos dar um passeio até ao Toutiço e vir dizer-lhe, Dona Catapulta, que a Iria vai passar uns dias comigo, lá na floresta.

Dona Catapulta, toda palaciana — Esplêndido! Nem ela podia estar em melhor companhia! Mas diga-me: como vieram?

Dona Maluka — Ora essa! Viemos a pé, de passeio.

Dona Mariposa — Permitam-me que me apresente...

Dona Redonda — Não é preciso. Deve ser Dona Mariposa. A Iria explicou-me tudo. Como passou, Dona Mariposa?

Dona Mariposa, encantada — Muita honra em conhecer V. Exa.. Mas digam-me, desculpem a minha curiosidade, não encontraram no caminho um comboio?

Zipriti — Ai! Ai! Zipriti no comboio! Tuf! tuf! tuf... U... hi... i... i... Depressa! Depressa!...

Bruno, dando-lhe um beliscão — Caluda!

Zipriti — Ai! Ai!... Zipriti não faz outra, não!

Dona Maluka — Um comboio! Que ideia! Não há comboios na planície!

Bonifácio, todo doutor — Eu devo explicar a Vossas Exas! Pouco tempo antes de chegarem deu-se um fenómeno, raro aqui, mas frequente em África; uma miragem que nos deu a ilusão de um comboio na planície.

O Senhor Sarapantão — Hem! Hem! Eu sou um industrial, um homem prático. Poucos estudos, vida de trabalho ativo. A explicação da miragem não me satisfaz. A miragem não produz sons. Preciso investigar. Isto dá-me ideias para um novo negócio...

Bonifácio, cheio de admiração — Admirável! Aqui está o grande Sarapantão! As forças vivas de uma nação! O Futuro! O Progresso!...

Estavam todos tão entretidos com estas conversas que não tinham dado pelo escurecer do sol. Mas neste momento as criadas precipitaram-se na esplanada em grande alvoroço:

— Senhora Dona Catapulta! As galinhas recolheram todas à capoeira!

— O cão meteu-se no canil!

— O canário escondeu a cabeça debaixo de uma asa!

Dona Redonda, acendendo um cigarro com todo o sossego — Pois é; julgam que é sol-posto.

Foi então que todos se lembraram de olhar para o Sol e viram que o eclipse já tinha começado.

O Borrabotas que, já se vê, era todo ciências, estava preparado para aquele acontecimento com uns óculos pretos; e a Dona Catapulta tinha arranjado uma porção de pedaços de vidro fumados à chama de uma vela para toda a gente poder olhar para o Sol.

Depois de grandes rebuliços, confusões e correrias, ali estavam todos a olhar para o Sol, cada qual com o seu vidro fumado. Mas o entusiasmo durou pouco. Tudo escurecia mais e mais, e começou a fazer frio. Os meninos do Toutiço começaram a choramingar: tinham medo, tinham frio, tinham sono, tinham fome, tinham sede, agarravam-se às pessoas crescidas e maçavam toda a gente.

Dona Catapulta deu estalinhos com os dedos:

— Pchut! Pchut!... Vamos fazer de conta que é noite. Olá! Toca a acender os candeeiros!

Mas as criadas vieram dizer que havia um desarranjo na eletricidade.

Dona Catapulta, dando estalinhos com os dedos e falando fininho — Pchut! Pchut! saltem candeeiros de petróleo!

Ouviu-se grande azáfama dentro de casa e discussões de criadas. Por fim apareceram todas à porta, mas como queriam entrar e falar ao mesmo tempo, nenhuma entrava nem falava coisa que se entendesse. Era só apertões, encontrões, e cacarejar como de galinhas aflitas.

Afinal uma delas, gorda e anafada, conseguiu sair da porta como uma bala e disse aos berros:

— Não há petróleo! acabou-se!

Dona Redonda que assistia a tudo aquilo, muito divertida, começou a dar palmas: Bravo! Muito bem! Bravo!

O Chico, a Iria e a Zipriti que estavam ao pé dela, começaram também a dar palmas.

Dona Catapulta, com voz fininha — Não faz mal, Pchut! Pchut! Comigo tudo se arranja. Venham às velas!

As criadas sumiram-se. Ouviu-se um grande tropel pelas escadas e corredores.

O Sol escondia-se cada vez mais; a escuridão aumentava.

A mulher do Severo chamou:

Severo! Dá cá o xaile!

O Severo estava interessadíssimo a olhar para o Sol através do vidrinho fumado e a ouvir as explicações do Bonifácio. Mas largou tudo e foi que nem uma seta buscar o xaile.

Começaram a aparecer muitas luzinhas dentro de casa. Dona Catapulta, radiante, deu dois saltos no alto da escada e bateu as palmas a chamar todos:

— Já há luz! Já há luz! Comigo tudo tem remédio! Pchut! Pchut! Toca a entrar para casa!

Entraram todos para a sala. Havia velas por toda a parte: em cima das mesas, das prateleiras, dos consolos. Eram velas péssimas. Pingavam tudo, curvavam-se como S S S, retorciam-se como saca-rolhas, algumas pareciam ganchos, e as suas chamas eram vermelhas, mortiças e tremiam, tremiam...

Dona Redonda, que desconfiava das cadeiras e cadeirinhas, dos bancos e banquinhos do Toutiço, pegou em várias almofadas que amontoou no chão e sentou-se em cima delas.

Dona Mariposa, que se instalara perto de uma mesa a fazer tricot, disse:

— Não se vê nada com esta luz a tremer... porque será que agora já não há velas que prestem?

O Bonifácio Borrabotas tocou-lhe no braço e disse baixinho:

— Schiu! Cuidado! Não fale tão alto.

Dona Maluka — porque é que não se pode falar em velas?

Bonifácio — Vê aquele senhor acolá com calças castanhas e casaco esverdeado?

Dona Maluka — O que tem caspa na gola, e está a limpar um dente com uma unha do dedo mendinho?

Bonifácio, vexado e sentencioso — Os homens não se avaliam por essas pequenas coisas.

Dona Maluka — Ah! mas é que essas pequenas coisas, para mim são importantíssimas!...

Bonifácio, com ares triunfantes — Pois fique sabendo que aquele homem é o grande Sarapantão!

Dona Redonda, encantada — Sarapantão! Que nome admirável!

Dona Maluka — Mas que tem esse homenzinho com as velas?

Bonifácio, indignado — Homenzinho! Então a senhora nunca ouviu falar no grande Sarapantão?! Que ignorância?

Bruno — Olhe lá, ó menino, veja se percebe com quem está falando. No meio de tantos estudos ainda não aprendeu a falar com senhoras?

Dona Redonda — Deixa lá, Bruno. Não atrapalhes o menino Borrabotas. Eu estou muito interessada nas velas e no Sarapantão. Diga lá, ó menino, diga lá.

O Bonifácio olhou de resvés para o Bruno mas perdeu os ares importantes. Começou a explicar:

— Havia muita gente que fazia velas; mas o grande Sarapantão inventou um produto para substituir a estearina e conseguiu fazer velas muito mais baratas. Os outros que faziam velas boas, nunca mais puderam vender nem uma, e arruinaram-se. Fecharam-se todas as fábricas de boas velas e caiu muita gente na miséria. O grande Sarapantão ficou só em campo com as suas velas que toda a gente compra. É dos maiores génios do nosso tempo!

Bruno, rindo — Um bonito génio, sim, senhor! Nem sequer é capaz de fazer velas que prestem! De que serve esse génio?

Bonifácio, vermelho de fúria concentrada — De que serve? Serve para fazer dinheiro. O Sarapantão é um dos homens mais ricos desta terra!

Dona Redonda — Coitado! E anda tão mal vestido e não consegue ter maneiras, e passa a vida fechado num quarto a ditar cartas e a fazer contas e a inventar sistemas para estragar tudo que é bom. E quando sai do buraco é só para maçar toda a gente e falar de indústrias e de negócios. Não acha graça a coisa alguma. Não tem olhos para ver nem ouvidos para ouvir...

Dona Mariposa, cheia de admiração — Que bem que o conhece, Dona Redonda!

Dona Redonda — Não o conheço. Nunca o vi mais gordo. Mas conheço a sua espécie. Quando a gente vê um escaravelho não precisa de o conhecer pessoalmente para saber como faz a bola; porque todos os escaravelhos fazem a sua bola do mesmo modo e nela empregam o mesmo material.

Dona Maluka — Pois é. De que sorve o dinheiro ao escaravelho que só pensa na sua bola de...

Bonifácio, a tremer de fúria — Ora ouça! com o que lhe rendeu o negócio das velas o grande Sarapantão fez uma fábrica de sapatos de papelão; e vende-os tão baratos que todos os fabricantes de bons sapatos de cabedal ficaram arruinados. Agora só ele vende sapatos. E ganhou um dinheirão!

Bruno — Hum... E para onde vai esse dinheirão?

Bonifácio — Essa é boa! Pois nunca ouviu falar das inúmeras fábricas do célebre Ermezindo Sarapantão, onde trabalham milhares de operários?

E começou a contar pelos dedos:

— Olhe: a fábrica de sedas feitas com teias de aranha; a fábrica de massas alimentícias feitas com serradura; a fábrica de chapéus de feltro feito com pevides de abóbora cientificamente esmagadas; a fábrica de compotas de frutas feitas com bagaço comprimido...

Dona Maluka começou de repente a cantar:

De más velas fiz papelão

De papelão fiz sapatos

De sapatos fiz serradura

De serradura fiz massas

De massas pevides de abóbora

E destas fiz chapéus;

De chapéus fiz bagaço

De bagaço compotas de fruta

De compotas fiz viola

Frrum, frrum, frrum, que vou

Pr'Angola!

Bravíssimo! gritou a Dona Redonda. Aqui está a primeira cantiga de jeito que tens inventado na tua vida!

A Zipriti saltou para o meio da sala a cantar e a dançar:

De compotas fiz viola,

Frrum, frrum, frrum, que vou

Pr'Angola!

CAPÍTULO 6

DONA REDONDA DESAPARECE

Dona Catapulta estava radiante com a animação que reinava na sala. O Grande Sarapantão interessara-se muito pela cantiga da Dona Maluka e fora sentar-se ao pé dela com uma folha de papel e um lápis para escrever a lengalenga que ela inventara. E dizia, todo contente:

— Isto é de primeira ordem para a publicidade! Vou organizar um bando de crianças com vestuário de fantasia, que percorrerão as cidades numa carruagem, a cantar esta lengalenga admirável!

Dona Maluka, toda resoluta — A lengalenga é minha e você não se pode servir dela sem minha licença.

O Grande Sarapantão, muito senhor de si tirando a carteira do bolso — Quanto quer?

Dona Maluka levantou-se, num repente, com a testa franzida, tão arrepiada que nem um gato a quem atirassem uma brasa. Mas Dona Redonda apurou a garganta, assoou-se com grande estrondo para lhe chamar a atenção e, apenas Dona Maluka se virou para ela indignada com aquelas maneiras, Dona Redonda piscou-lhe o olho. Dona Maluka entendeu logo; sorriu, sentou-se e perguntou ao Sarapantão:

— Quanto me dá você pelos meus direitos de autor?

O Sarapantão abriu a carteira e pôs em cima da mesa uma nota da carteira... de mil escudos.

Dona Maluka deu um piparote na nota e disse cheia de desdém:

— Você julga que se compra o talento com uma colher de ervas?

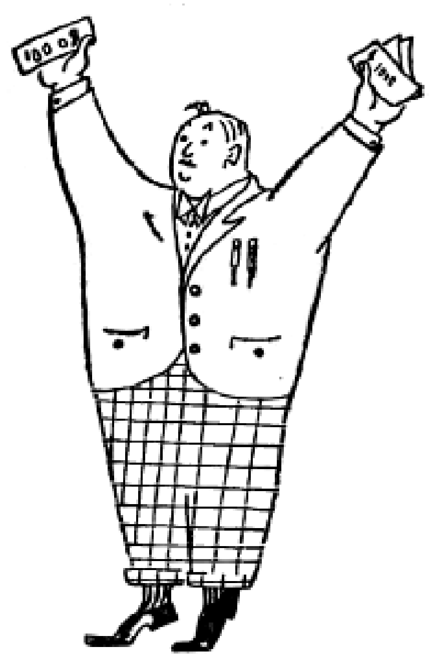
Toda a gente se fora juntando em volta deles. O Bruno, a Iria e o Chico, mordiam os beiços para não rir; porque a Dona Redonda vendo todos entre tidos com o negócio, não perdia ocasião de piscar o olho, ora a um ora a outro dos seus.

O Grande Sarapantão pôs outra nota de mil escudos em cima da mesa; a Dona Maluka encolheu os ombros e disse:

Por este andar, nada feito. E fingiu que se queria levantar.

Sarapantão, todo aflito — Espere aí, espere aí!...

E foi tirando notas da carteira e olhando para Dona Maluka que continuava a abanar a cabeça.



Havia já seis mil escudos em cima da mesa. O Bonifácio Borrabotas e o Severo à força de pasmarem para as notas, tinham até os olhos inchados e inflamados. A mulher do Severo suspirou:

— Ih! Chassus!... Nunca vi!...

E Dona Mariposa esquecera o tricot.

Quando a décima nota de mil escudos caiu em cima da mesa, Dona Maluka levantou-se, pegou nas notas e começou a torcê-las entre os dedos.

— Está bom, disse ela. Fique lá com a lengalenga, seu Sarapantão das dúzias. E agora veja bem o caso que eu faço do seu dinheiro!

Tinha feito uma torcida das notas. Chegou-a à chama de uma vela, deu um salto para cima da cadeira e levantou o braço segurando no ar as notas que ardiam espalhando fumarada, fagulhas e mau cheiro.

Então toda aquela gente perdeu a cabeça. Queriam salvar as notas, queriam apanhar fosse o que fosse, até as fagulhas e a cinza. Berravam:

— Não faça isso!

— Tanto dinheiro!

— Está doida! Puxem-na para baixo!

— À força! À força!

Mas a Dona Redonda, o Bruno, a iria e o Chico, tinham dado as mãos e cercavam a cadeira onde Dona Maluka estava encarrapitada; e não deixavam ninguém aproximar-se.

A Zipriti querendo defender a Dona Maluka, pôs-se de gatas e, com grande rapidez, ia dando beliscões e dentadas nas pernas do Sarapantão e das outras pessoas do Toutiço:

— Ai! Ai! Feios! Maus! Zipriti morder! Zipriti castigar! Toma! Toma!

Afinal, quando todas as notas ficaram reduzidas a cinzas, o barulho serenou.

Dona Maluka, toda contente e triunfante, sempre encarrapitada em cima da cadeira, começou a cantar:

Das notas do Sarapantão

Fiz cinza para a barreia

Convém lavar as borradas

Qu'esta gente faz na panela!

Bruno — Viva a Dona Maluka!

Dona Redonda, e toda a sua gente, em coro — Vivai Viva! Viva!

Dona Maluka, animada com este triunfo, sentiu-se inspirada e continuou a declamar:

Dos escudos fiz fagulhas

Das fagulhas fumarada

Reduzi o Sarapantão

A pó, terra, cinza e nada!

Dona Redonda, e a sua gente — Viva! Viva! Viva a Dona Maluka!

Dona Maluka, trepando para cima da mesa e cada vez mais inspirada:

Julgava o Sarapantão

Com ouro tudo comprar

Às coisas altas não chega

Porque anda a rastejar.

Bagaço e pevides de abóbora

Alcança ele com a mão

Mas a tudo que é nobre e livre

Não chega o Sarapantão!

Dona Redonda estava fora de si de entusiasmo e a tremer de admiração. Começou a gritar:

— Salta cá para baixo, Dona Maluka, que te quero abraçar. Nunca fizeste senão versos horríveis que eram a vergonha da minha cara. E agora de repente foste arrebatada pelas Musas...

A mulher do Severo, baixinho à Dona Mariposa — O que é isso? Musas? Tenho ouvido falar, mas nunca ninguém me explicou.

Dona Mariposa, em voz baixa — Também não estou muito certa, mas quer-me parecer que eram umas senhoras antigas que vinham às escondidas ensinar versos aos poetas.

A mulher do Severo — E... já morreram?

Dona Mariposa — Há que tempos, coitadinhas!

Entretanto Dona Maluka, dando as mãos ao Bruno e ao Chico, saltara com toda a elegância da mesa para o chão e caíra nos braços da Dona Redonda que andou para a sufocar com a força do abraço que lhe deu.

O Sarapantão tinha ido para o vão de uma janela com o Borrabotas. Estava todo a tremer de entusiasmo; dizia assim;

— Que mulher! Que maravilha! Que mina para a publicidade! Esta rapariga vale uma fortuna! Há anos que ando à procura de um génio destes sem o encontrar. No palco de um teatro, na telefonia, até... até... numa praça de touros... Em pé em cima de um cavalo, no teto de uma carruagem, com fatos de espavento... Que mina para a publicidade!...

Borrabotas — Mas é tão pateta que nem percebe a fortuna que tem na mão!

O Severo, que se aproximara — Deve ser riquíssima! Queimar assim dez mil escudos!

Dona Redonda, que ouvira o Severo — Não tem vintém dessa riqueza que conta para vocês. Mas todo o dinheiro junto de todos os Sarapantões do mundo não lhe faz a ela quente nem frio.

Borrabotas, ao ouvido do Sarapantão — Tudo isto é parte. Se V. Exa. lhe tivesse oferecido cinquenta notas em lugar de dez, ela não as queimava.

O Sarapantão aproximou-se da Dona Maluka, todo sorrisos.

— Sou tenaz na minha vontade. Venho fazer-lhe uma proposta séria e firme. Será a principal figura da minha publicidade e ganhará por mês... cem mil escudos!

Dona Maluka, com os olhos a brilhar de fúria — Com quem pensa você que está a falar? Julga que o dinheiro lhe dá o direito de ser atrevido com os seus superiores?

Sarapantão, sorrindo todo amável — Duzentos mil escudos.

Dona Maluka levantou o braço e ouviu-se um estalo... mas um estado de tal ordem que mais parecia a explosão de um morteiro. E o Sarapantão foi projetado contra a parede uivando de dor e com ambas as mãos apertadas contra a bochecha esquerda.

— Ui! Ui! Ui!... guinchava ele, que me vai a cabeça pelo ar! Que mulher! Não desisto! Não desisto! Trezentos mil escudos! Quatrocentos mil escudos.!.

Bruno — Se se atreve a dizer mais uma palavra àquela senhora, racho-o.

Chico — E eu ponho-lhe a cara numa tal marmelada que nem a sua mãe será capaz de o conhecer.

Zipriti, apanhando três dentes do Sarapantão que lhe tinham saltado da boca com o bofetão da Dona Maluka — Olhe! Olhe! Zipriti apanhou dentes. Toma! Toma!

E atirou-lhes à cara com toda a força; e um dos dentes deu num olho do Sarapantão que ficou logo inchado e a chorar.

O Bonifácio Borrabotas, vendo o estado em que se encontrava o Sarapantão, e temendo que qualquer coisa semelhante lhe acontecesse a ele também, tratou de se pôr ao fresco. E o Sarapantão que não podia abrir o olho direito e tinha a bochecha esquerda inchada que nem um balão, foi conduzido por algumas pessoas compadecidas para fora da sala.

Dona Catapulta empenhada em desfazer esta nuvem, começou a dar estalinhos com os dedos e a gritar com voz grossa:

— Nada de tristezas! Tristezas não engordam! Pchut! Pchut! Vamos jogar o diabrete!

E acrescentou com voz fininha:

— Animação! Animação!

A Dona Redonda e a sua gente começaram a despedir-se. Dona Redonda que era toda palaciana quando queria, fazia cumprimentos à direita e à esquerda e dizia a cada pessoa as palavras que melhor convinham.

Dizia a Dona Catapulta:

— Desculpe este pequeno incidente que não pode atingir a nossa antiga e sólida amizade. Até mais ver, querida amiga.

E a Dona Catapulta muito pronta:

— Pchut! Pchut! O que não tem remédio remediado está! Apareça quando quiser. É sempre bem-vinda.

Dona Redonda, a Dona Mariposa — Encantada de ter conhecido uma fada cujos dedos fazem um tão admirável tricot.

Dona Mariposa, radiante — Ora essa! V. Ex.° confunde-me...

Dona Redonda, à mulher do Severo — Fico interessadíssima nos seus achaques. Espero ter muito breve notícia de melhoria sensível nos seus frios e calores...

A mulher do Severo, desvanecida — Por quem é... Que bondade!

O eclipse estava no fim; o Sol resplandecia quando Dona Redonda e a sua gente desapareceram na estrada.

Os da hospedaria estavam todos à porta a dizer adeus com os lenços.

— Boa viagem! Até mais ver! Voltem depressa!

Dona Catapulta — Vamos ao diabrete!

Deu uma corrida e, com o impulso, deslizou pelo chão encerado como se fosse a patinar, agitando os braços e dobrando o corpo em grandes equilíbrios. Assim foi buscar as cartas e trouxe-as para a mesa.

Os homens conversavam a respeito de Dona Redonda e da sua gente. Estavam todos tão encantados com a cortesia das despedidas, que tinham esquecido o princípio da visita.

A mulher do Severo — Dona Redonda é o que se chama uma verdadeira fidalga. Que maneiras tão finas!

E tal era o seu fervor que se afogueou toda e chamou:

— Ó Severo! Dá cá o leque!

E o Severo lá foi a correr buscar o leque.

Dona Mariposa — Dona Redonda é uma mulher muito notável.

Outra senhora — Porquê?

Começaram a falar ao mesmo tempo; todos estavam de acordo na opinião de que Dona Redonda era uma mulher muito notável, mas ninguém sabia porquê.

Dona Mariposa — Ora essa! Em primeiro lugar é completamente redonda; em segundo lugar...

E ajeitou-se melhor na cadeira. A cadeira gemeu, deu um estalo e as quatro pernas abriram-se cada qual para o seu lado. Dona Mariposa ao cair deitou a mão a um escaparate que ali estava com portinhas de vidro e cheio de coisinhas. O escaparate tombou logo para cima de uma mesa pequenina onde havia muitas jarrinhas e caixinhas e uma vela acesa.

— Ai que eu morro! Acudam! Acudam! Aqui d'el-rei! gritava Dona Mariposa que desaparecera completamente debaixo de um monte de cados.

Toda a gente se precipitou para acudir. Mas era tanta a gente e o apertão que ninguém acudia. Só se viam cacos e pedaços de móveis quebrados e os dois pés da Dona Mariposa a dar e dar espetados para cima. Umas pessoas puxavam pelos pés e ficavam com os sapatinhos nas mãos. Outras puxaram-lhe pela cabeça e ficaram com os postiços do penteado.

Por fim Dona Catapulta que se sumira voltou com um balde cheio de água que entornou por cima daquele monte informe.

— Pronto! Pronto! disse ela. Assim já não há perigo de incêndio!

Depois de grandes esforços lá conseguiram arrancar Dona Mariposa daquela situação difícil.

— Atchim! espirrou ela. Atchim! Atchim!

Estava alagada, descalça, sem postiços, sem óculos... Mas era boa pessoa e tomou o partido de rir.

— Ora esta! dizia ela procurando o tricot entre o montão de coisas partidas. Sempre me acontece cada uma!

— Ó Severo! chamou a mulher do dito. Dá cá o xaile!

E o Severo foi a correr.

O Bonifácio que voltara para a sala logo depois da partida das visitas, disse com ares importantes:

— Aquela senhora teve sorte de não se ter magoado seriamente. É verdade que hoje em dia, ainda que tivesse quebrado a caixa craniana ou a espinha dorsal, não seria nada. A ciência tem remédios e aparelhos para tudo. Até há pulmões de aço.

Mas, com grande espanto do Borrabotas, toda a gente começou a rir e a fazer troça dele:

— Pulmões de aço! Ah! Ah! Ah!...

— E que mais? Talvez miolos de algodão em rama!

Houve até quem gritasse:

— O que nos vale é termos aqui um doutor da mula russa!

— Ah! Ah! Ah!...

A passagem da Dona Redonda e da sua gente na hospedaria do Toutiço, tinha mudado a direção das ideias daquelas pessoas, como o vento muda a direção do fumo...

O Borrabotas, atordoado, foi passear sozinho na esplanada, meditando. Disse de si para si:

— A opinião pública é como um cata-vento! Hoje vira para um lado, amanhã para o outro...

E enchia-se de presunção com esta ideia; achava-a original e até tomou nota dela por escrito num livrinho que trazia sempre no bolso.

E nisto ouviu um apito de comboio e o ruído da máquina em marcha:

— U!... hi!... U!... hi!... i!... i!... i!... Tuf! Tuf!... Tuf!...

Toda a gente saiu de roldão da sala e correu pela esplanada até ao miradouro lá no fim.

— Lá vai o comboio! Lá vai o comboio!

Numa janela do segundo andar apareceu o grande Sarapantão com a cabeça toda entrapada e só com um olho de fora. Não pôde ver grande coisa porque mesmo esse olho estava tão inchado que ma! se abria. E não podia dizer nada porque lhe tinham posto na cara um grande pedaço de carne crua, para tirar a inchação, amarrado com metros e metros de trapos que lhe tapavam a boca. Mas pensava:

— Tenho a certeza que este comboio é uma invenção nova. É preciso deitar-lhe a mão. Se calhar é ideia daquela admirável Dona Maluka... É preciso comprá-la...

O pateta do Sarapantão que era um génio para os negócios e sabia tudo quanto há de máquinas, fábricas e escritórios, ignorava um segredo importantíssimo: que há muitas coisas — as mais lindas e maravilhosas — que nenhum dinheiro do mundo pode comprar.

Mas nunca a gente da hospedaria por mais que fizesse, descobriu como o comboio se sumira. Nem podiam descobrir, porque o Mostrengo e a Mostrenga, apenas a Dona Redonda e a sua gente se apearam no Toutiço, fizeram-se do tamanho de grilos e esconderam-se num buraquinho, muito calados, enquanto durou a visita. E só tornaram a crescer quando a Dona Redonda os chamou para se irem embora.

Ora nessa viagem da volta, quando já iam muito perto do pinhal, o Mostrengo parou.

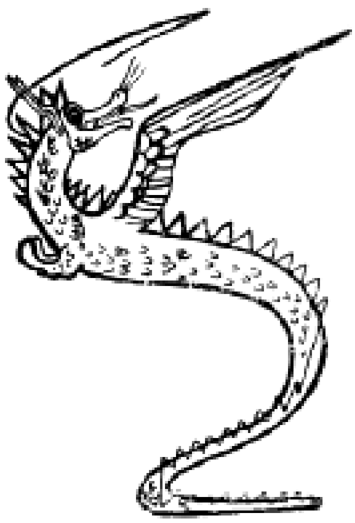
Dona Redonda — Que é isso?

Mostrengo — Gúrú... ú... Pensei que talvez gostassem de ir este bocadinho a pé... É um passeio agradável...

Dona Maluka, desconfiada — Isto é qualquer esperteza que te entrou na cabeça, Mostrengo.

Dona Redonda, saltando para o chão — Seja o que for. Vamos desenferrujar as pernas.

Apearam-se todos e começaram a andar direitos à floresta. Os Mostrengos fizeram-se do tamanho de carneiros e foram caminhando atrás deles com muitos risinhos e segredos um com o outro. Por fim a Mostrenga disse que tinha que fazer no mar e, despedindo-se com muito boas maneiras, abriu as asas e levantou voo por cima da floresta, sempre a olhar para trás e a dizer adeus com requebros cheios de elegância e de graça.



O Mostrengo ficou estarrecido, parado, a olhar para o céu até ela desaparecer; depois foi a trote ter com a Dona Redonda e deitando-lhe as beiçorras ao balandrau, fê-la parar. Disse-lhe ao ouvido:

— Preciso muito falar consigo... gú... rú... em particular.

Dona Redonda disse à Dona Maluka e aos pequenos que fossem andando para casa e dessem ordem à Lucinda de pôr a ceia na mesa, que ela já lá ia ter.

Os outros abalaram conversando e rindo. Percebiam muito bem que o Mostrengo ia falar à Dona Redonda no casamento.

Dona Redonda sentou-se num pedregulho e disse:

— Ora vamos lá a saber, Mostrengo, o que tens para me contar.

O Mostrengo torceu-se e retorceu-se, coçou-se, sacudiu-se, alisou as escamas, e por fim disse:

— Não sei como hei de começar, gú... rú...

Dona Redonda — Não faz mal. Eu já adivinhei tudo. Queres participar-me que vais casar com a Mostrenga. E fazes muito bem porque ela parece uma boa pequena e é linda como... como...

O Mostrengo revirou os olhos, juntou as mãos e exclamou todo poético:

— Como uma roseira em flor!... Como um ramalhete de cravos!... Como as estrelas do céu!... Como as joias mais preciosas da terra!... Como...

Sufocou-se de emoção, engoliu em seco e foi lamber o alto da cabeça de Dona Redonda que ficou toda esguedelhada.

— Está bom, está bom... disse Dona Redonda. E quando querem vocês casar?

Mostrengo — Quando a Dona Redonda tiver tudo pronto para a festa.

Dona Redonda, pasmada — Eu?!

Mostrengo — Ú... gú... rú... Pois quem há de fazer a festa senão a Dona Redonda que é a madrinha?

Dona Redonda, toda derretida — Então vocês querem que eu seja madrinha?

Mostrengo, radiante — Pois está visto! Ó góró... ó... ó... Quem havia de ser a madrinha senão a Dona Redonda que é a minha mãe?

E o Mostrengo com a alegria começou a crescer até ficar do tamanho de um boi, e a deitar labaredas pelo nariz fora.

Dona Redonda, assarapantada a olhar para ele — Eu... eu... A tua mãe?!!

Mostrengo, encantado e cheio de ternura — Minha mãe do coração, ou minha irmã, ou minha filha... como quiser, ú... gú... rú... ú... Enfim pessoa de família.

Dona Redonda desatou a rir às gargalhadas; e tanto riu que acabou por cair do pedregulho. Ficou estendida no chão de barriga para baixo, sem se mexer e muito calada. Tanto tempo que o Mostrengo começou a inquietar-se:

— O que foi, Dona Redonda? Magoou-se?

Dona Redonda virou a cabeça para ele, pôs um dedo nos beiços em sinal de silêncio, e depois apontou para a entrada de um formigueiro.

Mostrengo viu um formigão muito grande que chegara todo fanfarrão para entrar no formigueiro; e viu uma multidão de formigas pequeninas que saíram do buraco e se atiravam a ele. Com as enormes mandíbulas o formigão matou umas poucas; mas não lhe serviu de nada porque as suas inimigas eram tantas que daí a pouco o cobriam todo. Num instante arrancaram-lhe as pernas, cortaram-no aos bocados e entraram para o formigueiro. E então saíram de lá outras formigas e começaram a levar os bocados do formigão para dentro do buraco.

Dona Redonda sentou-se no chão e disse:

— Sempre desejei entrar num formigueiro e ver o que lá se passa.

Mostrengo — Ó gó... ró... Se a Dona Redonda quiser, eu faço-a entrar no formigueiro.

Dona Redonda — Serias capaz disso?

Mostrengo — Ora essa? Não há nada mais fácil. Quer ver?

O Mostrengo encheu-se de vento, depois começou a soprar fumo por cima de Dona Redonda. Tanto fumo que a Dona Redonda desapareceu completamente. E quando aquela fumarada se dissipou a Dona Redonda estava reduzida ao tamanho de uma formiga. Parecia uma bolinha azul pouco maior que a cabeça de um alfinete. Tirou o lenço do bolso, acenou com ele ao Mostrengo e entrou toda resoluta pelo formigueiro dentro.

O Mostrengo deitou-se no chão à espera que ela saísse para lhe dar outra vez o seu tamanho natural. Esperou, esperou... Até chegou a passar pelo sono.

De repente ouviu-se a voz da Mostrenga ao longe:

— U... hi! U... hi!... hi... i... i... i...

O Mostrengo, ainda ensonado, levantou-se, esfregou os olhos, abrasou-se de amor e soltou um grito apaixonado:

— Ú!... gú... rú... ú... ú...

Abriu as asas e abalou pelos ares fora ao encontro da noiva.

Lá na casa Branca e Verde, toda a gente esperou em vão pela Dona Redonda para a ceia. Por fim foram à procura dela. Dividiram-se em grupos uns por um lado, outros por outro; e toda aquela noite ninguém dormiu nem se deitou. Procuraram na floresta, na planície, chamaram, gritaram, mandaram os Pikis farejar por toda a parte... Nada. Nem fumos nem rastos de Dona Redonda.

De madrugada Dona Maluka pegou na corneta e começou a tocar com quanta força tinha:

— Tá... ra... rá... tá... lá... pu... pi!...

E ficaram todos à espera até que chegou o Mostrengo a galope:

— Que se passa? O que foi?

Dona Maluka — Onde está Dona Redonda? Ela demorou-se contigo na planície? Nunca mais apareceu!

O Mostrengo ficou um bocado atordoado. Passara a tarde à conversa com a noiva e a brincar com ela na praia e no mar. Como acontece a todos os namorados, esqueceu-se de tudo que não fosse a bem-amada e foi-se deitar descansado a sonhar com ela. Nunca mais se lembrou que tinha reduzido Dona Redonda ao tamanho de uma formiga.

Soltou um berro que toda á floresta estremeceu, atirou-se ao chão, rebolou-se a gemer e a chorar.

— Ó gó... ró... gó... ró... gó... ró...

E arrancou de desespero uma quantidade de escamas.

Depois abalou a correr direito à planície e todos atrás dele aos berros:

— Mas onde está?

— Que é feito dela?

— Que aconteceu?

— Sabes onde ela pára?

Mas o Mostrengo não dizia nada. Era só chorar:

— Ó góró... gó... ró... gó... ró...

CAPÍTULO 7

O TEMPO

O Mostrengo foi pela planície fora até ao pedregulho onde a Dona Redonda se sentara na véspera a conversar com ele.

— Parem todos, gó... ró... disse ele. Dona Redonda quis fazer-se do tamanho de uma formiga e entrou aqui num formigueiro. Não se mexam, gó... ró... que a podem esborrachar!

Dona Maluka — Isso é peta! Dona Redonda não podia fazer-se do tamanho de uma formiga!

Mostrengo, cheio de remorsos — Fui eu, gó... ró... por mal dos meus pecados! que a fiz do tamanho de uma formiga.

Chico — Mas para quê?

Mostrengo — Porque ela quis entrar num formigueiro... gó... ró... góró... E vocês bem sabem que eu faço tudo que ela quer.

Dona Maluka, começando a zangar-se — E depois? Não esperaste por ela? Abandonaste-a com as formigas? Não quiseste saber de mais nada, hem?

O Mostrengo tornou a rebolar-se no chão, a gemer e a chorar e a arrancar punhados de escamas.

Dinis — Isto não serve de nada.

Mestre Elói — Valha-me Deus! O que há de a gente fazer?

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas ninguém se atrevia a dar um passo com medo de esborrachar Dona Redonda.

— E agora?

— É preciso termos uma ideia.

— Que ideia?

— Vamos chamar por ela.

— As formigas não ouvem.

— Onde está o formigueiro?

— A primeira coisa é achar o formigueiro.

— Cala a boca! Onde está o formigueiro?

A Lucinda pôs-se de gatas no chão e com muito jeitinho, começou à procura do formigueiro. Todos se puseram logo de gatas e com as caras muito perto da terra, foram procurando.

Chico — Aqui vai um carreiro de formigas!

Bruno — Cuidado! cuidado, agora! Fiquem todos quietos. Segue o carreiro de formigas para um lado, eu sigo para outro. Havemos de dar por força com o formigueiro.

Mestre Elói — Ai, valha-me Deus! Dona Redonda não ficou a noite inteira no formigueiro. Se calhar anda por aí à procura da casa...

Zipriti — Ai! Ai!... Zipriti vê formigueiro! Ali! Ali! Quem acode! Ai! Ai!... Zipriti vê Dona Redonda pequenina, pequenina... Zipriti apanhar Dona Redonda!

Mas Dona Maluka tinha agarrado a Zipriti e não a deixava mexer.

— Onde? Onde?

— Ali! Ali! Ai! Ai!

Zipriti apontava com o dedo e esperneava quanto mais podia.

Viram a entrada do formigueiro. E viram que havia uma grande guerra entre as formigas do formigueiro e outras que vinham de fora. O chão ali estava negro de formigas, umas louras outras pretas, à pancadaria umas contra as outras! Mas ninguém via a Dona Redonda.

Zipriti continuava a berrar:

— Ai! Ai! Ali! Ali! Zipriti queria apanhar Dona Redonda pequenina! Acudam!

Lá muito ao longe, muito ao longe, na imensidade da planície levantou-se uma nuvem de poeirada que avançava com muita rapidez e crescia, crescia... Daquela poeirada saía um barulho cada vez maior: gritos, latidos de cães, tropeada de cavalos...

Mas a gente de Dona Redonda, de gatas no chão à roda do formigueiro, estava tão atenta, tão aflita, tão presa àquela procura, que não via nem ouvia mais nada.

E, de repente, uma enorme lebre passou em correria desenfreada por cima deles. Alguns rebolaram pelo chão, outros levantaram a cabeça. Mas não tiveram tempo sequer de abrir a boca porque uma matilha de galgos passou aos saltos entre eles como um vendaval.

Puseram-se todos em pé e, atordoados, correram cada qual para o seu lado, sem saber o que faziam, porque viram chegar sobre eles num doido tropel, dezenas de cavaleiros em galope tão rápido que até pareciam voar.

— Ai! Valha-me Deus! gemeu o mestre Elói puxando pelas melenas enquanto o Mostrengo berrava, chorava e arrancava as escamas, de desespero.

A Iria desatou a chorar:

— E eu que já gostava tanto de Dona Redonda!

Todos olhavam para o chão, desolados.

Chico, furioso — Malditos caçadores! Malditas corridas às lebres! Melhor seria que fossem caçar para as profundas do inferno!

As patas dos cães e dos cavalos tinham arrasado a terra por onde passaram. As ervas foram pelo ar, as pedras rolaram, os torrões esboroaram-se. O formigueiro desapareceu naquela derrocada.

Viram então um dos cavaleiros que abandonara a caçada e vinha a trote direito a eles. Montava um lindíssimo cavalo preto, grande, imponente como o cavalo da estátua equestre de um rei. E montava-o com tal elegância e perfeição, e vinha tão bem vestido, e a sua figura e o seu rosto eram de tal beleza e majestade, que logo se viu que aquele homem pertencia à classe social mais elevada. Havia nele aquela figura e nobreza de feições, aquele olhar sereno, aquelas maneiras simples e ao mesmo tempo distintas, que só a educação e a cultura de muitas gerações através de séculos podem dar.

Seguiam-no dois lacaios fardados, montando cavalos de raça.

— É o senhor duque... disse o mestre Elói desbarretando-se e afastando-se respeitosamente com o Dinis e a Lucinda.

Os outros não se desbarretaram porque andavam de cabeça ao léu, mas perfilaram-se em muita boa ordem: e o Mostrengo pôs-se em pé, todo aprumado, de pés juntos e braços caídos, em posição de sentido.

O Bruno avançara para o cavaleiro, com desembaraço e a sorrir; mas este fez-lhe um pequenino sinal e o rapaz parou logo, ficou todo sério e foi perfilar-se ao lado do Chico.

O duque apeou-se e os lacaios tomaram-lhe conta do cavalo; caminhou direito a Dona Maluka que avançou ao seu encontro.

Dona Maluka fez-lhe uma vénia muito bem feita de pé atrás e deixou-se ficar calada à espera que ele falasse.

— Bons-dias, Dona Maluka, tenho muita alegria na ver. Cheguei há poucos dias, mas já tinha perguntado por si e pela minha querida amiga Dona Redonda.

Dona Maluka — Só ontem soubemos que a vossa Alteza chegara a estes sítios, e tínhamos tenção de ir esta tarde apresentar os nossos respeitos...

Dona Maluka calou-se de repente, engasgou-se de comoção ao pensar em Dona Redonda. E o duque reparou então nas caras tristes e aflitas de toda aquela gente. Perguntou logo, ansiosamente, se Dona Redonda não estava bem de saúde.

Dona Maluka contou-lhe o que tinha acontecido e o duque mostrou-se tão apoquentado como eles, voltou-se para o Mostrengo, todo severo, e disse assim:

— Nunca imaginei que fizesses uma coisa destas, Mostrengo. Então, vês Dona Redonda reduzida ao tamanho de uma formiga, e vais-te embora como se não fosse nada contigo?

O Mostrengo estendeu-se ao comprido no chão e veio de rastos até aos pés do duque a gemer e a suspirar:

— Mate-me, senhor duque ! Dê-me um tiro* Não mereço viver! Não quero viver!

Dona Maluka, zangada — De que servem esses gritos e essas cenas? O que é preciso é procurar e encontrar Dona Redonda.

Zipriti, batendo no Mostrengo — Ai! Ai! Feio! Mostrengo feio! Toma! Toma! Dona Redonda pequenina, pequenina, estava ali, estava!... Zipriti viu!

Ali! Ali! Ali! Ali! E veio o duque e cavalos e tudo... catrapus! e pronto! Acabou-se! Ai! Ai! quem acode?! Zipriti quer Dona Redonda!

O duque — Fiquem aqui de guarda. Eu vou mandar uns homens com peneiras finas para peneirarem toda esta terra. Entretanto vão vocês tirando com muito cuidado as pedras e os torrões... Eu já volto.

E montando a cavalo abalou a galope Todos se puseram logo de joelhos e começaram a examinar e a separar as pedras e os torrões e a limpar a terra o melhor que podiam, mas as formigas tinham desaparecido.

O Bruno ficara de pé seguindo com os olhos o duque que se afastava a galope.

A Iria puxou-lhe pela manga:

— Ó Bruno, quem é este homem tão grande e tão lindo que parece um rei!

Bruno — É o duque.

Iria — Mas ele fez-te um sinal!...

Bruno — Hum... Vamos ajudar os outros. Não penses nisso.

Foi neste momento que alguém tocou no ombro do Bruno.

Voltaram-se ambos e viram a coisa mais extraordinária que se possa imaginar.

Um homem da cintura para cima e da cintura para baixo um cavalo. Muito grande. Tanto a parte homem como a parte cavalo eram de perfeita beleza; todo ele resplandecia de força, de saúde, de vigor. Dos dois lados da testa, entre o cabelo negro e encaracolado, apontavam dois chifres pequenos e as orelhas, muito chegadas à cabeça, acabavam do lado de cima, em ponta. Estava nu. A pele, tisnada pelo sol e pelo vento, parecia dourada. O rosto brilhava de alegria e de malícia. Nos olhos, que eram grandes e cor de ouro, e também aos cantos da boca vermelha e carnuda, havia uma expressão de troça. Apesar de ser tão grande e possante, aproximou-se sem o mínimo

ruído. Nem o Bruno nem a Iria lhe tinham ouvido os passos. E nenhum dos que estavam ali, de gatas, à procura da Dona Redonda, dera pela sua presença.

A Iria, assustada, agarrara-se ao Bruno; mas este que não tinha medo de nada, olhou bem de frente para aquele ser extraordinário e perguntou-lhe sem se alterar:

— Quem és tu? E o que queres?

O outro riu-se e respondeu com voz clara mas tão leve que se poderia comparar ao ruído do vento:

— Não me conheces? Sou o Tempo.

Bruno — Isso é mentira. O tempo é um velho com barbas muito compridas e uma grande foice roçadeira na mão.

O Tempo — Lérias. Invenções dos homens. Como havia o tempo de envelhecer? O que é eterno não tem idade. Eu sou o Tempo.

Bruno — Hum... E que vens tu aqui fazer?

O Tempo — Venho buscar-te e à Iria para vos mostrar a Dona Redonda.

Iria, que já se costumara ao Tempo e perdera o medo — Onde está ela?

O Tempo — Subam aqui para as minhas costas, que eu os levarei junto dela.

O Bruno não hesitou. Gostava de aventuras e queria descobrir Dona Redonda. Armou um pulo e saltou para as costas do Tempo. Depois estendeu a mão à Iria e sentou-a em frente de si.

— Cuidado com as minhas asas, disse o Tempo.

O Bruno e a Iria repararam então em duas asas, que saíam das espáduas do cavalo e lhe estavam muito chegadas aos flancos. Pareciam feitas de penas, mas as penas eram de aço polido.

Repararam também noutra coisa: é que toda a gente da Dona Redonda se sumira como por encanto. O Tempo partira com tal rapidez e num tal silêncio, que sem darem por tal, já não se encontravam na planície. As patas do cavalo pareciam não tocar no chão e, apesar de irem com incrível velocidade, o Bruno e a Iria não sentiam os sacões do galope nem movimento algum.

— Que esquisito! disse a Iria. E parece que vai para diante, mas repara, Bruno, repara!... O chão em lugar de fugir para trás, foge para a frente!...

Bruno — Hum...

E perguntou ao Tempo:

— Que história é esta? Vamos para diante ou para trás?

Mas o tempo respondeu só com uma gargalhada; e de repente abriu as asas, estendeu-as e ficou suspenso, enquanto uma enorme e fundíssima ravina passava por baixo deles, de trás para diante.

— Hum... disse o Bruno.

Pouco depois o Tempo parou. Estavam numa cidade em frente de um palácio.

— Apeiem-se e entrem, disse o Tempo. Podem andar à sua vontade por onde quiserem. Ninguém os vê.

Iria — Ninguém nos vê? Como pode ser isso?

O Tempo, rindo — Pois como hão de vocês ser vistos agora, se ainda não nasceram?

A Iria não teve tempo de pensar nestas palavras misteriosas. O Bruno pegou-lhe na mão com toda a força para não a perder no meio de toda aquela gente. Porque havia muito movimento e muita gente em frente do palácio. Uma grande fileira de carruagens de cavalos, de grande luxo, com os seus cocheiros e trintanários, fardados, aprumados, de botas altas de canhões, de tromblons lustrosos com as suas cocardas de cores. E os cavalos lindos a mascarem os freios e a rasparem na calçada.

Cada carruagem parava em frente da entrada; o trintanário saltava da boleia com grande ligeireza e ia a correr, de chapéu na mão e com todo o respeito, abrir a portinhola. E apeavam-se senhores e senhoras...

Iria — Estão todos mascarados.

Bruno — Não. Estão vestidos à moda do seu tempo. Parece-me que vou entendendo.

O Tempo sumira-se.

Havia muito povinho dos dois lados da entrada; e ninguém o afastava nem o incomodava. Homens, mulheres, crianças, todos muito contentes e divertidos a verem os senhores e as senhoras e toda a beleza daquele luxo.

O Bruno e a Iria foram entrando e subiram uma larga escadaria de mármore, de mistura com os convidados. Dos dois lados da escadaria enfileiravam-se lacaios de calção, e meias de seda, com librés vermelhas agaloadas de ouro e cabeleiras empoadas.

Lá no topo da escadaria estavam os donos da casa e toda a gente mostrava tão bonitas maneiras que aquilo parecia uma grande representação para a qual todos estavam muito bem ensaiados.

Começaram a ouvir música de uma grande orquestra e entraram nas salas de baile. Estava tudo iluminado (porque já se vê, isto era de noite) e havia pessoas sentadas à roda das salas vestidas de baile e com muitas joias; e no

meio muitos pares dançando; estes viravam-se uns para os outros e cumprimentavam-se e faziam vénias. Depois um dos senhores da dança gritava em francês:

— En avant deux! En avant quatre!

E então com novas vénias lá iam, a compasso, ao encontro uns dos outros.

— Parece a dança das moscas no ar, disse a Iria.

Mas o Bruno não respondeu. Olhava sem pestanejar uma das senhoras que andava a dançar.

— Iria, disse ele, vês aquela menina que ali vai de mão dada com o par a fazer vénias de pé atrás?

Iria — Qual?

Bruno — Aquela com um vestido azul-claro bordado a prata.

A Iria viu uma rapariga dos seus dezoito anos, nem gorda nem magra, nem bonita nem feia, toda séria e calada, com uma cinturinha fina, cabelos castanhos penteados para o alto da cabeça e enfeitados com um penacho. E no sim-senhor tinha um postiço que parecia quase uma cadeira estofada, e a saia cheia de apanhados. As mangas tufavam-lhe nos ombros e tinham o feitio de presuntos.

— Ó Bruno! exclamou a Iria. Que parecida com a Dona Redonda!

Bruno — Hum... É a Dona Redonda. iria — Estás doido! A Dona Redonda é redonda e tem o cabelo branco.

Bruno — Mas foi assim quando era nova.

Iria — Mas o tempo da Dona Redonda ser nova já passou.

Bruno — Passou. Mas o Tempo levou-nos para trás... Bem viste, quando íamos a galope, que o chão corria debaixo de nós, de trás para a frente.

Iria — Que confusão!... Mas se ela é Dona Redonda, vamos falar com ela.

Aproximaram-se os dois da tal menina vestida de azul com o penacho na cabeça e o sim-senhor postiço.

Iam tristes e desconsolados. Não gostavam daquela menina. Não era a sua Dona Redonda, tinha um ar sensaborão e os olhos mortiços. Quanto melhor a viam, menos gostavam dela.

Iria — Bruno... Olha que não é a Dona Redonda.

Bruno — É, sim, senhora. Queres ver?

Foi por detrás dela e disse-lhe ao ouvido:

— Dona Redonda...

A menina estremeceu e começou a sacudir um lencinho de renda ao pé da orelha. O par da menina que era um rapaz todo peralvilho de colarinho altíssimo, de barba e bigodes e com sapatinhos de baile, perguntou logo:

— V. Ex.ª não se sente bem?

— Não é nada, respondeu a menina. Foi um mosquito que me zumbiu aos ouvidos.

E, segundo o preceito da dança, fez uma vénia ao par e avançou para o outro lado a compasso da música.

Iria, toda contente — Vês que não é a Dona Redonda?

Bruno — Já se vê que é a Dona Redonda... mas não a nossa. Outra. E nós aqui ainda não nascemos nem ela nos conhece. Tudo isto é uma trapalhada porque o Tempo não faz outra coisa senão mudar tudo...

E nisto viram-se no meio da rua e o Tempo ao lado deles todo apressado.

— Toca a montar! Vamo-nos embora!

E pegou-lhes com os braços rijos, atirou-os para as costas e abalou.

Por montes e vales, por cima da terra e do mar, num galope doido sem ruído e sem sacões, a deslizar como num sonho. E o chão sempre a correr por debaixo das patas do Tempo, de trás para diante.

Por fim pararam à beira de uma estrada e o Tempo sumiu-se. Uma estrada, não. Um caminho.

Viram vir por ali fora uma grande cavalgada. Duas senhoras montadas à amazona com saias muito compridas com muita roda e grandes véus na

cabeça, e muitos cavaleiros, tudo com fatos muito vistosos e de espadas à cinta; e um grande acompanhamento de criadagem com mulas de carga levando baús e sacos.

Iria — Que mascarados são estes?

Bruno — Toda esta gente já morreu há que tempos.

Iria — Então são fantasmas.

Bruno — Hum... São imagens do que já passou. São viajantes.

Iria — porque não vão de comboio?

Bruno — Não havia comboios. Ninguém inventara ainda as máquinas a vapor.

Iria — E carruagens?

Bruno — Não havia estradas capazes...

Iria, com admiração — Tu sabes tudo quanto há, Bruno!

Bruno — Não sei nada, Iria. Mas faço a diligência de entender o que vejo.

Iria — Sabes, sim, senhor. E explicas tudo muito bem. O que eu não percebo é como aprendeste tanto, se é verdade que nunca andaste em escolas.

Bruno — Andar em escolas não serve de nada se a gente só quer saber o que lhe interessa. Não andei em escolas mas andei por muitas terras e vivi

com gente de várias qualidades; e, como queria entender o que via, lia muito, e pensava, e tomava lições com mestres que só me ensinavam e me explicavam o que eu queria...

Calou-se de repente. De um bosque ali à esquerda vinham uns vinte cavaleiros à rédea solta. Traziam capuzes esquisitos na cabeça e as espadas desembainhadas na mão.

Num instante as duas senhoras pararam e o acompanhamento da criadagem e bestas de carga cercou-as. E os cavaleiros que iam com elas, desembainharam as espadas e atiraram-se aos salteadores. Porque os homens do bosque eram salteadores, gente que vivia de assaltar e roubar os viajantes.

Aquilo é que foi pancadaria! Valentíssimos tanto uns como os outros e sabendo servir-se das espadas com tal habilidade, força e rapidez, que o Bruno estava entusiasmado. E tão entusiasmado que por fim conduziu a Iria para junto das senhoras, saltou para cima de uma mula de carga e, pegando num chuço, que um dos criados levava, atirou-se como um doido aos salteadores.

Já se vê dava e levava, porque em brigas destas, homens a valer, fortes e valentes, não brincam. Mas que bela coisa, combater assim, à vontade, livremente, sem polícia a proteger nem nada, cada qual tratando de defender a vida e de castigar quem lha quer tirar!

O Bruno nunca se sentira mais feliz.

Andaram naquilo que tempos. Por fim os salteadores abalaram deixando cinco dos seus mortos no chão, e levando alguns feridos à garupa dos cavalos.

Dos viajantes também morreram dois e foram feridos uns poucos. Mas as senhoras e as bagagens ficaram sãs e salvas.

Os viajantes tinham visto no furor da briga o Bruno em cima da mula batendo-se que nem mil demónios, mas logo depois deixaram de o ver e a mula andava por ali sem cavaleiro. Então aqueles fidalgos convenceram-se de que o Bruno fora um anjo que viera ajudá-los (e não se enganavam muito) e puseram-se de joelhos e deram graças a Deus.

Depois levantaram-se e seguiram o seu caminho, como se nada fosse.

O Bruno e a Iria ficaram ali no meio da estrada a olhar para eles. Ninguém os via. Bruno tornara-se visível durante a batalha porque a sua coragem resplandecia no ardor da luta.

A Iria disse olhando para ele com admiração:

— Como tu foste valente! Nunca te vi tão lindo!

Bruno — Hum... Isso é imaginação. Todos os homens são lindos quando deixam de ser lesmas, ou espantalhos, ou intrujões, ou cagarolas; quando se mostram homens com a força que Deus lhes deu.

A Iria ficou a pensar nisto. Depois perguntou:

— Onde estamos nós?

Bruno — Parece-me que estamos na Europa; mas não sei em que terra. No caminhar do Tempo, desconfio que estamos na Idade Média.

E então viram pela estrada fora dois homens a pé com os seus saquitéis às costas. Vinham a cantar, contentes da sua vida. Eram homens do povo, pobremente vestidos. Um era trigueiro e o outro louro.

O Tempo surgiu de repente ao lado do Bruno e disse-lhe:

— Vou tornar-te visível para poderes conversar com estes homens.

Daí a pouco chegaram os caminhantes ao pé deles. O Bruno foi ao seu encontro.

O homem louro disse assim:

— Se você é um salteador, perde o seu tempo, que a gente não leva aqui dinheiro nenhum.

Bruno — Não sou salteador; sou um caminhante como vocês. Venho de longe e estava aqui a descansar. Para onde vão?

O Trigueiro — Vamos de terra em terra. Andamos a ver mundo. Eu sou sapateiro.

O Louro — E eu sou serralheiro. Um dia deu-nos na cabeça ir correr terras.

O Sapateiro — Metemos a ferramenta em sacos e toca a andar.

Bruno — E a respeito de dinheiro como é que vocês se governam?

O Serralheiro — Ora! A gente chega a uma vila ou a uma cidade e há logo quem queira um par de botas remendadas ou uma fechadura consertada.

O Sapateiro — Ganha-se logo ali com que comer um pedaço de pão e comprar um farnel para chegar a outra vila.

O Serralheiro — Assim tem a gente visto muitas coisas. Já atravessamos três reinos.

Bruno — E como arranjam vocês passaportes? E licenças para trabalhar em terra estrangeira?

O Serralheiro, olhando para o companheiro, pasmado — De que está ele a falar? Passa... quê? E que licenças?

Bruno — Então vocês podem entrar e sair lá da sua terra sem papéis para mostrar nas fronteiras? E podem andar por outras terras e trabalhar sem licença?

Os dois desataram a rir.

O Serralheiro — Essa agora! Então a gente não havia de entrar e sair da sua terra quando quer?

O Sapateiro — O que tem a gente das outras terras com os nossos ofícios? Essa não é má! Então a gente não havia de poder trabalhar onde quisesse? Deixa-me rir!

Bruno — Hum... E a respeito de serviço militar?

O Serralheiro — O que é isso?

Bruno — Aprender coisas da guerra.

O Sapateiro — Isso é lá com os soldados.

Bruno — Então quando há uma guerra vocês não são todos chamados?

O Sapateiro — Essa agora! chamados para quê? Então quem havia de fazer sapatos?

Bruno — Hum... la fazer mais perguntas, mas o Tempo atirou com ele e com a Iria para as costas e abalou.

Durante algum tempo foram os dois muito calados a pensar no que tinham visto e ouvido.

Por fim a Iria perguntou:

— O que é Idade Média?

Bruno — É o tempo que vai desde o fim do Império Romano até ao princípio da Renascença.

Iria — Durou muitos anos?

Bruno — Durou mil anos.

Iria — E... o que é a Renascença?

Bruno — É quando os homens começaram a cansar-se do que tinham e se puseram a macaquear o que os Gregos antigamente tinham feito. E naquele seu grande desejo de perfeição, fizeram coisas lindas.

A Iria calou-se um bocado a pensar. Depois disse:

— Lá no colégio onde andei, ensinaram-me que a Idade Média foi um tempo de miséria e de escravidão para os homens.

Bruno — Lérias! Bem viste... Então achas que aqueles salteadores eram escravos? Ou os fidalgos viajantes que tão bem defendiam as suas mulheres e os seus bens? Ou o sapateiro e o serralheiro que andavam de terra em terra a cantar, com as ferramentas às costas e livres como o ar?

Mas a Iria que estava cansada de pensar nestas coisas difíceis, tinha adormecido.

O Tempo soltou uma gargalhada.

Bruno — De que estás tu a rir?

O Tempo — Dos homens.

Bruno — Porquê?

O Tempo — Porque são patetas. Quer olhem para diante, quer olhem para trás, estão sempre a achar melhor aquilo que não têm...

O Bruno calou-se. E o Tempo, a rir, foi galopando... E o chão sempre a fugir-lhe das patas, de trás para diante.

CAPÍTULO 8

A VIAGEM NO TEMPO

Este capítulo é muito sério; porque a gente, nesta vida não pode nem deve estar sempre a rir e a divertir-se. Depois de se pensar em coisas sérias, ri-se a gente melhor e sabendo porque ri. Rir tolamente como os galos cantam e os papagaios gritam, não presta.

Aconteceu que o Tempo começou a pouco e pouco a abrir as asas e a elevar-se nos ares. De modo que o Bruno e a Iria viam a Terra como se fosse um mapa; mas era muito esquisito porque, ao mesmo tempo, viam perfeitamente o que se passava na terra como se andassem nela.

A cidade de Roma começou a crescer e de lá saíam tropas e mais tropas, a cavalo, a pé, e carros, e bestas carregadas. E iam... iam para todos os lados e espalhavam-se por toda a parte. Legiões e legiões... Luziam ao sol as couraças de aço e as pontas das lanças; e o vento dava nos penachos dos capacetes, agitava os mantos curtos dos chefes e enfolava as bandeiras...

Por toda a parte, por toda a parte... Guerras, combates, cercos de cidades e vilas; e sempre os Romanos vitoriosos. E alastravam, alastravam... Estavam em toda a parte: Portugal e Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Hungria, Grécia, e todo o Norte da África e a Ásia Menor... E por ai

fora, lá para os lados da Pérsia... Tudo era deles. E por toda a parte construíam cidades, com os seus palácios, seus templos, seus estabelecimentos de banhos, seus teatros; e grandes estradas, e pontes e aquedutos, e arcos de triunfo, e estátuas...

Era gente que sabia bem o que fazia e que vivia à grande e com todo o conforto. Já se vê, havia ricos e pobres, escravos e homens livres, pessoas que trabalhavam e pessoas que não trabalhavam; e havia os que vendiam e os que compravam, e os que mandavam e os que obedeciam, e bons e maus e espertos e tolos. Mas isso sempre houve sobre a terra em todos os tempos e sempre há de ser assim.

O Bruno e a Iria iam tão pasmados das coisas que viam que nem falavam.

Por fim chegaram a uma grande cidade e o Tempo levou-os a uma praça majestosa toda rodeada de palácios e templos, arcarias, colunas, estátuas, tudo de cantarias e mármores de grande beleza. A praça estava cheia de gente do povo, mendigos, escravos e soldados. Iam passando fidalgos com as suas túnicas compridas e mantos apanhados em volta do corpo com muita elegância; e havia mercadores que vendiam coisas de comer e de beber, e bugigangas:

No alto de uma tribuna de mármore um homem muito bem parecido e imponente, fazia um discurso. Dizia assim:

Somos o povo mais poderoso da terra. O mundo pertence-nos. Os povos submetidos ao nosso domínio, de bárbaros e miseráveis que eram, tornaram-se prósperos e felizes. Obedientes às nossas leis, vivem na ordem e são protegidos pela nossa força e pela nossa justiça. O poder e a grandeza que os deuses nos concederam nunca tiveram igual no mundo; nunca terão fim, irão sempre crescendo. Porque a nossa raça é superior a todas as raças da terra.

— Aí é que tu te enganas, resmungou o Tempo. E desatou a rir.

O povo todo aclamava o tribuno.

O Bruno e a Iria teriam gostado de se demorar porque se abriu a porta de um templo e começou a sair de lá uma solene procissão. Mas o Tempo atravessou a praça a galope e saiu da cidade; e então repararam que, desta vez, o chão fugia debaixo deles de diante para trás.

Viram-se no alto de uma colina. O Tempo estendeu o braço e apontou para uma enorme nuvem de poeirada que avançava lá muito longe, direita à cidade. A pouco e pouco, entre aquela poeirada, foram enxergando uma multidão de gente: cavaleiros inúmeros, à desfilada, agitando armas que faiscavam ao sol. A terra tremia e o ruído era confuso e terrível.

O Tempo foi galopando, deu uma grande volta e tornou a levá-los àquela mesma praça onde o orador dissera, do alto da tribuna de mármore, que o poder e a grandeza dos Romanos não teria fim e que a sua raça era superior a todas as raças do mundo.

— Oh! meu Deus! exclamou a iria.

De tanto esplendor e força, restava apenas um campo aberto de ruínas. Edifícios derrocados, paredes desmoronadas, colunas tombadas, partidas... E entre aqueles montões de escombros, nem vivalma! Ervas e plantas bravias cresciam por aqui e por ali entre as cantarias e as estátuas quebradas; e a terra, trazida pelo vento, ia já cobrindo tudo.

O Bruno olhava para aquela desolação com a testa franzida; e a Iria tinha os olhos rasos de lágrimas.

— A gente aprende estas coisas na escola, disse ela. Mas são só palavras. A gente não percebe.

— Pois é, respondeu o Tempo. Os homens dizem: a queda do Império Romano foi assim e assim, como papagaios. Mas não são capazes de aprender o que eu me farto de lhes ensinar. Cada vez que um povo começa a crescer e a dominar os outros, julga que a sua raça é superior a todas e a sua grandeza eterna. E depois... catrapus! eu passo, arraso tudo, e ponho outros no lugar deles. E os homens escrevem tudo isto lá nos seus livros. Mas nunca aprendem. Provavelmente não podem.

Iria — Mas quem deu cabo daquele Império Romano tão grande e tão forte?

Bruno — Pois não te ensinaram que foram os Bárbaros que vinham de Leste com o seu grande chefe Átila? E o Tempo não tos mostrou naquela nuvem de poeirada?

Iria — Pois sim. Mas como é que um tropel de Bárbaros trazidos numa nuvem de poeirada foi capaz de vencer e arrasar um império tão forte, tão enorme, tão bem governado?

Bruno — Hum... Bem vês, não foi de repente, Levou muitos, muitos, muitos anos.

O Tempo ia sempre galopando, mas levava a cabeça um pouco virada de lado para não perder pitada desta conversa.

— Não foram os Bárbaros que venceram os Romanos, disse ele.

Bruno — Essa agora! Então quem foi?

O Tempo — Fui eu.

Iria — Que peta!

O Tempo — Não é peta. É assim mesmo. Porque, bem vês, o meu ofício é passar e, passando, mudar tudo. Nem um instante sequer deixo durar seja lá o que for. Queres ver?

O Tempo parou no cimo de um monte. O monte estava coberto de vegetação. Havia cevadilhas em flor e murtas e rosmaninhos e erva-cidreira e muitas outras plantas que perfumavam o ar.

Muita claridade.

Uma fonte de água límpida brotava de uma rocha; e a água formava um ribeirinho que ia a correr e a cantar por ali abaixo sobre calhaus cor-de-rosa.

Lá ao longe, via-se uma terra toda recortada pelo mar. Um mar todo azul e sossegado como um lago.

— Que lindo! disse a Iria. Que lindo!

— É a Grécia respondeu o Tempo. E vamos vê-la como ela era muito, muito antes de Jesus Cristo nascer, quando os Romanos eram ainda povos desordenados de quem ninguém fazia caso.

Depois o Tempo chegando a umas roseiras bravas que ali cresciam, colheu um ramo, virou-se para os dois pequenos com ele na mão e disse assim:

— Olhem bem para isto.

O Bruno e a Iria olharam para o ramo; e viram na sua ponta aparecer um botão que foi inchando, inchando..., O botão abriu-se; cresceram pétalas vermelhas; formou-se uma rosa perfeita. E logo as pétalas começaram a amolecer, a engelhar, a perder a cor.

Uma abelha esvoaçou, a zumbir, por cima da rosa; pousou nela; e logo as pétalas se desprenderam e caíram no chão.

A Iria estava encantada.

— Como é bonito! disse ela. Já vi uma vez uma fita, no cinema, onde mostravam uma planta a crescer; e as flores a nascerem e a abrirem e a darem os frutos e as sementes. Já se vê que é assim mesmo; mas só quando vi aquela fita é que entendi, porque num jardim tudo se passa tão devagar que a gente não dá por nada.

O Tempo atirou fora o ramo que tinha na mão e perguntou ao Bruno:

— Entendeste?

Bruno — Parece-me que sim. Isto é o teu trabalho: passar, passar, e mudar tudo sem-fim; quer seja a rosa, ou as formigas, ou as árvores...

O Tempo — Ou os rochedos, os metais, os astros, todas as coisas que parecem eternas... Ou os homens, os povos, os impérios, as culturas, as civilizações...

Iria — O que é cultura?

O Tempo — É o ponto em que o entendimento do homem se abre como uma flor perfeita.

Iria — E o que é civilização?

O Tempo — É o ponto que vem depois, em que os homens se incham de presunção, inventam coisas do arco da velha e esquecem as leis de Deus... Diz-me uma coisa, Bruno, achas que foi a abelha que fez cair as pétalas da rosa?

Bruno franziu a testa, cismou um bocado e respondeu:

— Não senhor. A rosa estava murcha, velha, morta. As pétalas iam cair de toda a maneira. Quando a rosa estava fresca e cheia de vida, podiam ter pousado nela dezenas de abelhas sem que as pétalas caíssem.

Iria — Parece-me que também entendo. O Tempo quis explicar-nos que o Império Romano tinha envelhecido como a rosa; e por isso, quando os Bárbaros lhe tocaram, desmoronou-se todo. Não foram os Bárbaros que o arrasaram...

O Tempo — Fui eu que passei.

Bruno — Mas porque fazes tu isso? Quando uma coisa é perfeita, porque não a deixas durar?

O Tempo — A perfeição não é deste mundo.

Bruno — Porquê?

O Tempo impacientou-se.

— Porquê? Porquê? Porquê?... Porque Deus não quer, disse ele. Vai bugiar! Olha para aquela cigarra que está ali a cantar agarrada ao tronco daquela oliveira Julgas que ela entende o que tu pensas e o que tu fazes?

Bruno — Não, senhor.

O Tempo — Então como queres tu entender o que Deus pensa e faz.

O Bruno corou, todo envergonhado. Mas o Tempo encolheu os ombros e, sem mais conversas, partiu à desfilada por aquele monte abaixo.

Entrou na Acrópole de Atenas. A Acrópole era uma cidadela situada numa altura por cima da cidade e rodeada de muralhas. Era uma fortaleza e, ao mesmo tempo, um santuário onde os Gregos tinham os templos dos seus deuses. E lá estava o Pártenon, o grande templo de Minerva, deusa da sabedoria, com o seu friso de maravilhosas estátuas... O sol dava-lhe em cheio e o mármore parecia palpitar como coisa viva.

Andava gente na Acrópole, mas sem pressa nem burburinho.

— Isso não parece coisa da Terra, disse o Bruno.

Iria — Em Roma havia mais riqueza e movimento e esplendor; os fatos e as casas eram diferentes, mas, no fundo, tudo se parecia com as nossas cidades. Aqui, não. Sinto-me tão pequenina, tão pequenina...

O Tempo — É que em Roma, aquela gente vivia e pensava como vocês vivem e pensam agora. Mas esta gente que vocês veem aqui, têm outras ideias.

Bruno — Que ideias?

O Tempo — Para eles o que vale não é o luxo, o dinheiro e o conforto; é a beleza; é a perfeição das coisas; é o desejo de entender o que Deus ensina aos homens no segredo dos seus corações.

O Bruno e a Iria tinham os olhos cravados no Tempo, à espera que ele continuasse a falar, a explicar. Mas o Tempo calou-se e, de repente, viram-se no meio de um campo deserto e pedregoso. Muito ao longe, muito ao longe, branquejava a cidade de Atenas.

Por um caminho, através daquela grande campina, vinha um homem a correr.

Era um soldado. Perdera o capacete, mas ainda levava restos da couraça. Ia esfarrapado. Via-se-lhe o peito nu a arfar. Os músculos do peito, dos braços, das pernas, eram como cordas enroladas, apertadas naquele esforço de correr...

Coberto de pó...

Coberto de suor...

A respiração parecia o resfolegar de um fole de forja...

Tinha uma ferida no peito...

Outra num braço...

O sangue coalhara, empastado com a poeira... Os pés martelavam o chão duro e seco...

O sol escaldava...

Nunca vi um homem correr assim, disse o Bruno. Não imaginava que um homem pudesse correr assim... E ferido, e estafado...

O Tempo desatou a correr ao lado do soldado. Perguntou-lhe:

— Para onde vais?

O soldado — Atenas.

O Tempo — De onde vens?

O soldado — Maratona.

O Tempo — Que vais buscar?

O soldado — Nada.

O Tempo — Que vais levar?

O soldado — Notícias.

O Tempo — De quê?

O soldado — Vitória!

E sem parar nem afrouxar a corrida, o soldado virou para o Tempo o rosto resplandecente de alegria. Os olhos brilhavam como dois diamantes. Repetiu:

— Vitória!

O sangue escorria-lhe do nariz.

— Vai morrer... disse a Iria.

— Ainda não, respondeu o Tempo. A alma aguenta-o.

Agora já se via bem a cidade. Fachadas de casas. Alguns jardins.

Começava a ouvir-se o ruído de vozes...

O soldado corria... corria... O seu passo não afrouxava...

Entraram na cidade. Chegaram a uma praça. Juntou-se gente.

O soldado parou. Levantou um braço. Soltou um grito:

— Vitória!

Caiu morto no chão.

— Coitado! disse a Iria.

O Tempo zangou-se:

— Coitado, porquê? Morrer assim é das maiores felicidades que um homem pode ter!

A Iria — Mas se não tivesse morrido, com certeza ganharia um grande prémio.

O Tempo — Ele queria lá saber de prémios! O que ele queria era isto, entendes? Isto! Olha!

Atenas, a cidade que tinham visto tão sossegada, estava agora de repente em rebuliço. Todos corriam em alvoroço; todos gritavam. Mulheres levantavam os filhinhos nos braços erguidos, como trofeus. Formavam-se procissões de velhos, de rapazes, de raparigas, vestidos com túnicas brancas e coroados de flores. Acudia gente aos templos trazendo pombas e braçados de flores que iam oferecer aos deuses em ação de graças.

— Era isto que ele queria, repetiu o Tempo. Que lhe importava a morte se, antes de morrer, pudesse dar esta alegria a Atenas! O amor pela sua cidade, que ele queria cada vez mais bela e perfeita, era muito superior ao amor pela própria vida. Prémios!... O prémio que ele queria era a glória de ser o primeiro a anunciar a Atenas, a grande vitória. E morreu nadando em felicidade. Ninguém teve dó dele. Todos o invejaram. iria — Mas...

O Tempo — Mas o quê? Vocês não entendem. A gente de agora pensa que viver bem é ter dinheiro, quarto de banho e automóveis; e morrer bem é morrer numa cama de molas rodeado de médicos...

Bruno, querendo amansá-lo — Não te zangues.

O Tempo — Vai bugiar!

Desatou a correr e levou-nos para dentro de uma casa. Já se vê, ninguém dava por eles. Eram todos três invisíveis.

O Tempo apontou para um homem que estava sentado na borda de uma cama, a falar com outros, novos e velhos, que o escutavam com muito respeito. O homem era feio; tinha o nariz achatado. Mas o sorriso iluminava-o como um milagre e os olhos brilhavam-lhe de um fogo que não parecia deste mundo.

A rir, cheio de bom humor, o homem disse aos seus companheiros:

— Bem sei que é difícil convencer os homens de que não acho desgraça nenhuma a minha sorte presente. Vocês pensam que eu devo estar triste; mas isso é julgar-me inferior aos cisnes que, segundo tenho ouvido dizer, cantam divinamente quando estão para morrer, mostrando assim a alegria que sentem com a ideia de irem ter, breve, com Apoio, seu senhor. A morte levar-me-á a um lugar melhor que este; não vejo que isto seja motivo de tristeza.

O Tempo disse ao Bruno e à Iria;

— Este homem era um grego chamado Sócrates. Uma das criaturas mais santas e sábias que têm existido na terra. Ensinava ele que a principal ciência (a ciência sem a qual os homens não podem entender nenhuma outra ciência) é o conhecimento da alma. Fartava-se de dizer aos seus discípulos: Trata de te conheceres a ti mesmo. E como além do seu enorme talento e da sua sabedoria, Sócrates tinha muita graça e uma bondade infinita, o número dos

seus discípulos aumentava de dia para dia. Ora os outros sábios começaram a abrasar-se de inveja, e tantas intrigas fizeram para se verem livres dele, que os magistrados de Atenas o condenaram à morte.

Iria — Então estes homens vão matá-lo?

O Tempo — Não. Estes homens são discípulos seus. Vai escutando...

O Bruno e a Iria puseram-se à escuta com muita atenção.

Sócrates, dizia aos seus amigos:

— A morte é uma viagem. E vocês, no correr, do tempo, ora um ora outro, farão esta mesma viagem que eu agora vou fazer.

E, levantando-se com o seu vagar, acrescentou:

— Vão sendo horas de eu tomar o meu banho, pois me parece melhor tomá-lo antes de beber a cicuta, a fim de poupar às mulheres a tarefa desagradável de me lavarem depois de morto.

A Iria perguntou:

— O que é cicuta?

O Tempo — É uma planta da qual os Atenienses extraíam um veneno que davam a beber a certos condenados.

Um dos discípulos, chamado Críton, perguntou a Sócrates se não tinha recomendações a fazer-lhes.

— Sim, respondeu Sócrates. Que vivam segundo os preceitos que lhes ensinei.

E outro perguntou-lhe como queria que o amortalhassem.

Sócrates sorriu com uma pontinha de troça e encolheu ligeiramente os ombros:

— Há tanto tempo que ando a falar na eternidade da alma e vejo que ainda não entenderam. Julgam que depois de beber a cicuta ficarei aqui. Podem amortalhar como quiserem o que aí ficar; porque eu irei logo para o outro mundo gozar da felicidade dos bem-aventurados.

Apenas ele voltou do banho, entrou no quarto um oficial da justiça e disse-lhe assim:

— Quando venho dizer aos outros condenados, no cumprimento do meu ofício, que chegou o momento de beberem a cicuta, costumam zangar-se e amaldiçoar-me, como se a culpa fosse minha. Mas tu que és o homem mais justo, mais manso, mais corajoso e melhor que há, não te irritarás contra mim. E agora, adeus. Suporta o melhor que puderes, o que é inevitável.

E dizendo isto, começou a chorar e foi-se embora.

— Que homem excelente e cheio de cortesia! disse Sócrates. E, voltando-se para um escravo que ali estava, acrescentou:

— Tragam-me o veneno.

Críton — Mas ainda é cedo. O sol ainda não desapareceu por detrás dos montes. Há muitos condenados que só bebem a cicuta muito mais tarde.

Sócrates — Lá terão as suas razões; mas as minhas são diferentes. Nada ganharei retardando a hora de beber o veneno, senão tornar-me ridículo aos meus próprios olhos mostrando-me apegado à vida, coisa que já me não pertence.

E nisto um homem trouxe-lhe o veneno.

Sócrates pegou na taça da cicuta sem se alterar nem mudar de cor.

Ergueu-a com a mão bem firme, como para um brinde, e sorrindo, disse:

— Peço aos deuses que me deem uma viagem feliz daqui até ao outro mundo para onde vou partir.

Levou então a taça à boca e bebeu o veneno de um trago.

Os seus discípulos, que até ali se tinham conservado calmos, não puderam conter mais o seu desgosto. Lamentaram-se e choraram.

— Então que é isso? disse Sócrates. Mandei retirar daqui as mulheres da minha família para evitar lamentações e choros, porque sempre ouvi dizer que um silêncio sagrado deve acompanhar a hora da morte. Que estranhos amigos vocês são! Vamos, conservem a serenidade e mostrem a nobre coragem de homens!

Então os discípulos caíram em si, e, parecendo envergonhados, calaram-se e enxugaram as lágrimas.

Sócrates pôs-se a passear no quarto de um lado para o outro até que, o veneno começando a fazer o seu efeito, as pernas se lhe tornaram dormentes. Estendeu-se então em cima da cama e tapou a cara com o manto como era costume dos Gregos quando iam morrer.

Daí a bocado, um dos seus discípulos aproximou-se e perguntou-lhe se tinha mais alguma coisa a recomendar-lhes. Mas Sócrates não respondeu. Descobriram-lhe o rosto. Estava morto. Críton fechou-lhe os olhos.

O Tempo levou o Bruno e a Iria para fora da casa e desatou a correr.

— Ninguém nos fala da morte enquanto somos pequenos, disse o Bruno. Como se a morte fosse coisa feia e triste que não se deva mostrar às crianças. É mal feito.

Iria — Ó Bruno! e a morte é tão linda! Sócrates não era bonito; mas reparaste bem? Depois de morto resplandecia como um anjo! Viste como sorria?

O Tempo — O maior mal dos homens é o medo. A morte é o papão das pessoas crescidas; por isso a escondem das crianças. Mas a gente que pensa e vive como Sócrates pensou e viveu, olha para a morte sem medo e sorri-lhe como ele sorriu. Porque a morte é igual ao nascimento. O nascimento e a

morte pertencem ambos à vida; são estações de partida para viagens feias ou bonitas, felizes ou tristes, conforme os viajantes sabem ou não sabem o caminho que levam e o sítio para onde vão.

Iria — Espera, Tempo, fala mais devagar... Assim não te entendo.

O Tempo — Não faz mal. Vai pensando nas palavras que eu agora disse; e um dia, sem dares por isso, entenderás.

Bruno — Parece-me que pensar a valer é coisa muito difícil.

O Tempo — É! Mas só o que é difícil presta e conta.

A Iria ia a falar, mas o Tempo corria com ta! rapidez e era tal a ventania, que nem a Iria nem o Bruno podiam sequer abrir a boca. E assim foram andando, sempre de diante para trás.

Elevaram-se nos ares e, de novo, a terra lhes apareceu como um mapa do qual estavam longe e perto ao mesmo tempo.

Às vezes andavam um bocadinho para diante, mas logo tornavam a andar para trás.

Assim, viram os Gregos submetidos à Macedónia e os exércitos de Alexandre, o Grande, avançando de conquista em conquista, alargando aquele império até à India... E viram por fim a Grécia e a Macedónia, reduzidas a províncias romanas, murchar, envelhecer e morrer como a rosa que o Tempo lhes mostrara...



Recuando, recuando sempre, viram nas margens do Tigre nascer e crescer a maravilhosa Niniva, a cidade da rainha Semiramis, a capital daquele reino da Assíria cujo poder e esplendor enchiam de assombro o mundo antigo...

E viram a Babilónia, atravessada pelo rio Eufrates, cercada por gigantescas e numerosas muralhas onde se abriam cem portas, e que abrangiam um espaço tão grande como o de algumas províncias dos nossos tempos... E dentro dessa espantosa cidade viram os seus jardins suspensos, a beleza e majestade dos seus edifícios, e a intensa palpitação da vida, do comércio e das indústrias, do trabalho e do prazer, das riquezas e do seu imenso poder...

E viram o Egipto com os seus templos enormes, a sua arte perfeita, a sua ciência profunda, os palácios reais dos seus faraós de cuja riqueza e esplendor os homens de hoje mal podem fazer ideia. E viram os sacerdotes egípcios

guardadores daquela sabedoria ignorada pela gente de agora, e que lhes dava poderes misteriosos e irresistíveis... E viram as suas estátuas colossais e as pirâmides, não como elas são hoje, mas como elas eram então, grandiosas e imponentes como nenhum monumento dos nossos dias...

Foram recuando pela história do Egipto até mais de cinco mil anos antes de Jesus Cristo nascer... E então o Bruno e a Iria começaram a reparar numa névoa que pouco a pouco ia crescendo em volta das coisas que o Tempo lhes mostrava.

Assim viram as grandes civilizações da China e da índia. E a beleza e magnificência eram ali tais e tão diferentes do que até então tinham visto, que o Bruno e a Iria chegaram a julgar que estavam a sonhar...

A névoa aumentava, tornando-se cada vez mais espessa. Tudo aparecia como através de um véu... Mas o Tempo continuava a recuar; agora estavam na América onde outras civilizações surgiam, esplêndidas, poderosas...

O nevoeiro aumentava tanto que no esforço de enxergar as coisas através dele, o Bruno e a Iria levavam já os olhos vermelhos e chorosos. Uma coisa tinham aprendido: que todas estas civilizações, todos estes impérios, por mais ricos que fossem de esplendor, de arte, de sabedoria, de grandeza, de poder, acabavam todos, como Roma, sob montões de ruínas.

Pensando nisto, o Bruno, perguntou ao Tempo:

— Mas então... nada se aproveita?

O Tempo — Sim, mas não como os homens imaginam.

Bruno — Então como?

O Tempo — Devagar, devagar... como Deus quer.

Bruno — A gente não vê.

O Tempo — Também não vês a rosa crescer e morrer.

Bruno — Hum...

A Iria começou a bocejar. Estava cansada, cheia de aborrecimento e de sono.

— Ó Tempo, disse ela, isto agora é sempre a mesma coisa e eu já estou farta. Quando a gente abalou contigo lá da planície, tu prometeste que nos ias levar junto da Dona Redonda.

O Tempo — E então? Não a viram a dançar toda lépida, de cinturinha fina e de sim-senhor postiço?

Iria — Pois sim, mas isso não era a nossa Dona Redonda. Era uma pessoa sem graça nenhuma.

Bruno — A Iria tem razão. Eu gostei muito de ver as coisas que nos mostraste porque são coisas que as pessoas crescidas não nos ensinam bem. Mas agora...

O Tempo, rindo — Não ensinam porque não as percebem. Como inventaram umas maquinetas de voar e outras para andar debaixo de água, e muitos explosivos e remédios que dão cabo de tudo que é vivo e lindo, imaginam que são deuses e que nunca ninguém lhes chegou aos calcanhares. Deixa-me rir! Em eu galgando um pouco mais para diante... verão! Imaginam que podem ir longe só com a força das máquinas. E deixaram a alma para trás sem fazerem caso dela. Nunca aprendem, nunca aprendem o que eu lhes ensino!

O Bruno começava a maçar-se com estas conversas do Tempo.

— Sim, sim, disse ele com impaciência, tudo isso é muito bonito. Mas o que nós queremos saber agora, é onde está a Dona Redonda.

O Tempo — porque não a procuraram?

Iria — Onde havíamos de a procurar se tu não tens feito senão andar para trás como um caranguejo?

O Tempo desatou a rir tanto que até se dobrava ao meio; e as lágrimas escorriam-lhe pela cara. E entre gargalhadas, ia dizendo:

— Se não a acharam é porque não a procuraram!

O Bruno zangou-se a valer; porque o Bruno não era para graças e não dava licença a ninguém de fazer troça dele. Deitou as unhas ao cabelo do Tempo, e puxou e sacudiu aquela trunfa com quanta força tinha; e não era pouca.

— Ui! berrou o Tempo. Olha que me arrepelas!

Bruno, continuando a puxar e a sacudir — É para passar o nervoso.

Iria, toda zangada também — Não quero ver mais esplendores nem mais ruínas! Quero voltar para a gente de Dona Redonda.

E começou a esgatanhar e a morder as costas do Tempo.

— Está bom, está bom... resmungou ele já amansado. Julguei que vocês eram capazes de entender...

Bruno — Entendemos muito bem, mas agora queremos ir procurar a Dona Redonda porque...

Mas o Tempo não o deixou continuar. Sacudiu-se de repente e o Bruno e a Iria foram pelos ares.

Foram pelos ares e caíram na planície; e viram a gente da Dona Redonda, de gatas no chão, a escolher e a limpar os torrões e as pedras, tal qual como no momento em que o Tempo os levara.

Bruno — Então vocês ainda aqui estão? E ainda não chegaram os homens para peneirar a terra?

Dona Maluka — Como tinham de chegar se o duque ainda acolá vai?

Iria — Depois de tanto tempo! Como pode isto ser!...

Dona Maluka e Lucinda olhavam para eles desconfiados.

Dona Maluka — Vocês não estão bons.

Mestre Elói — Sol na cabeça, às vezes, transtorna quem não está costumado.

Dinis — Talvez seja febre.

Lucinda — Ou a espinhela caída. Às vezes cai de repente.

O Bruno pegou num braço da Iria e levou-a à parte. Disse-lhe baixinho:

— Não fales mais nisto. São capazes de ferrar connosco na cama. Bem vês, enquanto andou connosco para trás, o Tempo não passou aqui. Ficou tudo na mesma. Não correu tempo.

Iria, baixinho, assarapantada — Já percebo. Deve ser isso. Mas que confusão! Vamos disfarçar.

Puseram-se a rir os dois, dizendo que estavam a brincar. Mas o Mostrengo piscou-lhes o olho porque ele sabia muito bem o que tinha acontecido.

Zipriti — Ai! Ai! Zipriti não quer brincar, não. Zipriti chorar. Zipriti saudades Dona Redonda. Aqui d'el-rei! Dona Redonda! Dona Redonda! Zipriti quer Dona Redonda, quer! Ai! Ai!

Lucinda pegou-lhe na mão e lá a sossegou dizendo-lhe:

— Procura comigo, Zipriti. A gente é que vai dar com ela.

Continuaram no seu trabalho, todos tristes e desconsolados, mas cheios de boa vontade.

CAPÍTULO 9

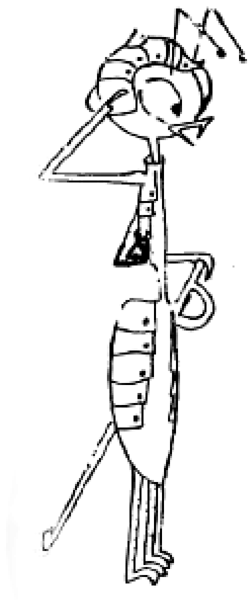
O FORMIGUEIRO

Logo que Dona Redonda se viu do tamanho de uma formiga, não quis saber de mais nada e entrou com todo o desembaraço para dentro do formigueiro.

Tinha que fazer um esforço para se lembrar que era muito pequenina; porque, como todas as coisas que a sua vista abrangia eram proporcionadas ao seu tamanho, só percebia que entrara num mundo diferente; não tinha a impressão de ser pequenina, nem de ser pequenino tudo que a rodeava.

Aos olhos dos homens Dona Redonda era uma bolinha azul pouco maior do que a cabeça de um alfinete. Mas aos olhos das formigas, Dona Redonda não era pequena: era uma formiga redonda e azul com quatro patas em lugar de seis e uma trunfa branca na cabeça em lugar de antenas.

Os guerreiros que guardavam a entrada, apenas viram Dona Redonda, vieram a correr e rodearam-na com má cara. Tinham aspeto horrível. Eram uns diabos negros com as cabeças achatadas e carecas; e as antenas pareciam chifres enormes. Dos lados da boca tinham os braços das mandíbulas como tenazes fortíssimas. Os olhos enormes, quase tão grandes como a própria cabeça, redondos e salientes.



Dona Redonda não teve medo nenhum destes monstros. Espetou um dedo para eles e disse assim:

— Alto lá! Nada de atrevimentos! Eu sou uma visita e quero falar à rainha.

Dona Redonda tinha a ideia que as formigas eram governadas por uma rainha.

O capitão da guarda olhava sem pestanejar para a Dona Redonda; e por fim começou a coçar a cabeça com ambas as patas dianteiras.

— Esta agora! disse ele.

Nunca vi um inseto assim.

Não é lagarta, nem mosca, nem piolho, nem aranha...

Um dos guerreiros — Não tem mandíbulas e faltam-lhe duas pernas.

Outro guerreiro — Não tem olhos.

O capitão — Calem a boca! Deixem-me pensar.

Dona Redonda, começando a zangar-se — Pensar em quê, meu pedaço de asno? Já se vê que não sou piolho nem aranha. Não percebes que sou uma senhora?

O capitão, todo cheio de importância e de doutorice — As senhoras pertencem ao povo dos deuses gigantes que ninguém vê porque são grandes de mais.

Dona Redonda — E como é que vocês sabem da existência dos deuses gigantes, se não podem vê-los?

O capitão — Ora essa? Quando passam, a terra treme e, se põem uma pata em cima de um formigueiro, arrasam-no todo. E fazem chover do céu grãos de trigo; e têm celeiros cheios de preciosas coisas de comer.

Dona Redonda — Está bom. Vejo que sabes muito. Pois eu venho do mundo dos deuses e quem manda aqui sou eu.

Os guerreiros juntaram-se em volta do capitão e falaram todos entre si em segredo. Depois o capitão perguntou a Dona Redonda com ares finórios:

— Vens do mundo dos deuses e és do nosso tamanho? Como pode isso ser?

Dona Redonda — Não sou do vosso tamanho. Sou enorme. Mas apeteceu-me entrar num formigueiro, e um grande deus meu amigo, chamado Mostrengo...

Com grande espanto da Dona Redonda, apenas ela pronunciou o nome do Mostrengo, os guerreiros puseram-se todos de cócoras, a tremer, e o capitão ajoelhou diante dela e beijou-lhe a mão, exclamando:

— Ó divina Bola Azul! porque não disseste logo que eras a esposa do mais poderoso de todos os deuses? O deus Mostrengo que nós conhecemos em todo o seu esplendor e que nos aparece quando quer, do tamanho de um grilo e até do nosso tamanho! Manda, manda, Bola divina! Aqui tens às tuas ordens, o povo dos teus escravos!

Dona Redonda, encantada — porque não disse logo quem era? Essa é boa! Porque queria ver como vocês se portavam à chegada de uma visita. E vi que são selvagens sem cortesias nem maneiras, do que o meu esposo Mostrengo ficará bem descontente.

O capitão, de mãos postas — Ai, que estúpido que eu fui! Perdoa-me! Tem piedade!

Dona Redonda — Está bom, está bom... Basta de macaquices. Vamos, mostra-me a cidade.

Então os guerreiros formaram alas, e o capitão, oferecendo com todo o respeito a mão a Dona Redonda, levou-a solenemente para o interior do formigueiro.

Dona Redonda, interessadíssima e cheia de curiosidade, olhava para um lado e para o outro e observava tudo com a maior atenção. Nada lhe escapava.

Viu que o formigueiro era uma verdadeira e enorme cidade com infinitas galerias em lugar de ruas e muito povo a labutar, a labutar. Mas não havia lojas, nem oficinas onde artistas fizessem trabalhos separados, à sua vontade e como entendessem. Todos trabalhavam em magotes de milhares, fazendo as mesmas coisas, como máquinas. De vez em quando as galerias alargavam-se abrangendo grandes espaços, como campos e vastos armazéns. Nalguns daqueles campos havia rebanhos de piolhos verdes, muito bem tratados.

O capitão, inchado de presunção, apontava para eles, dizendo:

— Vês, divina Bola, como as vossas vacas são numerosas e como estão bem tratadas?

Dona Redonda, que fingia entender tudo muito bem, para o capitão continuar convencido de que ela era uma deusa, respondeu, muito pronta:

— Sim, os rebanhos não estão maus. Mas o que eu quero saber é o que produzem. É isso o que interessa ao Mostrengo, meu esposo.

Então o capitão explicou-lhe que os piolhos, levados pelos operários para fora do formigueiro, invadiam certas plantas e chupavam-nas, enchendo-se de alimento que os estômagos transformavam em mel.

— Os nossos operários extraem então esse mel que guardam em grandes depósitos, para o nosso consumo.

Dona Redonda lembrou-se de ter visto várias vezes em jardins, roseiras cobertas de piolhos verdes que davam cabo delas. E sempre, onde havia esses piolhos, ela observara multidões de formigas em grande azáfama à volta deles.

O capitão — Temos conseguido aumentar muitíssimo a produção.

Dona Redonda — Sim, sim... aumentar a produção. Só isso conta para vocês.

Chegaram depois a um campo onde os operários cortavam com as mandíbulas folhas podres aos bocadinhos e, sobre elas, cultivavam cogumelos.

O capitão — E aqui está um outro ramo muito desenvolvido das nossas indústrias. Os cogumelos são um elemento importante da comunidade.

E mostrou a seguir grandíssimos armazéns de grão onde indetermináveis fileiras de operários carregadíssimos traziam e arrumavam enormes quantidades de grãos de trigo, de aveia e de outras sementes.

Dona Redonda — Eia! O que aí vai! Vejo que estão bem acautelados com os seus alimentos.

O capitão — Sim, todos trabalham para a comunidade comer e se reproduzir. As nossas populações aumentam e nunca falta de comer.

Dona Redonda — Trabalham todos juntos e fazendo todos a mesma coisa, desde que nascem até que morrem. Sem desejarem outra coisa, sem pensarem noutra coisa. Como se fossem máquinas.

O capitão, esfregando as mãos todo contente — Trabalhamos como máquinas para a comunidade comer e se reproduzir.

Dona Redonda — E nunca houve formigas que se revoltaram? Isto é, formigas querendo governar por si a sua vida, querendo fazer o que lhes apetecesse, escolher o seu trabalho, inventar coisas, divertir-se...

O capitão, muito envergonhado — Houve sim, senhora, mas foi há muitos séculos, quando se formaram os primeiros formigueiros. Essas formigas criminosas foram mortas. Não ficou nem uma. Tudo entrou na ordem.

Dona Redonda teve uma tal fúria que se afrontou de calor. Para disfarçar tirou o leque do bolso e começou a abanar-se com toda a força.

Sim, sim... disse ela. Vejo que deram cabo de todas as formigas que tinham miolos e coração. Agora só há palermas entre vocês. Bravo!

O capitão, todo satisfeito — Sim, senhora. Só palermas, só gente sem miolos. É o que é preciso. Assim todos são iguais e todos têm que comer.

Neste instante começaram a ouvir um ruído surdo como de um grande exército em marcha.

— Aí vêm os noivos que se vão casar lá fora, disse o capitão.

E dando a mão a Dona Redonda com toda a cortesia ajudou-a a trepar para cima de um grão de milho que ali estava.

E então começaram a passar milhares e milhares de formigas com asas. Passavam, passavam como um rio a correr, atarefadas, e sensaboronas, sem graça nem alegria nenhuma. Levaram que tempos a passar.

Dona Redonda — Estes noivos não parecem lá muito contentes.

O capitão, esfregando as mãos — O nosso povo nunca está triste nem contente. Todos trabalham para a comunidade comer e se reproduzir em boas condições.

— Se tornas a falar-me da comunidade, disse Dona Redonda a tremer de cólera, dou-te um pontapé que morres de fome no ar!

Mas o capitão não percebeu. Era estúpido como uma porta. Pensava que Dona Redonda estava sufocada de admiração.

Foi mostrar-lhe os estabelecimentos onde outros operários guardavam e tratavam dos meninos-formigas.

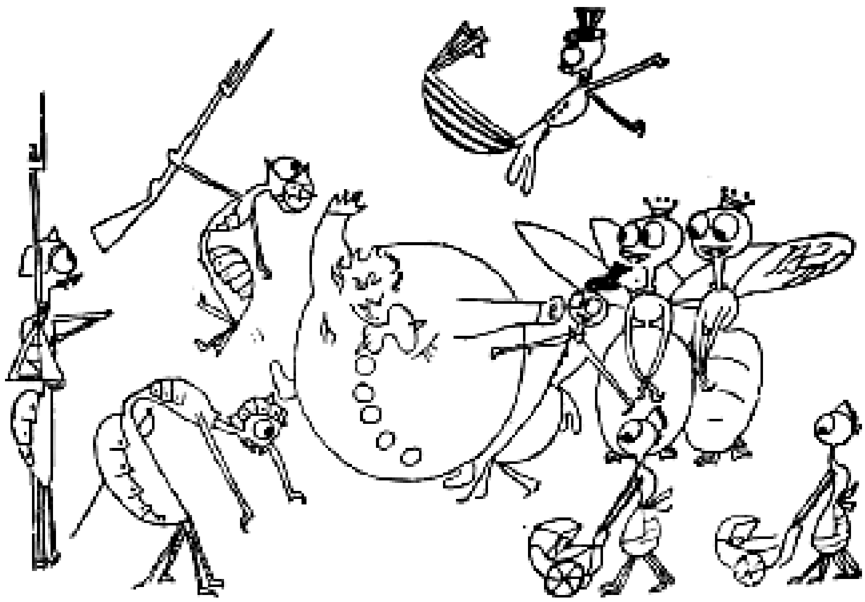
Dona Redonda viu salas e salas cheias de umas coisas brancas que pareciam ovos. Mas não eram; eram larvas e formiguitas ainda em formação. E os operários à roda delas, com todo o cuidado, a mudá-las de lugar, a limpá-las, a arrumá-las em fileiras... Era uma coisa bastante nojenta. O estômago de Dona Redonda deu-lhe uma volta; pareceu-lhe que ia vomitar, levou à boca o seu enorme lenço vermelho. Para disfarçar, disse:

— Vejo que os operários fazem tudo. Mas, para este trabalho, não seriam melhor fêmeas?

O capitão — Os nossos operários são todos iguais; não são machos nem fêmeas. Todos iguais e todos trabalham para a comunidade comer e se reproduzir.

A Dona Redonda não pôde mais. A sua cólera tanto tempo contida, rebentou que nem um morteiro. Desatou aos pontapés nas larvas e nas formigas-meninas, saltando, agitando os braços, dando pancadaria à direita e à esquerda com o lenço e com o leque e berrando:

— Seus parvos! Seus grandessíssimos asnos! Estúpidos! Burros!



Felizmente toda aquela gente-formiga, à força de igualdade e à força de só pensar na comunidade, tinha-se tornado tão parva, que não percebeu uma palavra do que Dona Redonda dizia. Caíram todos de joelhos em adoração, julgando que a divina Bola os quisera deliciar com uma dança sagrada.

Foi nesta ocasião que se ouviu de novo o ruído surdo da marcha das noivas que voltavam já casadas. A Dona Redonda percebeu logo que só voltavam as noivas, porque os noivos eram muito mais pequenos e não se via nenhum.

— Que é dos noivos? perguntou ela.

O capitão — Os noivos, depois de casarem, morrem logo; e, algum que escapa, é morto pelos guerreiros à entrada do formigueiro.

Dona Redonda — Porquê?

O capitão — Porque já não servem para nada. Os que não trabalham para a comunidade... damos cabo deles.

Dona Redonda sentiu uma enorme vontade de recomeçar a sua dança sagrada mas a atenção prendeu-se-lhe neste momento ao que se estava passando diante dos seus olhos. Os operários precipitavam-se sobre as noivas, arrancavam-lhes as asas e levavam-nas para umas grandes salas onde se instalavam enfileiradas umas ao lado das outras.

O capitão apontou para elas e disse com importância:

— Estas são as rainhas.

Dona Redonda — Rainhas de quê?

O capitão — Rainhas do formigueiro.

Dona Redonda — Então são elas quem mandam?

O capitão — Aqui ninguém manda e ninguém obedece. Todos são iguais e todos trabalham para...

Dona Redonda — Já sei. Cala a boca. Se me tornas a repetir essa parvoíce da comunidade, dou-te um murro que vai tudo pelo ar.

O capitão calou-se a tremer de medo.

Dona Redonda — porque arrancaram as asas às noivas?

O capitão — Porque já não eram precisas. Aqui o que não é preciso para a comunidade...

Interrompeu-se de repente, muito atrapalhado, porque a divina Bola ergueu logo a mão para lhe dar uma bofetada.

Dona Redonda aproximou-se então das rainhas que estavam a conversar e perguntou a uma delas:

— Estás contente?

A rainha — Nem contente nem triste. A gente trabalha para a reprodução da comunidade.

Segunda rainha — Eu hei de pôr quatro mil ovos.

Terceira rainha — No ano passado as rainhas deste formigueiro puseram muitos milhões de ovos.

Dona Redonda — O que vão vocês fazer agora?

Todas em coro — Pôr ovos. Muitos ovos. Milhões de ovos.

Dona Redonda — E depois?

Uma rainha — Depois, nada. A gente põe ovos.

Dona Redonda — E os filhos que nascem dos ovos? Vocês não gostariam de tratar deles?

As rainhas olharam umas para as outras, pasmadas. E uma disse:

— A gente não entende a linguagem dos deuses. A gente põe ovos.

Dona Redonda — Vão à fava!

E virou-lhes as costas. Foi ter com o capitão e disse-lhe:

— Leva-me para fora do formigueiro. Já vi o que havia para ver e quero-me ir embora.

O capitão fez-lhe um grande cumprimento e, pegando-lhe na mão, conduziu-a através daquelas galerias sem-fim. Fartaram-se de andar.

Quando Dona Redonda saiu do formigueiro era noite. A luz brilhava. Os grilos cantavam.

Dona Redonda voltou-se para o capitão e disse-lhe:

— Vai-te embora. Vai guardar a comunidade, meu estúpido. Gira!

O capitão estatelou-se diante dela, beijou-lhe os pés, ergueu-se, deu meia volta e sumiu-se no formigueiro.

Uf! disse Dona Redonda consigo, deste palerma estou livre! Eu que sempre detestei palermas, onde fui cair! E quando a gente pensa que há milhões de homens por esse mundo que não têm outra ideia na cabeça nem outro desejo no coração senão arranjar as coisas à força para viverem como estas formigas!

Olhou em volta de si. Via dois dedos de terra, uns calhauzitos, duas ervas... Não podia ver mais nada; era tão pequenina que a sua vista só abrangia aquilo.

— E agora? pensou ela. Que grande espiga! Não sei se o Mostrengo está aqui à minha espera ou não. Se ele se não lembrar de se fazer pequenino, não é capaz de me ver. Mas aquele idiota, agora com o namoro, não se lembra de nada.

Estava alagada em suor à força de se ter zangado. Começou a limpar a cara e o pescoço com o lenço encarnado; depois sentou-se num grão de areia e abanou-se com o leque.

— Fi-la bonita, não há dúvida! exclamou ela.

Depois voltou a pensar no formigueiro e no enorme rebanho de formigas imbecis, a trabalharem como máquinas e sem miolos para a comunidade comer. E pensou nas rainhas enfileiradas a porem milhões de ovos sem-fim, com as asas arrancadas...

Desatou a rir, a rir... Riu tanto que caiu do grão de areia abaixo e foi rebolar pelo terreno que era inclinado, até que bateu com a cabeça no tronco de um pinheirito.

Ficou atordoada; depois levantou-se e apalpou a testa.

— Ora esta! exclamou ela, até fiz um galo!

Ouviu então um vozeirão a perguntar com muito bom modo:

— Magoaste-te, Dona Redonda?

Dona Redonda — Quem fala?

Nada de resposta.

Dona Redonda percebeu que a sua voz era tão fraquinha, que ninguém podia ouvi-la.

Berrou com quanta força tinha:

— Quem fala?

— Sou eu, respondeu desta vez o vozeirão. Sou eu; sou a cigarra que costuma ir cantar agarrada ao pinheiro manso em frente da tua casa. Conheço-te muito bem e sou muito tua amiga e de toda a tua gente.

Dona Redonda — Ora louvado seja Deus! Tu é que me vais salvar. Até que enfim encontro uma cabeça com miolos e um peito com coração!

A cigarra — Dizem mal de mim, Dona Redonda. Dizem que não penso no dia de amanhã e que passo a vida a cantar.

Dona Redonda — E fazes tu muito bem. Eu não quero saber dos que dizem mal de ti. Só quem não vê dois dedos diante do nariz é que diz mal de ti.

A cigarra — Dona Redonda, eu estava aqui a cantar quando o Mostrengo veio confiar-te os seus projetos de casamento, e vi como ele te fez pequenina

para poderes entrar no formigueiro. Fiquei muito aflita porque as formigas são um povo perigoso que não percebe nada. Todos os parvos são muito perigosos. Ora apenas entraste no formigueiro, a Mostrenga pôs-se a chamar o Mostrengo e ele perdeu a cabeça e abalou...

Dona Redonda — Parece impossível como uma pessoa fica pateta quando está namorada! Mas o Mostrengo há de apanhar um puxão de orelhas.

A cigarra — Deixa lá, Dona Redonda, não vale zangar. Quer o Mostrengo case quer não case, a parvalheira do amor passa-lhe. São coisas que não duram muito. Pois eu, desde que tu entraste para o formigueiro não arredei pé daqui. Tenho estado à espreita. Agarrei-me a este pinheirito, cá muito em baixo, para ver bem a entrada do formigueiro...

Dona Redonda, enternecida — És uma boa rapariga. E quando chegar o Inverno e quiseres comer, é só bateres à vidraça da minha janela.

A cigarra — Eu sei, eu sei que tu és cá das minhas. Não és como as formigas que só pensam em comer e em pôr ovos e que à força de pensar em comer e pôr ovos, ficaram sem miolos e sem coração. Palavra de honra! Às vezes chego a ter dó delas. Não fazem ideia nenhuma da beleza da vida. Não entendem nada, não gozam de nenhuma riqueza verdadeira; o ar morno e cheio de luz de um dia de Verão, o brilho do glorioso sol, o perfume que sobe da terra com o calor, o azul triunfante do céu, a doçura dos sucos das árvores na Primavera, a alegria de cantar sem-fim a perfeição da obra de Deus...

E a cigarra, no ardor do seu entusiasmo, perdeu a cabeça e quis cantar. Está visto que não pôde cantar. Produziu um ruído esquisito, uma fífia: «Kur...» e engasgou-se logo; porque as cigarras só podem cantar à hora do calor, e a noite estava fresca e húmida.

— Diabo... diabo... disse ela, atrapalhada, o luar está tão claro! Até pensei que era dia.

Dona Redonda, para disfarçar e fingir que não dera por aquele fracasso, perguntou-lhe:

— Como te chamas? Quero saber o nome da minha nova amiga.

A cigarra — Sou Anacleta, para te servir.

E riu-se, toda contente, já esquecida da fífia, porque, como todos os artistas, Anacleta era descuidada e variável.

Dona Redonda achava o nome Anacleta bastante ridículo; mas como não gostava de desconsolar ninguém, disse logo:

— É um lindo nome. E agora, Anacleta, vamos pensar na maneira de eu ir para casa e de ver o Mostrengo para ele me dar o meu verdadeiro tamanho.

Anacleta — Esta noite é escusado pensar em tal, porque eu não sei voar quando não há sol. Mas também não podemos ficar aqui, assim a descoberto, porque andam por aí morcegos e sapos e outros ladrões caçadores de insetos. Espera aí.

Com muito jeito, servindo-se da boca e das patinhas, lá conseguiu ajudar Dona Redonda a trepar por ela acima até se aconchegar debaixo de uma das asas. Foi então trepando pelo tronco do pinheirito e acabou por encontrar o buraco que um pica-pau tinha feito. Aí entrou e se escondeu.

— Aqui estamos ao abrigo de todos os nossos inimigos, disse a Anacleta toda consolada. Podemos dormir descansadas.

E ajeitando-se o melhor que pôde, adormeceu imediatamente porque todos sabem que as cigarras se contentam com o que têm na hora presente e nunca se preocupam com o dia de amanhã.

Mas Dona Redonda que não era artista, não foi capaz de pregar olho. Não se afligiu nem se desesperou; não era pessoa para essas coisas. A situação não era boa. Estar reduzida ao tamanho de uma cabeça de alfinete e abrigada sob a asa de uma cigarra, era coisa que não oferecia segurança nem motivo de satisfação.

— Já se vê que não, pensava Dona Redonda. Mas não se trata disso. O que é preciso é achar maneira de acabar com esta asneira. Para que servem os miolos que Deus me deu?

Dona Redonda pensou e voltou a pensar; levou a noite inteira a fazer projetos e planos, a desmanchá-los, a tornar a fazê-los, a aperfeiçoá-los. Quando nasceu o Sol! Dona Redonda tinha resolvido tudo.

Esgueirou-se de debaixo da asa e trepando de pés e mãos, conseguiu chegar às costas da Anacleta. Foi de gatinhas por ali fora até à cabeça e gritou-lhe ao ouvido com quanta força tinha:

— Anacleta! Já é dia! Vamo-nos embora. Tenho um plano.

Anacleta acordou estremunhada e teve um estremeção que por pouco não atirou Dona Redonda pelos ares.

Dona Redonda zangou-se:

— Que modos são esses, Anacleta? Não sabes acordar como pessoa de juízo?

Anacleta, cheia de sono, começou a bocejar e a esfregar os olhos com as patinhas da frente. Espreitou para fora do buraco e resmungou:

— Isto não é dia para mim. Está tudo cheio de orvalho. Só é dia para mim quando o Sol vai alto. Faz frio.

Ajeitou-se no buraco e adormeceu outra vez.

Dona Redonda viu que era escusado insistir. Sentou-se no alto da cabeça da Anacleta, encostou os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos e dispôs-se a esperar.

— Ai! Se eu tivesse aqui o meu cafezinho e pão com manteiga, e doce de laranja... Vai-se a ver eu não como desde ontem ao almoço. Não é nenhuma brincadeira!...

À força de pensar nestas coisas que lhe faziam crescer água na boca, acabou por adormecer.

Acordou com um barulho terrível. Dona Redonda persuadiu-se que era o fim do mundo.

Mas não era; era a Anacleta a cantar. O Sol ia alto, o ar aquecera, tudo estava cheio de claridade, e os perfumes da terra subiam para o céu como fumos de incenso e ação de graças.

Dona Redonda que tinha expedientes para tudo, espetou o dedo num dos olhos da Anacleta. Esta calou-se de repente e pôs-se a esfregar o olho.

Dona Redonda berrou-lhe ao ouvido:

— Então? Vamos ficar aqui todo o santo dia?

Anacleta — Estou às tuas ordens, Dona Redonda. Mas bem vês, antes de mais nada eu cada dia tenho de cantar o meu hino ao Sol.

Dona Redonda pensou de si para si que o hino ao Sol da Anacleta, lhe ia rebentando os ouvidos, mas não disse nada a esse respeito para não desconsolar a sua amiga. Respondeu:

— Sim, o hino é lindo. Mas agora não há remédio senão levares-me para casa.

Anacleta — Pronto, pronto...

Dona Redonda — Espera aí. Eu não quero ir ao alto da tua cabeça que é escorregadia.

Esgueirou-se para a nuca da Anacleta e aí se filou com unhas e dentes para não cair.

Anacleta — Estás bem segura, Dona Redonda?

Dona Redonda — Estou, se não te sacudires nem tiveres estremeções como esta manhã.

Anacleta — Não, não... Está descansada.

E foi saindo do buraco, abriu as asas e largou a voar. Dona Redonda gostou. Achou que o meio de condução era agradável. Mas a viagem não foi tão simples como pode parecer à primeira vista. Porque a Anacleta de vez em quando, transportada pela sua adoração ao Sol e pela sua inspiração de artista, esquecia tudo, agarrava-se ao tronco de uma árvore e desatava a cantar perdidamente, sem se lembrar de mais nada.

Dona Redonda levava os ouvidos em péssimo estado e os miolos em marmelada, mas por mais que fizesse e dissesse não conseguia impedir aqueles arrebatamentos da Anacleta.

Com tudo isto, o Sol ia já a baixar quando chegaram em frente da casa branca e verde. Felizmente levantava-se uma brisa fresca e, por falta de calor, os entusiasmos da Anacleta achavam-se acalmados.

Anacleta, agarrando-se ao tronco do pinheiro manso — Onde estará a tua gente, Dona Redonda? Não vejo vivalma.

Dona Redonda — Não comeces a cantar! Agora é sério. Se cantares, zango-me. Há horas para tudo: horas para cantar e horas para resolver problemas.

Anacleta — Mas onde está a tua gente, Dona Redonda?

Dona Redonda, irritada — Não continues a dizer sempre a mesma coisa. É mau costume. Serve-te dos miolos que Deus te deu. Pois não vês que a minha gente deve andar à minha procura? Para o meu plano é até muito bom que não estejam em casa. Vamos. A porta está aberta. Entra para a sala.

Anacleta, acanhada e hesitante, com risinhos nervosos — Tenho vergonha, Dona Redonda. Não sou pessoa de sociedade. Não costumo entrar em casas.

Dona Redonda zangou-se e deu-lhe um muro que a Anacleta, já se vê, não sentiu.

Dona Redonda — Estou farta de asneiras. Entras ou não entras?

A Anacleta, depois de vários voos aparvalhados em frente da porta e de dar várias cabeçadas na vidraça, lá entrou. Mas quando se viu entre quatro

paredes, perdeu a cabeça e começou a voar à roda da sala e a dar voltas e mais voltas, como um cavalo num picadeiro.

Dona Redonda, berrando com toda a força — Pousa na mesa! Pousa na mesa, palerma!

Depois de muitos encontrões e cabeçadas no teto e nas paredes, a Anacleta pousou na mesa.

— É isto, disse ela. Não há onde a gente se agarre.

Dona Redonda — Eu não quero que te agarres. Olha, eu não vejo porque sou pequena de mais, mas em cima desta mesa deve estar um tinteiro.

Silêncio.

Dona Redonda — Está ou não está? Tu deves ver. De que te servem esses olhos enormes?

Anacleta, a tremer, toda nervosa — O que é um tinteiro?

Dona Redonda — É um poço pequenino cheio de água preta.

Anacleta, mais sossegada — Está, está aqui mesmo. E cheira mal. Julguei que tinteiro era algum bicho.

Dona Redonda — Bem. Tu vais tomar um semicúpio no tinteiro.

Anacleta, desconfiada — Tomar o quê?

Dona Redonda, enchendo-se de paciência — Um semicúpio é um banho onde a gente só molha o sim-senhor.

Anacleta, indignada — Então tu queres que eu molhe o meu sim-senhor naquela água preta? Ó Dona Redonda isso não parece coisa tua!

Dona Redonda — És minha amiga ou não és minha amiga, Anacleta? Ser amiga não é só dizer que se é amiga. É ser capaz de se fazer um sacrifício para salvar da morte a pessoa de quem se é amiga.

Anacleta, muito confusa — Da morte? Mas ninguém te obriga a ti a tomar um banho de água preta!...

Dona Redonda desceu do pescoço da Anacleta e começou a passear em cima da mesa e a puxar os cabelos com desespero. Parecia uma missanga azul a rebolar.

Anacleta desatou a choramingar.

Assim se passou algum tempo, mas pouco a pouco tudo foi serenando.

Dona Redonda gritou de repente:

— Anacleta, pela última vez, queres ou não queres tomar um semicúpio no tinteiro? Se não queres, podes dizer-me adeus para sempre, porque só me resta morrer!

Anacleta — Oh! Dona Redonda! Eu não entendo nada.

Dona Redonda — Não se trata de entender; trata-se de obedecer. Queres ou não queres salvar-me a vida?

Anacleta — Se quero!...

Dona Redonda — Tens ou não tens confiança nos meus miolos e no meu coração?

Anacleta, com fervor — Se tenho!...

Dona Redonda — Então vai tomar um semicúpio no tinteiro. Será desagradável para a tua sensibilidade de artista, mas não corres o mínimo perigo.

Anacleta aproximou-se do tinteiro, muito devagar e de cabeça baixa, como um condenado se aproxima da forca. Trepou para a borda, virou-se, segurou-se com as patinhas da frente à borda, e foi mergulhando a parte traseira na tinta.

— Ai, Dona Redonda, Dona Redonda! que a água preta está tão fria e cheira tão mal!

Dona Redonda, esfregando as mãos, radiante — Boa rapariga! Boa rapariga!

CAPÍTULO 10

DONA REDONDA REAPARECE

Lá na planície, à medida que o dia avançava, crescia a inquietação e a aflição de toda aquela gente que procurava Dona Redonda.

Tinham chegado os homens com as peneiras, e com todo o cuidado, uma enorme porção de terra fora escolhida e peneirada.

A gente de Dona Redonda, não se fiando em ninguém de fora, tinha revolvido com infinito jeito as camadas mais fundas. Assim muitas cidades de formigas foram abertas e os povos em grande confusão espalharam-se por toda a parte, os operários aos milhares andavam desvairados, cada qual carregando uma larva ou uma formiga-menina para a salvar do desastre.

Os que procuravam Dona Redonda, estendidos no chão e armados de lentes que o duque lhes mandara, observavam aquelas multidões de formigas espreitando com toda a atenção na esperança ardente de verem aparecer a tão desejada bolinha azul.



— Ó gó... ró... ó... ó... suspirava o Mostrengo.

— Valha-me Deus! gemia o mestre Elói olhando para a lente. Não me entendo com este vidro. Valha-me Deus! Não me entendo com este vidro!

Dinis — Se Dona Redonda se sumiu aqui, há de estar aqui morta ou viva.

Lucinda, indignada — Que disparate! Dona Redonda não é pessoa que se deixe morrer.

Chico — E pode muito bem ser que se tenha escapado do formigueiro durante a noite.

Zipriti — Não escapou, não. Ai! Ai! Zipriti viu Dona Redonda pequenina, viu! Dona Maluka não deixou Zipriti apanhar Dona Redonda. Ai! Ai! E vieram cães e cavalos e tudo e catrapus!... Quem acode!

Dona Maluka estava calada que nem um rato. Procurava, procurava...

A cada instante chegavam oficiais do duque, a cavalo, em galope desenfreado.

O primeiro trazia as lentes.

O segundo trazia um cavalo à arreata e um bilhete para o Bruno.

O Bruno leu o bilhete, meteu-o no bolso, voltou-se para a Iria e fez-lhe uma festa na cabeça. Disse-lhe assim:

— Vai procurando a Dona Redonda e deixa-te ficar sempre ao pé da Dona Maluka até eu voltar. Ouviste?

Iria agarrou-lhe a mão e respondeu:

— Faço tudo que me disseres. Mas... mas... quem é o duque? E vais-te demorar muito? Diz-me...

Mas o Bruno não disse mais nada. Sorriu, fez-lhe mais uma festa e, saltando para cima do cavalo, partiu à desfilada com o oficial.

Daí a pouco chegou o terceiro oficiai do duque com uma carta para Dona Maluka. O duque dizia que não podia vir, mas que estava muito inquieto e

pedia notícias. Dona Maluka disse ao oficial que apresentasse as suas desculpas ao duque de não responder por escrito, porque não tinha ali papel nem tinta; que iam todos procurando, mas que infelizmente Dona Redonda não aparecera.

Daí por diante, de quarto em quarto de hora, chegava um oficial do duque a pedir notícias.

Os Pikis tinham sido mandados para longe para não atrapalharem o trabalho dos que procuravam Faziam grandes buracos na terra, sopravam, espatifavam raízes, numa grande confusão; e iam conversando aos berros.

— De que estás tu à procura?

— Que há de ser? De Dona Redonda!

— Quem disse?

— Zipriti disse.

— Dona Redonda não se procura em buracos.

— Achaste um rato?

— Um rato! Não vês que é uma lagartixa?

— Aqui não há lagartixas nem ossos. Só escaravelhos.

— Olha! Lá vai um!

— Um quê?

— Um coelho!

— Pateta! Não vês que é o Pitsi!

— Não é tal!

— É!

— Não é!

— Olha! Olha! aí chega outro cavalo do duque! Vamos a ele! Toca a ladrar!

No meio de todo este barulho e agitação, a gente de Dona Redonda, de gatas (e alguns já com os narizes sujos de terra) calada e cada vez mais triste, procurava sem-fim...

Assim as horas foram passando. O Sol descia lá para os lados do mar. Duas vezes se ouviu ao longe a voz da Mostrenga. O Mostrengo estremeceu mas não arredou pé. A Lucinda contou mais tarde que o vira chorar de desespero e remorsos.

Já as sombras da floresta se estendiam sobre a planície quando ouviram ao longe uma galopada. Julgaram que era outro oficial do duque e ninguém levantou a cabeça; mas não era.

Era o Caracol que tinham deixado na cavalariça da casa branca e verde e do qual, no meio de toda aquela aflição, todos se tinham esquecido.

O Caracol começara por se aborrecer, depois leve fome e sede; depois inquietou-se e teve saudades do Bruno. Por fim rebentara o cabresto, fora ao saco da ração e enchera-se de bom milho, bebera a fartar, e viera cá fora, para a frente da casa.

Ficou admirado de não ver ninguém e disse lá consigo:

— Onde estará toda esta gente e onde teriam ido sem mim?

Subiu com jeito os degraus do terraço e espreitou para dentro da saia. Viu uma coisa esquisita: Viu uma cigarra andar às voltas em cima da mesa deixando um risco preto por onde passava. Mas não deu atenção. Não queria saber de cigarras.

Voltou para fora, andou por um lado e por outro sem encontrar vivalma.

— Brrru... disse ele já meio zangado. Por onde andará toda esta gente?

Respondeu-lhe uma gargalhada de troça, uma gargalhada fanhosa de velha:

— Ah! Ah! Ah!

Viu então a senhora Fedúncia muito bem sentada no alto de um talude.



O Caracol não gostava nada da senhora Fedúncia e detestava que fizessem pouco dele. De resto já muitas vezes tinha caçado raposas com o Bruno e este divertimento era muito do seu agrado.

— Estás a rir de mim, minha finória? disse ele.

Brrru!... Espera que eu já te ensino! Vou pregar-te umas calças como nunca apanhaste em dias da tua vida!

A senhora Fedúncia, não vendo por ali ninguém que pudesse arriscar a pele para a defender, perdeu a cabeça e só pensou em fugir. Largou à desfilada como se levasse o diabo no corpo. Quando se via sozinha, não havia quem levasse a palma a Dona Fedúncia em dar às de vila-diogo. E o Caracol, bumba-que-bumba quê nem um catita, atrás dela. Assim foram os dois como um vendaval, catrapus catrapus, salta aqui, escorrega acolá...

Na orla da floresta, o Caracol perdeu de vista a senhora Fedúncia. Parou, coberto de suor e contente. Resmungou:

— Se calhar estás para aí escondida, à espreita e com a língua de fora. Já não ris, não, que és velha e deves estar com os bofes pela boca fora...

E nisto reparou que estava já na planície e viu ao longe a gente da Dona Redonda.

— Que andarão a fazer todos de gatinhas no chão? pensou o Caracol.

E meteu a galope direito a eles.

Quando lá chegou, perguntou:

— Que é isto? Não vejo o Bruno nem a Dona Redonda.

Começaram todos a querer explicar e cada um dizia a sua coisa:

Zipriti — Bruno, catrapus, catrapus... longe, longe... e pronto!

Tarika — Não foi o Bruno, foi o cavalo.

Caracol — Que cavalo?

Dinis — Não se trata disso.

Pitsi — Trata-se do coelho que fugiu.

Menina — Não foi coelho nenhum. Foi uma ratazana.

Caracol — E Dona Redonda?

Chico — Pois não percebes que a Dona Redonda está no formigueiro?

Lucinda — Como é que o menino sabe que ela está no formigueiro?

Mestre Elói — Se calhar já se safou.

Tarika — Quem se safou foi a lagartixa.

Menina — Eu sei muito bem onde ela está.

Bernal — Quem? Onde?

Zipriti — Ai! Ai! Que trapalhice!... Quem acode!... Zipriti quer Dona Redonda! Ai! Ai!

Dona Maluka, atirando torrões de terra aos Pikis — Silêncio! Não quero barulho! Ponham-se todos daqui para fora!

O Mostrengo levou o Caracol para longe daquela barafunda e contou-lhe, tintim-por-tintim, tudo o que tinha acontecido.

O Caracol ouviu com muita atenção e ficou um bocado a olhar para o Mostrengo, pasmado. Por fim, disse:

— Não percebo porque é que vocês estão com todo este trabalho.

Mostrengo — Ora essa! Então a gente havia de abandonar Dona Redonda? Enquanto ela não aparecer, a gente não descansa.

Caracol — Pois está visto. Mas porque demónio não te fizeste tu do tamanho de uma formiga e não foste procurar Dona Redonda nos formigueiros? Seria bem melhor do que todo este trabalho das peneiras... Mais simples...

O Mostrengo soltou um grande berro:

— Ú... gú... rú... ú... ú... Que grande ideia! Gú... rú... ú... ú...

No mesmo instante, sem esperar mais nada, começou a fazer-se pequeno até que ficou reduzido ao tamanho de uma mosca; e desatou a voar direito àquela multidão de formigas que andavam por ali em grande confusão. Pousou no meio delas.

O Caracol, todo satisfeito, veio a trote e parou ao lado de Dona Maluka. Estendeu o pescoço para o chão e pôs-se a olhar para as formigas.

Dona Maluka, levantando a cabeça — Que é do Mostrengo? Também desapareceu? Não faltava mais nada!

Zipriti, aos gritos — Ai! Ai! Mostrengo pequenino, pequenino... Ali! Ali!

Todos pegaram nas lentes e debruçaram-se a examinar as formigas.

Então viram o Mostrengo em cima de um torrãozito de terra; brilhava e resplandecia que nem uma joia preciosa, todo ele vermelho e amarelo como se estivesse coberto de fogo e de ouro. Tinha as asas abertas e estendidas. Apesar de tão pequenino, era a coisa mais linda e maravilhosa que se podia ver.

As formigas rodearam-no, deixando em torno dele um espaço redondo vazio; e de todos os lados acudiam formigas a toda a pressa, correndo, atropelando-se, em grande barafunda. Acudiam de perto e de longe, milhões e milhões, grandes e pequenas, louras, ruivas, pretas... Tanto e tanto que daí a pouco ficou aquele pedaço de chão completamente coberto delas.

Mas a gente de Dona Redonda, por mais que olhasse, o que não podia era ouvir nem entender o que se passava.

Passava-se isto:

Como já é sabido, as formigas julgavam que o Mostrengo era um grande deus. Quando ele apareceu em cima do torrão de terra, a notícia espalhou-se com incrível rapidez e todas aquelas enormes multidões que andavam espalhadas sobre as ruínas das suas cidades arrasadas, juntaram-se em torno dele. Rojavam-se na terra em sinal de adoração e enchiam o ar de lamentações e gritos:

— Vê a nossa desgraça!

— As nossas cidades destruídas!

— Os nossos rebanhos mortos! As nossas culturas perdidas!

— Os nossos edifícios derrocados!

— As nossas reservas de alimentos inutilizadas, espalhadas ao vento, soterradas sob montões de ruínas!

— As nossas rainhas esborrachadas e as larvas e as formigas-meninas, dispersas e mortas!

— Deus poderoso, vestido de ouro e fogo, acode-nos! Salva as nossas comunidades! Vinga-nos dos nossos inimigos!

E nesta altura, os gritos de fúria e de ódio das formigas eram tais, que por pouco não ensurdeceram o Mostrengo:

— Dá cabo dos nossos inimigos! Que morram todos! Pelo fogo, pela terra, pela água, que as suas cidades sejam arrasadas e que nem um só escape à tua cólera!

O Mostrengo agitou as asas resplandecentes, levantou os braços; e logo se fez um grande silêncio.

Mostrengo, todo doutor — O que aconteceu tinha de acontecer. A vida é feita de altos e baixos. Ora estão uns de cima, ora outros. Escutem bem o que eu vou dizer: Nada poderei fazer para vos acudir enquanto vocês me não entregarem uma deusa poderosa e redonda que ontem caiu na asneira de vos visitar.

Então viu-se uma grande agitação num ponto da multidão e uma formiga preta, grande e robusta, abriu caminho pondo-se em frente do Mostrengo e disse:

— Eu sou o capitão da cidade que a divina Bola visitou ontem. Acompanhei-a na sua inspeção. Toda a comunidade lhe prestou homenagem e adoração.

Mostrengo — E depois?

O capitão — Conduzi-a, segundo o seu desejo, até fora da cidade.

Mostrengo — E depois?

Nisto deu-se novo rebuliço entre a multidão e outra formiga preta abriu caminho e chegou esfalfada diante do Mostrengo, dizendo:

— Eu sou a sentinela que estava de guarda à entrada da cidade. A divina Bola separando-se do capitão, afastou-se muito da nossa cidade.

Mostrengo — E depois?

A sentinela — Escondendo-me fui seguindo-a...

O capitão — Abandonaste o teu posto? Morrerás.

Mostrengo, furioso — Ú... gú... rú... ú... ú... Silêncio! quem manda aqui sou eu!

Aterrado, o capitão pôs-se de rastos, com o focinho no chão; e o Mostrengo virou-se para a sentinela:

— E depois?

A sentinela, a tremer de medo — A divina Bola sentou-se num grão de areia a meditar.

Mostrengo — E depois?

A sentinela — Depois apareceu a Anacleta.

Mostrengo — Quem é a Anacleta?

A sentinela — O grande Deus de ouro e fogo! Estás a troçar de mim! Pois decerto sabes melhor do que eu...

Mostrengo, com voz terrível — Gú... rú... Quem é a Anacleta?

A sentinela, aterrada — É a maior artista entre as cigarras do mundo.

Mostrengo, mais calmo — Que mundo?

A sentinela — Este mundo.

O Mostrengo ficou um instante a pensar. Pensou lá consigo:

— Este mundo para as formigas vem a ser meia dúzia de palmos de terra... Este mundo para os homens não passa da terra... Sim, afinal é tudo o mesmo.

E perguntou:

— Que disse a Anacleta?

A sentinela — Não sei. Estava longe de mais para poder ouvir.

Então o Mostrengo reparou numa formiguita que ali apareceu ao pé da sentinela e que se erguera sobre as patas traseiras agitando os braços quanto mais podia, para chamar a atenção. O Mostrengo perguntou-lhe:

— Que queres tu?

— Eu cá sou um pastor de piolhos verdes, respondeu a formiguita. Estava acolá a guardar o rebanho num arbusto quando vi a Anacleta sair de um buraco naquele pinheiro, abrir as asas e voar com a divina Bola acocorada na nuca.

Mostrengo, todo contente — És uma grande formiga! Quando foi isso?

O pastor — Foi hoje. Havia sol.

Mostrengo — Para que lado foram?

O pastor — Não sei. Sumiram-se no ar.

O Mostrengo não disse mais nada. Começou a crescer. Fez-se do tamanho de um carneiro. Desatou aos berros:

— Ú... gú... rú... ú... ú!... Dona Redonda abalou daqui às costas de uma cigarra!

— Brrrú!... disse o Caracol. Se calhar é a cigarra que eu vi em cima da mesa da sala!

Perderam todos a cabeça. Abalaram a correr quanto mais podiam, direitos à floresta.

Daí a pouco chegaram esfalfados em frente da i usa branca e verde.

Os Pikis que iam adiante quiseram logo precipii.ir-se pela porta dentro. Mas o Mostrengo não deixou.

Dona Maluka deu ordem para que todos ficassem imóveis em torno do pinheiro manso.

— Ninguém se mexe, disse ela. Se Dona Redonda anda por aqui, todos os cuidados são poucos porque podemos esborrachá-la!

— Todos quietos! comandou o Mostrengo. Eu é que vou explorar.

Fez-se do tamanho de uma abelha e entrou voando e zumbindo pela casa dentro. Deu voltas e mais voltas, pousou numa jarra, espreitou as lombadas dos livros, foi cheirar a chaminé... Nada.

De repente lembrou-se do que o Caracol dissera a respeito da mesa. Começou a esvoaçar por cima da mesa e viu uns riscos pretos mal traçados sobre as tábuas da mesa. Pousou. Com muito trabalho foi seguindo os traços e percebeu que eram letras.

Saiu como um raio, fez-se grande e, pegando na mão de Dona Maluka e recomendando aos outros que ficassem imóveis, levou-a pelo ar até junto da mesa.

Então leram estas palavras:

ESTOU SOBRE A MESA. CHAMEM O MOSTRENGO.

Dona Redonda.

Dona Maluka e o Mostrengo desataram a chorar de comoção e caíram nos braços um do outro.

E logo Dona Maluka correu para a porta, doida de alegria, gritando:

— Está aqui! Está aqui! Entrem todos!

Entraram todos de roldão.

— Onde está?

— Não vejo...

— Sumiu-se outra vez!

— Vamos procurá-la!

— Voltou para o formigueiro!

— Calem a boca!

— O Mostrengo é que sabe!

— Não sabe tal!

— Quem sabe é Dona Maluka!

— Por onde fugiu?

— Porque fugiu?

— Quem disse que fugiu?

— Quem fugiu?

— Ninguém.

— Onde está a cigarra?

— A cigarra é que sabe.

Entretanto o Mostrengo crescera tanto que mal cabia na sala. Berrou.

— Silêncio!

Todos se calaram. E então ouviu-se perfeitamente uma cigarra a cantar no pinheiro manso em frente da casa.

Todos olhavam para a mesa com a maior atenção; tinham tirado as lentes do bolso e olhavam e tornavam a olhar para as tábuas da mesa.

— Valha-me Deus! suspirou o mestre Elói. Se calhar, já cá não está!

Mas nisto a Zipriti começou a gritar:

— Ai! Ai! Dona Redonda! Dona Redonda! Ali! Ali! Pequenina!... Ai! Ai! Quem acode!

E quis precipitar-se para uma taça de barro que estava em cima da mesa, com cigarros. Mas Dona Maluka segurou-a com toda a força.

Dona Redonda — Quieta! Quieta, Zipriti! Onde está?

Zipriti, excitadíssima, esperneando e berrando — Ali! Ali! Cigarros! Bolinha pequenina a mexer! Ai! Ai! Zipriti quer apanhar Dona Redonda pequenina!

Chico — É verdade! É verdade! Lá vai ela a aparecer, a trepar por aquele cigarro!

Dinis — Tão pequerruchinha!

Lucinda — Como havia a gente de dar com ela na planície!

Mestre Elói, muito comovido — Valha-me Deus! Que nem sei o que isto me parece!

Iria — Coitadinha! Acudam-lhe! Vai cair do cigarro abaixo!

Então o Mostrengo estendeu a cabeçorra por cima da mesa e começou a deitar uma enorme fumarada pelas ventas. Tal era a fumarada que tudo se toldou. O fumo tornou-se tão espesso que ninguém podia ver nada.

A pouco e pouco foi-se aquela espessa nuvem dissipando. A mais e mais... E por fim a Dona Maluka soltou um grito:

— Ai! minha querida Dona Redonda!

Então todos viram a Dona Redonda do seu tamanho natural, redondíssima e toda risonha, em pé em cima da mesa.

Não se pode contar a alegria, de berros, os saltos, a doidice de toda aquela gente. Uns cantavam, outros dançavam, outros davam pinotes, outros soltavam gritos sem tom nem som:

— Viva Dona Redonda!

— Viva a cigarra!

— Viva o Mostrengo!

— Abaixo as formigas!

— Como passou?

— Conte lá!

— Passou bem?

— Desça daí para baixo!

— Eu é que a abraço primeiro!

— Não, senhora!

— Sim, senhora!

— Ai! Ai! Quem me acode! Zipriti quer festinhas!

Caíam uns por cima dos outros, levantavam-se, tornavam a cair... Enfim a alegria e a confusão eram tais que já ninguém se entendia. E Dona Redonda, encantada, encarrapitada em cima da mesa, dava passinhos para um lado, dava passinhos para o outro como se estivesse a dançar e corriam-lhe as lágrimas pela cara abaixo; mas ninguém sabia se eram lágrimas de comoção, ou se chorava à força de rir, ou se era por causa do fumo.



Quando tudo aquilo serenou, Dona Redonda começou a dar ordens. Mandou enfileirar toda a sua gente como soldados numa revista militar e, saltando da mesa abaixo, toda lépida, foi abraçando cada um pela sua vez; e quando chegou ao Mostrengo, deu-lhe um bofetão.

— Toma! disse ela, e em lugar de um, havias de levar trinta mil estalos, para te ensinar a não seres cabeça de vento!

Ao ouvir isto, Zipriti saiu para o terreiro em frente da casa e começou a cantar e a dançar com todo o desembaraço:

Noivos lá na terra

Acodem à balha;

Cabeças de vento,

Olaré!

Bonecos de palha!

E logo todos foram atrás dela a bater o compasso com os pés e as mãos numa dança muito linda e entraram com o coro como se estivessem ensaiados:

Cabeças de vento,

Olaré!

Bonecos de palha!



Mas o Mostrengo estava tão contente da sua vida, que nem se envergonhou nem deu o cavaco. Não fazia outra coisa senão rir às gargalhadas e lamber o alto da cabeça da Dona Redonda e abraçar toda a gente.

Entretanto a Anacleta, agarrada ao tronco do pinheiro manso, cantava perdidamente. Mas no meio de todo aquele barulho ninguém dava por ela.

Os Píkis então... nem é bom falar em tal! Desde que Dona Redonda apareceu no seu tamanho natural, perderam de todo a cabeça. Esganiçavam-se a ladrar, corriam, saltavam, brigavam uns com os outros, passavam em correrias doídas entre os pés de toda a gente. E quando viram Dona Redonda no terreiro em frente da casa, começaram aos pulos em volta dela, puxando-

lhe tanto pelo balandrau que lhe fizeram vários rasgões. E um roubava-lhe o lenço encarnado e ia aos pinotes com ele na boca como se fosse uma bandeira; e outro tirava-lhe o leque da mão e abalava com ele...

A Anacleta cantava, cantava... e por fim não pôde conter-se mais; deu um voo direito a Dona Redonda, bateu-lhe na testa e filou-se-lhe no cabelo, tudo isto inspirado pelo seu amor e pelo seu entusiasmo; porque isto de amor e de entusiasmo são coisas que cada um manifesta conforme pode e entende.

Está visto que Dona Redonda ficou logo com um borrão de tinta na testa, porque o sim-senhor da Anacleta ainda não tivera tempo de secar depois do semicúpio. Mas Dona Redonda não quis saber disso para nada. Desenvencilhou do cabelo, com muito jeito, a Anacleta, pousou-a num dedo e levantando a mão para que todos pudessem ver bem a sua amiga, disse assim:

— Aqui está a Anacleta, célebre artista e cantora! Foi ela quem me salvou com a grande generosidade do seu coração! Se não fosse a Anacleta vocês nunca mais me tornavam a ver! Viva a nossa grande amiga Anacleta!

Foi um delírio. Todos gritavam:

— Viva! Viva a Anacleta!

Todos queriam pegar-lhe, fazer-lhe festas.

A Anacleta cheia de confusão e rebentando de alegria, não sabendo se havia de rir ou de chorar, resolveu cantar. Deu um voo para o pinheiro manso,

agarrou-se ao tronco rugoso de um ramo alto e desatou a berrar tanto que até se ouvia acima da gritaria dos Pikis.

Mas Dona Redonda começou a chamar por ela e, pegando-lhe com muito jeito, levou-a para dentro de casa e lavou-lhe cuidadosamente o sim-senhor numa tigela de água morna.

A Anacleta, toda limpa e consolada, foi para o ramo do pinheiro manso continuar o seu concerto.

— Mas não vejo o Bruno, disse Dona Redonda. Que é feito dele?

— Veio um oficial do duque buscá-lo, respondeu Dona Maluka.

Dona Redonda e o Mostrengo trocaram disfarçadamente uma piscadela de olhos.

E mudou-se de conversa.

CAPÍTULO 11

GRANDE DESASTRE E CONFUSÃO

Dona Redonda e a sua gente passaram o resto da tarde sentados em frente da casa, a conversar. Dona Redonda contou tintim-por-tintim tudo que lhe tinha acontecido na grande cidade das formigas e a aborrecidíssima vida daqueles povos miúdos que, à força de se organizarem em comunidade, acabaram por ficar sem miolos e sem coração.

O mestre Elói desatou de repente a rir.

— Valha-me Deus! disse ele. Se calhar, aquele espantalho do Bú que aí apareceu no outro dia, anda metido nessas cantigas.

Dinis — Quais cantigas?

Mestre Elói — Ora! Cantigas de que todos os homens e mulheres são iguais e que todos devem trabalhar, não para si nem para os seus segundo a sua vontade e ao seu gosto, mas só para a comunidade comer bem e se reproduzir, em boas condições.

Lucinda — Eram exatamente essas palavras que o paspalhão dizia e tornava a dizer como se repetisse uma lição de cor.

Dona Redonda, pensativa — Pois é... E há muito peixe miúdo, coitado! que é apanhado nessas redes...

Iria — Se o Tempo mostrasse a toda a gente o que nos mostrou, a mim e ao Bruno...

Chico — O Tempo? Que história é essa?

Iria — Quando vocês andavam à procura de Dona Redonda na terra da planície, o Tempo apareceu-nos e levou-nos às costas.

Dinis, todo doutor — O Tempo não é coisa que se veja. Como pode o Tempo aparecer?

Iria — Apareceu, sim, senhor. É muito grande e muito lindo. Metade homem, metade cavalo. E tem umas asas enormes.

Mestre Manuel, puxando as melenas, muito confuso — Valha-me Deus!...

Dinis, cada vez mais doutor — Nada. Isso não pode ser de maneira nenhuma. Foi sonho que a menina Iria teve.

Chico, zangando-se — Cala a boca! Porque andaste algum tempo nos estudos julgas que sabes muito. Os teus estudos são caganitas de moscas. A Dona Redonda nunca andou nos estudos; nem a Dona Maluka, nem o Bruno, nem a Iria. E sabem muito mais do que tu, meu pateta!

O Chico afogueara-se todo, levantara a voz.

Dona Redonda — Basta, Chico!

Dona Maluka — O Chico tem razão; mas não vale a pena zangar. Olha, Dinis, neste mundo há certas pessoas que têm mais miolos e de melhor qualidade do que outras; porque Deus nunca fez, nem faz, nem há de fazer homens iguais.

Dona Redonda — Uns têm miolos e não têm estudos; outros têm estudos e não têm miolos; outros têm estudos e miolos; outros não têm estudos nem miolos. O pior de tudo é ter estudos e não ter miolos, porque os estudos sobem às cabeças vazias e enchem-nas de asneiras. Entendes?

Dinis, um pouco amuado — Entendo, sim, senhora Dona Redonda.

Dona Redonda — E o que é preciso para que o mundo não desabe, é que cada um fique no seu lugar; porque todos os lugares são bons se a gente os aceita conforme Deus manda, e os guarda com dignidade e os enobrece pelo desejo de perfeição.

Mestre Elói — Sim, senhora, sim, senhora; é assim mesmo; e está muito bem explicado.

Dona Redonda — O mestre Elói é um bom pedreiro e um bom homem. Não tem estudos mas tem miolos. Educa os seus dois filhos para serem bons pedreiros e bons homens como ele. Sabe muito bem que é melhor ser um bom pedreiro, honesto, orgulhoso da perfeição do seu trabalho, e respeitado,

do que ser um mau advogado, ou um comerciante rico e troca-tintas, ou um médico a cinco réis a dúzia. Eu tenho muita amizade e muito respeito pelo mestre Elói.

Mestre Elói, todo comovido e enxugando disfarçadamente os cantos dos olhos com o lenço feito numa bola — Eu bem conheço isso; e a senhora Dona Redonda sabe que as suas palavras não caem em saco roto.

Dona Redonda levantou-se e foi dar-lhe pancadinhas nas costas. Depois também deu pancadinhas nas costas do Dinis e disse-lhe:

— Tu és um bom rapaz, Dinis. És sério, és honesto, e sei que és meu amigo. Tens alguns macaquinhos no sótão. Todos nós temos mais ou menos macaquinhos no sótão. Mas a vida, à medida que vai correndo, e se a gente aprende as suas lições dá cabo dos macaquinhos que não prestam e só deixa os que não fazem mal a ninguém.

Depois voltou-se para a Iria:

— E agora vamos lá ouvir a tua história do Tempo.

A Iria começou a contar a sua viagem.

Todos escutavam com uma atenção cada vez maior. Todos, menos a Zipriti e os Pikis que não percebiam patavina do que a Iria contava. A Zipriti disse:

— Ai! Ai! Zipriti tem sono, tem. Zipriti quer chá.

Chico — Caluda! Vai brincar.

Zipriti amuou. Começou a chupar no dedo, a saracotear-se e a olhar de resvés para o Chico. Mas vendo que ninguém fazia caso dela, foi-se afastando. E os Pikis todos atrás dela. À caça de grilos, à caça de lagartixas...

E Zipriti começou a cantar:

Vamos andando

Tocando viola,

Cabeça rachada,

Miolos de fora...

Decara da casa branca e verde, deixaram de a ouvir. Ninguém se importou. A Zipriti e os Pikis conheciam a floresta como os seus dedos e andavam por onde queriam, e demoravam-se quanto queriam.

A Iria ia contando a sua história; e chegara ao ponto onde vira Dona Redonda com dezoito anos no tal baile, com o vestido azul bordado a prata, o penacho na cabeça e o sim-senhor postiço.

Largaram-se todos às gargalhadas. E Dona Redonda ria tanto e eram tantas as lágrimas pela sua cara abaixo, que já ninguém percebia se ela estava a rir ou a chorar.

Iria, desconfiada — Era a Dona Redonda ou não era?

Dona Redonda — Era e não era. Era uma menina que vivia na corte com luxo e maneiras que hoje não existem. E a Vida pegou na menina e levou-a por esse mundo a aprender muitas coisas que só a Vida sabe ensinar... exatamente como o Tempo te levou e ao Bruno. E à força de correr terras, de conhecer gentes diferentes e de aprender coisas, a tal menina acabou por se transformar em Dona Redonda.

Dona Maluka — Ainda bem. Eu gosto muito mais da Dona Redonda do que da tal menina.

Dona Redonda — Cada um tem o seu gosto. Há muita gente que pensa como tu, mas há também muita que gosta da tal menina e que não gosta da Dona Redonda. Uns não percebem nada; outros imaginam que tudo deve ficar sempre na mesma. Mas eu estou contente da minha vida, e isso é o principal.

Iria — E... diga lá, Dona Redonda, tem às vezes saudades dessa tal menina?

Dona Redonda — Nenhumas. Era uma grandessíssima sensaborona... por fora. E por dentro, melava sempre com o coração e os miolos escondidos e em grandes confusões que só ela sabia. Uma grande maçada!

Chico — E... lembra-se desses tempos, Dona Redonda!

Dona Redonda — Na perfeição. Lindos cavalos, lindas carruagens, lindos bailes, muita criadagem, ludo nos seus lugares, grandes jantares, muito aprumo, muito luxo, muito bom gosto nas conversas n nas maneiras, muito mau gosto nos móveis... Festas e mais festas...

Chico — Devia ser divertido e lindo...

Dona Redonda tirou o lenço vermelho do bolso, enxugou os olhos e assoou-se com estrondo.

— A vida dos grandes da terra, disse ela, parece sempre um céu aberto a quem a vê de fora.

— Que é aquilo? perguntou de repente Dona Maluka apontando para o caminho largo que vinha dar à casa verde e branca.

Todos olharam. Estavam tão entretidos naquelas conversas, que nem tinham ouvido o rodar de um carro aproximando-se.

— Ai, que são visitas! exclamou a Lucinda.

E abalou a correr para as traseiras da casa, seguida pelo Dinis e pelo mestre Elói.

O carro era um charabã.

Encarrapitada numa boleia alta, vinha a Dona Catapulta a guiar a parelha de mulas. Ao seu lado, todo gordo e lustroso, de chapeuzinho tirolês torto, via-se o Sarapantão ainda com a bochecha inchada e um olho negro do bofetão de Dona Maluka.

Dentro do charabã que era pequeno, atafulhavam-se a Dona Mariposa, o Bonifácio Borrabotas, o major Severo e a mulher, três meninos, e muitos sacos e saquinhos, cestos e cestinhos.

O Borrabotas sempre muito importante e prodigioso, trazia um fato de linho todo triques, flor ao peito, um boné de pala e óculos fumados.

Todos vinham muito lirós. As duas senhoras, ambas anafadas, tinham grandes chapéus-de-palha branca enfeitados com plumas, flores e laçarotes; c, apesar do calor, casaquinhos de peles de raposas.

O major Severo, esse não queria saber de modas. Vinha de chapéu-de-coco e sem colete nem colarinho; mas com a bigodeira muito bem retorcida.

— Cá está elai Cá está ela! gritou a Dona Catapulta, apontando com o chicote para Dona Redonda.

Dona Catapulta atirou as rédeas e o chicote ao Sarapantão (que nunca tinha pegado em rédeas na sua vida), pôs-se de pé, e continuou a gritar:

— Cá está ela! Cá está Dona Redonda em carne c osso e vivinha da costa! Eram tudo petas! Eu é que acertei! Pchut! Pchut!

Dona Redonda levantara-se para receber as visitas e disse:

— Que asneira é essa, Dona Catapulta? Porque não havia eu de estar aqui?

Dona Catapulta pôs um pé no guarda-lama, outro na anca de uma mula e saltou daí para o chão com grande ligeireza e as meias às riscas e as calcinhas brancas de folhos, fazendo um vistão.

O Sarapantão na boleia, sem saber o que havia de fazer às rédeas e ao chicote, não tinha olhos senão para a Dona Maluka. E repetia entre dentes, extasiado:

— Que mulher! Que elemento de publicidade! Dê por onde der, tenho de a comprar, de a conquistar...

Dona Catapulta fora aos saltos abraçar Dona Redonda, berrando com voz fininha:

— Tinham-nos dito que Dona Redonda desaparecera e que andavam todos à sua procura em grande aflição.

E continuou com voz grossa:

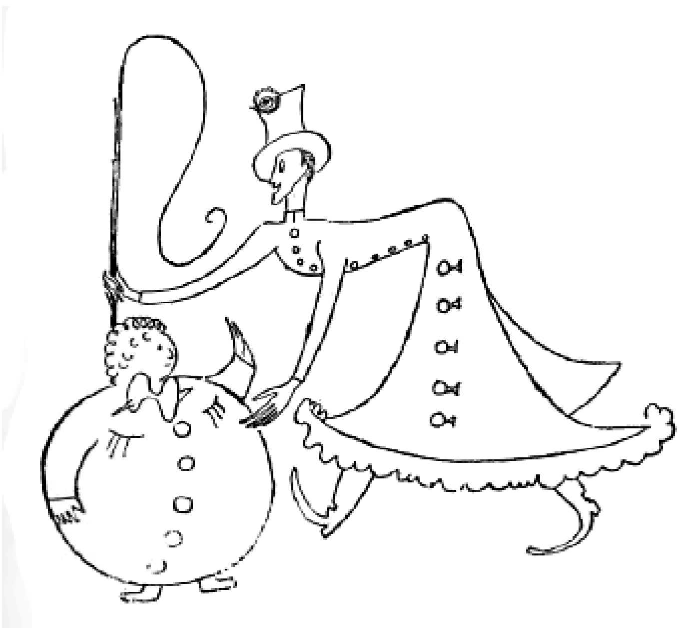
— Eu não acreditei. Dona Redonda não é pessoa que desapareça. Mas sempre fiel como sou aos deveres da amizade, na dúvida, arranjei tudo para vir acudir.

Voz fininha:

— Trazemos ali anzóis fortes, armadilhas para caça grossa, papagaios de papel com letreiros... enfim tudo o que é preciso para procurar uma pessoa na terra, no ar e no mar... Pchut! Pchut!

Dona Redonda afrontada com os abraços e com a torrente de palavreado, começou a zangar-se. Desenvencilhou-se da Dona Catapulta e disse-lhe:

— Sossegue, mulher de Deus! Sente-se naquele banco e tenha juízo. E não grite que ninguém aqui é surdo.



Entretanto o Bonifácio Borrabotas saíra do charabã e, todo palaciano, oferecia a mão a Dona Mariposa para a ajudar a descer.

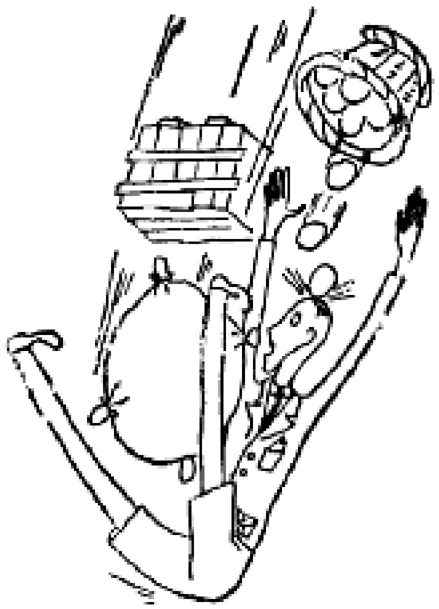
Dona Mariposa deu-lhe a mão e pôs um pé no estribo. Mas o charabã era velho e ferrugento e todas as suas peças estavam gastas e mal seguras. Com o peso da Dona Mariposa, o estribo quebrou-se.

Dona Mariposa, agarrou-se ao ombro do Borrabotas. Mas o Borrabotas que era fraquinho, foi logo ao chão e Dona Mariposa por cima dele, de pernas ao ar.

— Ai o meu chapéu! Ai o meu casaquinho de raposa! gemeu a pobre senhora.

E como naquela aflição, ao cair, deitara a mão a um cesto, e como os cestos iam amarrados uns aos outros para não se perderem, vieram todos de repente por cima da Dona Mariposa e do Borrabotas.

— Socorro! Socorro! que vou morrer! gritava o Borrabotas.



E como os três meninos vinham muito bem entalados, para não caírem, entre os cestos e os nacos, lá foram arrastados quando estes trambolharam.

Todas estas coisas e pessoas se amontoaram no chão, com grande barafunda, num instante, entre nuvens de pó e torvelinhos de agulhas de pinheiros. Os sacos e os cestos abriram-se ou rebentaram; não se viam senão pernas e braços agitando-se em delírio no meio da miscelânea dos objetos mais extraordinários: anzóis, ratoeiras e armadilhas, papagaios de papel de cores, pacotes de explosivos, e coisas que tinham trazido para comer pelo caminho: melancias, pernas de frangos, croquetes, ovos cozidos, bolos...

O chapéu e os postiços da Dona Mariposa voaram para cima de um pinheiro; o bonezinho de pala do Borrabotas apareceu de repente na cabeça de uma das mulas; e os óculos fumados no nariz de um dos meninos.

— Tenho o pé preso numa armadilha! uivava o Borrabotas. Socorro!

E um grande anzol ferrou-se-lhe no sim-senhor.

Os três meninos faziam um berreiro que ia tudo raso.

O Chico, a Dona Maluka, a Lucinda, o Dinis e o mestre Elói que tinham vindo acudir, só conseguiam apanhar pontapés e arranhões.

A Dona Redonda filara a Dona Catapulta por um braço para não a deixar ir aumentar ainda mais a confusão.

E nisto chegaram do mato, a galope, a Zipriti e os Pikis.

— Ai! Ai! Aqui d'el-rei! Zipriti quer ajudar!

— Béu! Béu! Béu! Béu!

Então a barafunda cresceu muito mais.

Em pé, dentro do charabã, o Severo e a mulher contemplavam tudo isto com assombro e desolação: e o Sarapantão, sempre de rédeas na mão, revirava-se todo e não perdia de vista um instante a Dona Maluka, chamando por ela de vez em quando:

— Pst! Pst! Ó minha senhora! Chegue aqui!

— Ó Severo! disse a mulher do dito, dá cá o leque!

E o Severo começou logo a procurar o leque entre as poucas coisas que tinham ficado no charabã.

Aconteceu então que as mulas, atormentadas com as moscas, deram um sacão ao carro; e o Severo e a mulher, que não esperavam aquilo, trambolharam logo para cima daquele montão de gente e de coisas embrulhadas no chão.

— Ó seu espantalho! gritou a Dona Maluka ao Sarapantão. Segure essas mulas em lugar de estar pasmado para mim!

O Sarapantão, querendo fazer boa figura, entendeu que o melhor, para sossegar as mulas era dar-lhes uma chicotada. E assim fez; as mulas abalaram logo a trote levando o carro com o resto da bagagem e o Sarapantão pelo pinhal dentro onde num instante se sumiram entre o mato cerrado.

A Zipriti e os Pikis, no seu ardente desejo de acudir, faziam coisas do arco da velha: arrancaram os laçarotes dos meninos arrepelando-os, rasgaram o fatinho todo triques do Borrabotas e as peles de raposa das senhoras. Corriam e saltavam com as bocas cheias de pêlos, fugiam levando os sapatinhos de salto alto da Dona Mariposa, uma peúga do Bonifácio, os laçarotes e enfeites dos meninos, e outras coisinhas.

A Zipriti, atraída pelas cores dos papagaios de papel, conseguiu salvar intacto um com rabo e tudo. Esqueceu logo as vítimas do desastre e o seu desejo de acudir. Desatou a correr com o papagaio na mão a gritar:

— Dona Maluka! Dinis! Lucinda! Ai! Ai! Zipriti quer deitar papagaio ao ar! Quem ajuda Zipriti! Ai! Ai! Zipriti quer! Depressa!

Quem acudiu foram os Pikis. O Fanico que era bom saltador e aprendera com Dona Maluka a saltar arcos de papel, logo que viu o papagaio todo verde e amarelo e roxo, erguido na mão da Zipriti, armou um lindo pulo e atravessou-o tal qual como os cães fazem no circo. O papel todo rasgado em pedaços voou pelos ares; e os outros Pikis, de cabeças perdidas, atiraram-se ao rabo do papagaio que era muito comprido, e iam levá-lo em triunfo para o mato, quando Zipriti descobriu os croquetes, os bolos e os frangos assados.

Então foi um delírio.

Sem quererem saber das vítimas, saltavam, espezinhavam, rasgavam, esgatanhavam, mergulhavam à doida no montão informe, com gritos de vitória, cada qual tratando de se encher o mais que podia...

— Ai! Ai! O bolo é da Zipriti! Quem acode!

— Béu! Béu! Eu é que achei a perna de frango!

— Se te chegas para cá apanhas uma dentada!

— Ai! Ai! O corquete! O corquete! Zipriti quer corquetes! Aqui d'el-rei!

— Dá-lhe os ovos cozidos! Eu cá não gosto!

— Larga esse osso!

— Ladrão! O bolo é meu!

Os Pikis embrulharam-se em grande desordem. Todas as coisas de comer se espalharam, se esbor-racharam, se perderam.

A Zipriti furiosa, pegou numa melancia e atirou-a ao Fanico; mas como não tinha boa pontaria, a melancia deu na cabeça do Severo, arrombou-se e filou-se no toutiço daquele senhor como um capacete.

O Severo atordoado e com a cara inundada de sumo de melancia quis arrancar aquele incómodo e pesado enfeite, mas a melancia estava tão filada que não lhe largou a cabeça, nem a bem nem a mal.

— Tirem-me isto da cabeça! gritava o Severo desesperado.

Mas ninguém fazia caso.

Dona Redonda pusera os óculos e observava indo aquilo com muita atenção.

— Aqui está, para quem tem olhos de ver, declarou ela, uma imagem perfeita dos movimentos das massas humanas entregues a si próprias e sem cabeças superiores a quem obedeçam.

— Que quer isso dizer? perguntou Dona Catapulta muito interessada.

Mas Dona Redonda encolheu os ombros e só respondeu:

— Não sou máquina de explicar. As pessoas veem ou não veem. Se veem, não precisam de explicações. Se não veem, as explicações não servem de nada. Os que querem ver com os olhos dos outros, nunca veem senão asneiras.

E largando Dona Catapulta, que ficou imóvel a pensar naquelas palavras misteriosas, Dona Redonda encaminhou-se para casa e voltou logo com uma grande corneta que começou a tocar com quanta força tinha.

Ouviu-se então um grande barulho no ar; e o Mostrengo e a Mostrenga, voando com muita rapidez, vieram pousar no terreiro.

— Que se passa, Dona Redonda? disse o Mostrengo. Cá estamos às ordens! Gúrú... rú... ú...

Dona Redonda mandou-os acudir àquela gente que berrava, esperneava e se espojava no pó do caminho: e eles foram a correr. Mas pouco trabalho tiveram porque as pessoas que berravam e esperneavam no chão, apenas viram aqueles enormes dragões avançar para eles, num abrir e fechar de olhos desataram a fugir cada qual para o seu lado como se levassem o diabo no corpo.

Dona Maluka e o Chico, mais a Lucinda, o Dinis e o mestre Elói, riam às gargalhadas.

Mestre Elói — Valha-me Deus! Se calhar foi o medo que os salvou!

Dona Maluka — Pudera! Nunca tinham visto os Mostrengos e julgaram que iam ser devorados.

Lucinda — Vamos agora mas é juntá-los. Senão perdem-se no pinhal.

Desataram a correr atrás deles. Tiveram um trabalhão. O Borrabotas trepava para o cocuruto de um pinheiro; a Dona Mariposa metera a cabeça numa toca de coelhos e ali estava muito quieta, julgando que ninguém a via; o Severo escondera-se numa moita de tojo e tal era o medo que nem sentia os picos que o arranhavam; a mulher do Severo não fora longe porque o susto lhe dera arrepios; estava parada no meio de uma clareira a chamar:

— Ó Severo! Dá cá o xaile!

Mas desta vez o Severo, acachapado e todo arranhado no meio da moita de tojo, a tremer de pavor fingiu que não ouvia a mulher.

Dona Catapulta, aterrada com a vista dos dragões, marinhara como um gato por uma das colunas do alpendre e, estendida de barriga para baixo no telhado da casa, espreitava cá para baixo e dizia com voz fininha dando estalos com os dedos:

— Pchut! Pchut! Comigo tudo tem remédio!

I o que não tem remédio, remediado está! Pchut! Pchut!

Dona Redonda chamou os Mostrengos.

— Vocês agora vão ver se agarram o carro das mulas e o Sarapantão, e tragam-nos aqui!

E os Mostrengos desapareceram no mato a galope.

Nisto, a Lucinda, a Dona Maluka e o Chico aproximaram-se a correr:

Chico — Olhe para isto, Dona Redonda!

E mostrava-lhe os três meninos.

Dona Redonda pôs os óculos para ver melhor; ficou pasmada. Os meninos escancaravam as bocas como se quisessem engolir o mundo: mas das bocas escancaradas não saía nenhum som. Estavam roxos, esperneavam e agitavam os braços como possessos.

Dona Redonda, muito interessada — Que lhes aconteceu?

Lucinda — Foram atrás do choro.

Dona Redonda — Atrás de quê?!

Dona Maluka — Atrás do choro. Não ouves?

Dona Redonda — Ouço. Mas como é que a gente vai atrás do choro?

Dona Maluka, frenética — Pois não vês? Olha para estas crianças. Foram atrás do choro.

Dona Redonda — Não entendo. Quando a gente vai atrás de uma coisa... vai. Mas estes meninos estão aqui.

Dona Catapulta, vendo que os Mostrengos tinham desaparecido, deixou-se escorregar por uma coluna do alpendre. Lá no Toutiço lidava muitas vezes com os meninos e sabia como se deve acudir a certos acidentes. Pegou nos meninos e aplicou a cada um dois valentíssimos açoites.

Então os três meninos tomaram respirações fundas e desandaram num berreiro que até os pinheiros tremiam.

— Pchut! Pchut! Estão salvos! disse Dona Catapulta com satisfação. Comigo tudo tem remédio.

Tirou do bolso uma mão-cheia de rebuçados e deu-os aos meninos; como eles continuassem a berrar, descalçou um sapato e mostrou-lho dizendo:

— Vão brincar. Gira! E se não se calam apanham com o sapato.

Os meninos, babados e ranhosos, atafulharam as bocas de rebuçados e afastaram-se soluçando em surdina.

— Pchut! Pchut! disse Dona Catapulta dando estalinhos com os dedos. Eu cá sou assim. Dito e feito. Gosto de criancinhas. Criaturas amorosas. Anjinhos do céu. Pchut! Pchut! Sei lidar com elas. Para tudo se quer jeito e ternura. Pchut! Pchut!

A pouco e pouco e com muito trabalho lá tinham conseguido descobrir as vítimas do desastre. Mas todas em estado deplorável.

Dona Mariposa em vez de postiços e chapéu tinha a cabeça cheia de terra.

O Borrabotas parecia um gato-pingado.

O Severo com a melancia encaixada na cabeça e todo ele arranhado pelo tojo e lambuzado de sumo, trazia o bigode... mas é melhor não falar mais em tal.

Quem estava mais composta era a mulher do Severo; mas abrasada de calores.

— Ó Severo! Dá cá o leque!

O Severo olhou em volta de si, assarapantado, e ia já a correr para o mato, seguindo o trilho das rodas do charabã, quando Dona Redonda lhe gritou:

— Venha cá! Basta de asneiras! Ó Lucinda! vai buscar um abano à cozinha e dá-o aqui a esta senhora. Agora vão-se todos lavar e escovar e sosseguem!

Mas não sossegavam. Falavam todos ao mesmo tempo.

Dona Mariposa — Nunca vi! Sempre me acontece cada uma!

A mulher do Severo — Ih! Chassus! Credo!

O Severo — Que animais eram aqueles?

Borrabotas, muito nervoso — Pareciam dragões, mas não eram dragões, porque não há dragões...

Dona Catapulta — Já se vê que eram dragões; quando a gente vê uma coisa com os seus próprios olhos, é tolice dizer que esta coisa não existe! Pchut! Pchut! Eu cá sou assim. Pão, pão, queijo, queijo! Pchut! Pchut!

Borrabotas, ganhando importância — Há ilusões de ótica, Dona Catapulta; há alucinações...

O Severo — Mas se não eram dragões, que bichos eram?

Chico — Não são bichos.

Borrabotas, sorrindo com ares superiores — Já se vê que não são bichos. São alucinações, isto é, fantasias de imaginação.

Chico, zangando-se — Então porque é que você trepou com tanta pressa pelo pinheiro acima? E depois não era. capaz de descer e eu tive que ir lá buscá-lo?

Dona Catapulta — Este menino tem razão. E o senhor Bonifácio é muito esperto mas não apanha ratos. Pchut! Pchut!

Borrabotas, começando a atrapalhar-se — Então diga lá: se não foi alucinação, que animais são aqueles?

Chico — Já lhe disse que não são animais.

Zipriti, que estava ali a chupar no dedo e a ouvir a conversa — Ai! Ai! Não é bicho, não! Quem acode? Zipriti zangada. Todos a fugir. Mostrengo bom. Senhores maus. Ai! Ai!

Dona Redonda — Vão-se lavar e escovar que já não posso vê-los nesse estado. Não quero mais conversas.

A Lucinda e o Dinis conseguiram por fim levá-los para dentro de casa e lá os lavaram, escovaram, pentearam e remendaram o melhor que puderam.

CAPÍTULO 12

OS MIOLOS DO SARAPANTÃO

Enquanto estas coisas se passavam em frente da casa branca e verde, o Mostrengo e a noiva andavam à procura do charabã, das mulas e do Sarapantão.

As mulas tinham levado o carro por um caminho trilhado, que atravessava a floresta. O Sarapantão de vez em quando sacudia as rédeas ou dava uma chicotada, imaginando que talvez assim fizesse parar as mulas. Mas as mulas sentindo as rédeas sacudidas e o chicote nos lombos, iam trotando por ali fora quanto mais podiam.

A bicharada da floresta nunca tinha visto um charabã, nem mulas, nem um homem como Sarapantão.

A notícia da passagem no pinhal daquela coisa extraordinária, espalhou-se com incrível rapidez.

Raposas, ratos, gatos bravos, texugos, cobras e lagartos, lagartixas, rãs, sapos, melros, pintassilgos, rouxinóis, gaios, rolas, papa-figos, milhafres, enfim, tudo que andava, saltava, rastejava e voava, se encontrou num abrir e fechar de olhos em grande rebuliço.

— Onde está? Para onde vai?

— O que é?

— Dizem que é uma carruagem puxada por cavalos com asas.

— Não são asas, são orelhas.

— Não são cavalos, são burros pretos.

— Levam atrás uma teia de aranha de ferro.

— Que disparate! O que levam são duas bicicletas amarradas uma à outra.

— E presas a um tronco...

— *E em cima do tronco vai um homem de cara esquisita.

— Quem é o homem?

— É um urso.

— Tu nunca viste um urso.

— Vi, sim, senhora.

— Toda a gente viu os ursos que passaram para a feira.

— Mas se é um urso, deve ir preso.

— Porquê?

— Porque os ursos que aqui passam vão presos pelo nariz.

— Olha! Olha! lá vai a tal coisa.

— Onde? Onde?

— Não ouves o barulho?

— Vamos ver! Vamos ver!

De um lado e outro do caminho seguia um enorme cortejo de bicharada acompanhando o charabã. Escondiam-se entre o mato e na ramaria das árvores e por detrás das rochas, mas eram tantos e faziam uma tal restolhada e tal ruído de vozes, que o Sarapantão começou a desconfiar...

— Olha para o homem... não tem cara de homem!

— Não é homem.

— Então o que é?

É um urso vestido de homem e com cara de raposa.

Os gatos bravos desataram a rir às gargalhadas e a gritar:

— É! É!... Focinho e olhinhos de raposa.

— É algum irmão da senhora Fedúncia!

— Ah! Ah! Ah! Essa é muito boa!

A coisa que a senhora Fedúncia mais detestava era que rissem dela.

Disfarçadamente deu ordem às cobras e lagartos para se enroscarem e morderem nas pernas dos gatos bravos.

Mas os milhafres vendo aquilo caíram sobre as cobras e lagartos.

Embrulhou-se tudo numa batalha; e como a floresta ali era já rala porque iam muito perto das dunas, o Sarapantão via perfeitamente a bicharada toda ensarilhada numa guerra que metia medo.

O Sarapantão não era medroso nem deixava de o ser. Era um homem que só tinha uma ideia na cabeça: o seu negócio. Há muitos homens assim; mas na floresta nunca aparecera nenhum.

O Sarapantão tinha bons miolos, mas só trabalhavam para o negócio; era exatamente como uma máquina de migar carne, que miga muito bem a carne mas não pode fazer chouriços, nem sapatos, nem manteiga, nem qualquer outra coisa. Só migar carne. Os miolos do Sarapantão só faziam negócios; e tanto e de tal maneira que tudo nele era empregado em alimentar os miolos. De modo que até a força do coração se gastava completamente em sustentar os miolos; e não tinha outra serventia. Por estas razões o Sarapantão não era medroso nem valente, nem unhas de fome nem generoso, nem bom nem mau, nem alegre nem triste. Era uma máquina excelente de fazer negócios.

Assim, quando viu aquela guerra dos bichos, não se assustou nem quis saber porque se batiam, nem nada.

Começou a contar as raposas e pensou:

— Deve haver muitas raposas nesta floresta. São amarelas; não prestam. Mas se eu inventar uma tintura que torne as peles cinzentas, isto pode ser um bom negócio, porque venderei as raposas amarelas dizendo que são cinzentas.

Neste momento o ramo baixo de um eucalipto deu-lhe no chapeuzinho tirolês que (como é costume de todos os chapéus tiroleses) tinha uma pena entalada na fita; e essa pena era de pavão. De modo que, quando o chapeuzinho foi pelo ar e pousou no alto de um cedro, o rei dos milhafres que era o senhor Violento, gritou aos seus guerreiros:

— Alto!

E todos os milhafres, abandonando a batalha, se precipitaram com o seu rei à conquista do chapeuzinho tirolês.

Assim acabou aquela guerra, porque a senhora Fedúncia, a rainha das raposas, logo percebeu que uma coisa muito importante se passara e, como queria sempre dar fé de tudo, mandou no mesmo instante retirar as suas tropas do campo de batalha.

Aconteceu então que as mulas, trotando sempre, passaram a orla da floresta e entraram na região das dunas.

As dunas são grandes montes de areia movediça e leve que o vento vai arrastando. E, já se vê, apenas o carro entrou nas dunas, as rodas enterraram-se na areia até aos eixos, e as mulas pararam.

O Sarapantão largou as rédeas e o chicote, saltou para o chão e foi a toda a pressa à procura das raposas.

A senhora Fedúncia que era espertíssima e manhosíssima como toda a gente sabe, foi logo ao seu encontro, toda cortesias, salamaleques e sorrisos dengosos, e disse assim:

— Eu sou a rainha das raposas, a senhora Fedúncia. E sei, pelos meus serviços de informação, que tu és uma figura da maior importância no mundo moderno. Um grande poder. O maior poder. Curvo-me reverente diante do teu poder e da tua riqueza.

O Sarapantão não se admirou de entender a fala das raposas, nem ficou lisonjeado com o discurso da senhora Fedúncia; porque não era capaz de se admirar nem de se lisonjear fosse lá com que fosse, fora dos seus negócios. Apurou a garganta:

— Ah... hem!

E tirando o lenço, cuspiu-lhe dentro, e voltou a guardá-lo. E disse:

— Quantas raposas há nesta floresta?

A senhora Fedúncia — Ora! Milhares e milhares (o que era uma grandíssima peta).

Sarapantão — Isso não me serve. Vamos a números.

A senhora Fedúncia, começando a desconfiar — Este ano ainda não fizemos o recenseamento.

Sarapantão — Mau. Quantas nascem aproximadamente, por ano? Quantas são apanhadas em armadilhas? Quantas são mortas a tiro ou pelos cães dos caçadores?

A senhora Fedúncia, levantando a cabeça com modos de realeza e mostrando os dentes que lhe restavam — São perguntas um pouco indiscretas... Ainda me não disseste o teu nome.

Sarapantão — Eu sou o grande Sarapantão, o mais rico e poderoso industrial deste país. Tenho trinta e cinco fábricas de coisas que parecem ser o que não são e emprego rebanhos de...

A senhora Fedúncia, toda melíflua — De quê, ilustre Sarapantão?

Sarapantão — Ora bolas! Vamos ao que importa. Quantas raposas há nesta floresta?

A senhora Fedúncia — Diz-me uma coisa, grande Sarapantão: tu que tens tantas fábricas de coisas que parecem ser o que não são... Já te lembraste do futuro que haveria no aproveitamento das penas dos milhafres, das do peito e de debaixo das asas, que poderiam passar pela penugem preciosa dos gansos do Norte...

Sarapantão, com os olhinhos a brilhar — Onde estão os milhafres? Ah... hem!

A senhora Fedúncia, toda risonha e solícita — Olha ali para o topo daquela rocha.

E, enquanto o Sarapantão se voltava para a tocha, a senhora Fedúncia raspou-se e sumiu-se para a floresta, rindo silenciosamente e dizendo às suas flamas:

— Com papas e bolos se enganam os tolos! E de uma cajadada matei dois coelhos, porque agora o senhor Violento vai-se ver numa fona! Ah! Ah! Ah!

No alto da rocha que se erguia ali perto no meio das dunas, estava o senhor Violento com os seus oficiais às ordens.

O senhor Violento tinha uma garra fincada no chapeuzinho tirolês e olhava para ele, perplexo.

— Parecia gordo, redondo, boa presa... dizia ele. Afinal é oco!

Primeiro oficial — Se calhar, despejou-se.

Segundo oficial — Despejou-se de quê?

Primeiro oficial — Do que tinha dentro.

Terceiro oficial — Nunca vi um pássaro com este pêlo curto e só com uma pena.

Primeiro oficial — Só uma pena... Mas que pena! Parece um sol verde e azul.

Um filho muito novito do senhor Violento meteu-se na conversa com uma voz esganiçada:

— A Zipriti andava a cantar no outro dia uma cantiga assim:

Dá-me um ai, oh! Verde Gaio!

Verde Gaio da pena azul!...

Terceiro oficial, todo doutor — Então talvez seja um gaio uniplumoso.

Segundo oficial — Pode ser, mas nunca vi. Só se é alguma ave de migração que se perdeu no caminho.

O senhor Violento — Silêncio!

Todos se calaram e ficaram imóveis como estátuas.

O senhor Violento, sério e carrancudo, fitava sem pestanejar o sol que descia sobre o mar, vermelho como uma brasa imensa.

— Olá, senhores milhafres! gritou de repente uma voz de homem cá de baixo, do sopé da rocha.

Os milhafres, sempre alerta e preparados para todos os perigos, sacudiram as asas rijas com um ruído surdo que parecia o rufar de tambores. Alguns chegaram a levantar voo.

Primeiro oficial, com voz de clarim — Quem vive?

Sarapantão — Sou eu. Sou o grande Sarapantão, o maior industrial deste país. Quero pedir uma informação.

O senhor Violento deu uma ordem; e o primeiro oficial gritou:

— Passe de largo!

Mas o Sarapantão bispara o seu chapeuzinho tirolês.

— Salta para cá o meu chapéu! disse ele.

— Passe de largo! repetiu o primeiro oficial.

O Sarapantão abaixou-se, pegou numa pedra e atirou-a aos milhafres.

Afrontados, estes ergueram-se para se precipitar cobre o atrevido. E o Sarapantão teria passado um mau bocado, se naquele instante, o chapeuzinho não tivesse caído da rocha e rolado aos seus pés.

Todo contente, o Sarapantão pôs o seu rico chapeuzinho na cabeça, inclinado; e o assombro dos milhafres foi tal, que ficaram pasmados a olhar para ele.

O senhor Violento, com interesse — Já sei o que estava dentro do bicho!

Primeiro oficial — A cabeça de um homem!

Segundo oficial — Não é homem.

Terceiro oficial — Não é cabeça.

O senhor Violento, triunfante — Era um ovo! Atacar!

E ninguém sabe o que teria acontecido ao Sarapantão sob as garras e os bicos terríveis dos milhafres...

Mas felizmente nesta altura ouviram-se duas vozes imensas que estremeciam o ar:

— Ú... gú... rú... ú... ú...

— U-hi... U-hi... hi... hi...

Os milhafres desapareceram num instante. As dunas ficaram desertas.

E o Sarapantão viu diante de si dois formidáveis dragões.

O Sarapantão reconhecia a força onde a via. Tirou o chapeuzinho, fez com ele um grande cumprimento e voltou a pô-lo na cabeça, inclinado.

O Mostrengo, todo vermelho e ouro, com um grande estremecimento das escamas — Onde estão as mulas? Onde está o charabã? Ú... gú... rú... ú... ú...

Sarapantão — Estão por aí algures.

A Mostrenga passeou para trás e para diante dando voltas, com a graça e os meneios dengosos dos manequins de alta costura; depois parou, pôs a cabeça de lado e remirou atrevidamente o Sarapantão. Disse-lhe, requebrando-se toda:

— Tens um chapeuzinho tirolês todo liró.

O Sarapantão já não tinha olhos senão para ola. Nem fazia caso do Mostrengo. Pensava:

— Isto, para a publicidade, ainda é melhor do que a Dona Maluka.

O Mostrengo não gostou daquilo. Fez-se do tamanho de um elefante, começou a deitar chamas pelas ventas e uivou com um vozeirão terrível:

— Ú... gú... rú... ú... ú... ú!... Onde estão as mulas e o charabã? Se me não respondes direito, faço de ti um torresmo!

Sarapantão, muito interessado — Tu és capaz de fazer de um homem um torresmo?

Mostrengo — Um homem?! Ú... gú... rú!... Um homem!... O que é um homem? O que é um industriai? O que é um homem de negócios a cinco réis a dúzia? Pobre, miserável minhoca!... gú... rú... ú!...

Enquanto falava, ia crescendo. Cresceu tanto que o seu corpo esplêndido cobria as dunas; a cauda alongou-se tanto que mergulhava lá ao longe no mar; e as chamas das ventas eram duas colunas de fogo que subiam até às nuvens.

A fumarada era tanta que apesar do Sol ainda não ter desaparecido, estava tudo em lusco-fusco.

Sarapantão, tossindo e engasgando-se — Não vês que estou sufocado com o fumo?

Mostrengo — Raios e coriscos!... Gú... rú... Respondes ou não respondes?...

Sarapantão, apurando a garganta e cuspindo no lenço com grande estrondo — Ah... hem!... Que importa as mulas e o charabã? Se se perderem, perderam-se. Eu arranjo logo outras mulas e outro charabã. Tenho muito dinheiro, entendes? Posso comprar tudo quanto há, tudo quanto me apetecer. Sou o grande Sarapantão. O maior industrial deste país. Tenho trinta e cinco fábricas de coisas que parecem ser o que não são. Emprego rebanhos e rebanhos de...

Mostrenga, toda melíflua e fazendo uma festinha com a ponta da garra na bochecha do Sarapantão — Rebanhos de quê, lindo Sarapantão? Rebanhos de... escravos, não é?

Sarapantão, com sorriso amável e espertalhão — Eu não disse tal coisa! Mas aqui entre nós, já se vê... negócios são negócios...

Voltou-se para o Mostrengo:

— Vamos ao que importa. Diz lá: serias capaz de aguentar esse fogo das tuas ventas, sem parar de dia e de noite? Porque fica sabendo uma coisa: tu és muito grande e muito forte: mas eu sou mais poderoso, eu Sarapantão! — eu

sou capaz de fazer de ti um alto forno para fundição de metais... fabricação de munições... armamento... máquinas de guerra...

— Gú... rú... ú... ú!... rugiu o Mostrengo com uma voz horrenda.

E os olhos enormes acenderam-se-lhe como dois possantíssimos holofotes vermelhos. Mas o Sarapantão, que só tinha miolos para o negócio, não percebeu que tudo aquilo era fúria, imaginou que era entusiasmo, e continuou com os olhinhos a brilhar, todo contente, a esfregar as mãos:

— Hem?... Poderíamos formar uma sociedade. Hem?... Que tal? lucros a meias... Eu dou o capital e as invenções... Tu dás o trabalho... e num instante metemos o mundo inteiro nas nossas algibeiras...

Mostrengo, ardendo em fúria — Grandessíssimo burro! Cego e estúpido! Miserável piolho com chapeuzinho tirolês inclinado! Fedorento percevejo careca! Não vês nada, não entendes nada senão o teu sujo negócio, as tuas burlas nojentas, e a publicidade e reclamo das porcarias que inventas e fabricas. Pensas que só o dinheiro vale e que o teu dinheiro pode comprar tudo. És tão parvo que até pensaste que me podias comprar a mim. Gúrúl... gú!... ú!... ú!... A mim!... Pensas que o dinheiro das tuas roubalheiras te dá poder de governar a terra e o céu! Não percebes, idiota, que a minha tarefa neste mundo é dar cabo de ti, das burlas, com que enganas os pobres tolos, das manhas com que intrujas a gente de boa fé, e da força bruta com que vences os fracos, Gúrú!... Gúrú!... Gúrú!... A minha tarefa é dar cabo dos

Sarapantões! Cada vez que os Sarapantões se incham de mais... faço deles torresmos! Depressa ou devagar, arraso tudo! O Tempo não se importa comigo nem eu com o Tempo! Porque sou eterno! Gúrú!.., Gúrú!... Deu-te Deus uma faísca do seu espírito divino, e só vês o teu negócio de burlas, e o maldito dinheiro com que envenenas e escravizas o mundo...!

Tal era a cólera magnífica do Mostrengo, que nem pôde falar mais. Levantou para o Sarapantão uma garra enorme e deu-lhe no sim-senhor uma sapatada mestra. E o Sarapantão foi logo pelo ar fora a redemoinhar, a redemoinhar, que nem a rodinha cuspindo lume, desprendida de uma peça de fogo de vistas.

Ao ver o Sarapantão às reviravoltas no ar, agarrando o chapeuzinho tirolês, e desaparecendo por cima das árvores, e a Mostrenga desatou às gargalhadas. E ria tanto e com tal vontade que acabou por se rebolar na areia, segurando o estômago com ambas as mãos e soltando gritinhos abafados, sufocados, como se fosse morrer:

— Ai!... que eu... não posso mais!... Ai!... que eu... rebento a rir!...

O Mostrengo abaixou a vista para a noiva e foi serenando; apagou o terrível clarão vermelho dos olhos; apagou as colunas de fogo das ventas; e foi diminuindo até ficar do tamanho dela, quer dizer, do tamanho de um cavalo. Inundou-se de ternura. Passou uma garra docemente pela crista resplandecente da Mostrenga que logo lhe deitou os braços ao pescoço. Toda

a cólera terrível se desvanecera como fumo. Encolheu os ombros e desatou a rir.

Tal é a força do amor!

Ouviram então ao longe, uns roncos e gemidos:

— Ui!... Ui!... Ui!... Que tenho o rabo em marmelada e as pernas quebradas, e os miolos de fora!... Ui!... Ui!... Que me afogo!...

Foram ver o que era.

Deram com o Sarapantão a espernear dentro de uma poça de água salobra e sujíssima. Estava tão embrulhado em lama que nem parecia um homem, parecia uma foca. Todo ele era um pastel de lodo e sujidade.

O Mostrengo filou-o pelo cachaço e levou-o pelo ar até à praia. Mergulhou-o nas ondas muitas vezes, sacudiu-o dentro da água até que a maior parte daquela crosta de lama fedorenta se derreteu no mar.

Acontecera isto: com a sapatada do Mostrengo o Sarapantão fora pelos ares até ao topo de um alto eucalipto; o topo do eucalipto dera de si e o Sarapantão, que não tinha jeito nenhum para ginástica, viera por ali abaixo, trambolhando de ramada em ramada, até cair cá em baixo sobre uma rocha; a cabeça rachara-se como uma melancia e os miolos entornaram-se todos e espalharam-se sobre a rocha, pedaço aqui, pedaço acolá. O corpo ficou todo coberto de arranhões, de feridas, de inchaços.

Muito dorido, atordoado, o Sarapantão quis descer do rochedo; não tinha entendimento porque perdera os miolos; escorregou e tombou para dentro do charco.

Depois de tudo isto, e, ainda por cima com o violento banho que o Mostrengo lhe dera no mar, encontrava-se em estado lamentável.

Quando o Mostrengo e a noiva o estenderam na areia e começaram a tratar dele, repararam que a cabeça estava rachada e vazia.

Partiram logo à procura dos miolos e por fim lá os encontraram espalhados em cima do rochedo.

A Mostrenga foi buscar umas conchas grandes e juntando com muito cuidado os miolos espalhados, voltou com eles para junto do Sarapantão. Pela racha da cabeça meteram-lhos todos para dentro.

Mas como era de esperar, não ficaram arrumados como estavam dantes. De modo que o Sarapantão, estendido na areia, cheio de dóis-dóis, engasgado, constipado, ranhoso e esfarrapado, começou a pensar de modo completamente diferente do que pensava dantes. Percebeu que o negócio e o dinheiro lhe não serviam de nada naquela situação em que se encontrava; e pensou, pela primeira vez na sua vida, que decerto havia muitas coisas que ele ignorava e que eram muito mais importantes que o negócio e o dinheiro.

— Ui! Ui!... gemeu ele. Desconfio que vou morrer... Que será de mim?... Que será de mim?...

O Mostrengo que sabia muito bem o que estava na cabeça do Sarapantão, piscou o olho à noiva, e disse:

— Que será de ti? Se vais morrer, morres. Mais nada. Que susto é esse? Tu não acreditas em Deus nem noutra vida depois da morte.

Sarapantão — É que eu nunca pensei na morte. Só pensei no negócio.

Mostrengo — E agora?

Sarapantão — Agora... É esquisito... Tudo mudou de repente. Era... como se tivesse diante dos olhos um muro... Com tanta pancadaria, o muro desabou... e vejo o que estava detrás do muro... Tantas coisas! Tantas coisas!... Tantas coisas a passarem... Como no cinema...

E o Sarapantão, de boca aberta, olhava para o ar.

Entretanto a Mostrenga, lavara com cuspo as feridas do Sarapantão e aplicara-lhe no toutiço rachado um capacete de certas algas que fora buscar; porque a Mostrenga tinha muito bom coração e era grande mestra na arte de enfermagem.

O Mostrengo observava-a todo enternecido e cheio de presunção ao ver o desembaraço e o jeito com que ela fazia aqueles serviços. Depois voltou a piscar o olho e disse ao Sarapantão:

— Agora que estás mais sossegado vamos lá discutir o tal grande negócio...

Sarapantão, muito distraído, sempre a olhar para o ar — Que negócio?

Mostrengo, fingindo-se muito sério — O aproveitamento do fogo das minhas ventas para um alto forno.

Sarapantão, encolhendo os ombros com indiferença — Ora... Um alto forno!... Não quero saber disso...

E então aconteceu uma coisa extraordinária. Aquele homem que não sabia rir, que nunca ria, largou-se de repente às gargalhadas.

Ria tanto que até chorava. Os arranhões e golpes da cara abriram-se e o sangue escorria-lhe pelas bochechas de mistura com as lágrimas. Mas ele não se importava. Era tão bom rir, rir com vontade!

— Que é isso agora? perguntou o Mostrengo.

Mas o Sarapantão ria tanto que nem pôde responder. Apontou para o ar.

Os miolos, arrumados agora dentro da sua cabeça de outro modo, iam-lhe mostrando a fita da Vida como ele nunca vira. E nessa fita acabava de aparecer a sua própria imagem; figura grotesca, ridícula, coberta da falsa importância que engana os tolos, a cómica importância emprestada pelo dinheiro mal ganho...

Mas, subitamente, o Sarapantão deixou de rir. Ficou sério e assarapantado.

— Que é isto?... Que é isto?... perguntava ele a tremer de medo. Que gente é esta que eu nunca vi?... Estes homens com pedras nas mãos e tanta maldade nos olhos?... e estas mulheres sujas, desmazeladas, esguedelhadas, como fúrias do inferno?...

Mostrengo — Ú!... gú... rú... ú... ú!... São os teus rebanhos de escravos! A gente que tens intrujado chamando-lhe camaradas, prometendo-lhe o que não lhe podes dar; são os homens e as mulheres que transformastes em animais para o teu serviço. Arrancaste-lhes Deus do coração... Vê o que fizeste!

Sarapantão, gemendo e torcendo-se de desespero — Eu não via... eu não sabia... Que horror! Que desgraça!

Mostrengo — Só vias e só sabias o que interessava o teu negócio, a tua pessoa, o teu dinheiro...

Sarapantão — Ui!... Ui!... Ui!... Onde está Deus?... Onde está Deus?...

Mostrengo, com voz terrível — Deus está em toda a parte... Gú!... rú!... ú!... ú!...

Sarapantão, olhando para o Mostrengo, aterrado e a tremer — Serás Deus, tu?

Mostrengo — Eu! Estás doido! Sou apenas um dos seus mais humildes servidores...

E o Mostrengo começou de novo a crescer e a resplandecer.

Sarapantão, escondendo a cara nas mãos — Não cresças! Não resplandeças! Eu não posso suportar a vista da tua grandeza, da tua magnífica beleza!

Mostrengo — Vamos, vamos... Sossega. Que queres tu?

Sarapantão, chorando — Quero desmanchar as patifarias que fiz... Quero começar uma vida nova e limpa... Será impossível?

Mostrengo, pousando-lhe com doçura uma garra no ombro — Sossega, sossega... Nada é impossível para um homem de boa vontade.

Sarapantão — Ensinem-me... O que hei de fazer?

Mostrengo — O que hás de fazer, homem de Cristo? Faz sapatos de cabedal verdadeiro! Faz massas de farinha verdadeira! Chapéus-de-feltro verdadeiro! Conservas de frutas verdadeiras! Contenta-te com lucros justos e razoáveis! Espalha esse teu maldito dinheiro por todos os industriais e negociantes honestos que arruinaste, para que possam trabalhar à sua vontade e com limpeza... Pensa nos teus operários com amor verdadeiro e não como se fossem bonecos e ferramentas... Não os intrujes, não os endoideças...

Sarapantão, juntando as mãos — E poderei fazer tudo isso? Oh! Deus do Céu!...

Mostrenga sorrindo — Está bom!... Está bom... Não te aflijas. Pede a Deus que te ajude e tudo irá por bom caminho.

Voltou-se para o Mostrengo:

— Agora o que é preciso é levá-lo daqui e entregá-lo a Dona Redonda.

Sarapantão, envergonhado — Neste estado?

Mostrenga — Qual estado? Estás mais limpo e decente agora do que estavas antes de cair no charco.

Sarapantão — Não percebo.

Mostrenga — Não faz mal. Há muitas coisas que irás percebendo a pouco e pouco.

Voltando-se para o Mostrengo, disse:

— O melhor é irmos buscar o charabã e as mulas. Aqui a terra é dura e, por este caminho, o carro poderá rodar.

Afastaram-se os dois.

Apenas viraram costas, a senhora Fedúncia que assistira a tudo escondida numa moita, aproximou-se do Sarapantão com pezinhos de lã.

Parou em frente dele, juntou as mãos, soltou um suspiro, e, arrancando uma cebola brava que ali crescia, esfregou-a nos olhos disfarçadamente. Já se vê, encheram-se logo os olhos de lágrimas.

— Ai! pobre Sarapantão! Tão grande e poderoso! Em que estado te puseram! Em que mãos foste cair!

Sarapantão sentiu o sangue a ferver-lhe nas veias de justa indignação, coisa que nunca lhe acontecera. E ficou tão contente de sentir aquilo, que até esqueceu a senhora Fedúncia.

— É bom! dizia ele consigo. É bom sentir isto!

Senhora Fedúncia — Não te aflijas, nobre e .soberbo Sarapantão! Eu aqui estou para te ajudar, para te servir... ganharemos muito dinheiro e muito poder...

Então o coração novo do Sarapantão começou a bater-lhe dentro do peito como um martelo de uma forja. Ele, que mal podia mexer-se, levantou-se de um salto, atirou-se à senhora Fedúncia. Filou-a pelo cachaço lazarento, agarrou-a pelo rabo pelado, fê-la redemoinhar no ar, berrando:

— Não quero mais negócios manhosos! Não quero mais intrujices nem mentiras! Não quero mais dinheiro roubado! E quem me aparecer agora com propostas de patifarias, vai mas é para as profundas do inferno!

E largando-lhe de repente o rabo, a senhora Fedúncia foi pelo ar contra uma rocha, fez um galo na testa, torceu uma pata e abalou toda estonteada e coxa, a uivar.

— Hi!... i... i... Hei de vingar-me! Hei de ir comer todas as tuas galinhas! Hei de dar cabo do teu galinheiro!

— Quero cá saber de galinheiros! pensou o Sarapantão todo presumido da sua façanha. Agora já não sou um intrujão. Sou um homem!

E, como estava muito fraco e fizera tudo aquilo só com a força de vontade, perdeu os sentidos.

CAPÍTULO 13

CADA UM TEM O QUE MERECE

Nesta mesma ocasião em que a grande barafunda se passava em frente da casa branca e verde, e em que o Sarapantão rachava a cabeça lá nas dunas, Ana Petronilha Águezi estava sentada no seu jardim à sombra de uma roseira em flor lendo um romance que se chamava Rosalina ou as Angústias de Um Coração Namorado.

Ana Petronilha Águezi gostava muito destes romances. Com tais leituras aprendia muitas coisas erradas: como uma senhora se deve vestir; as flores que deve usar segundo as circunstâncias; quando deve ter flatos; o que deve fazer durante os flatos; e outros preceitos.

Numa das mãos tinha o livro e na outra a sombrinha. Estava sentada numa cadeira de vimes toda inclinada, de pezinhos estendidos e cruzados em cima de uma almofada.

O ilustre Fernando Augusto Báguezi tinha ido de carruagem visitar o duque. Levara o Bú a guiar e a Recantamplana nas traseiras do carro, como de costume.

Ana Petronilha espirrou. Procurou o lenço e viu que não o tinha. Gritou com voz aguda:

— Búzi! Ó Búzi!

Búzi acudiu logo.

Ana Petronilha — Búzi, vai buscar um lenço.

Búzi — De renda? De seda? De cambraia? De linho? De embutidos? De bordados nas pontas? De bordados ao meio?...

Ana Petronilha, toda lânguida — Basta! Basta!... Qualquer. Resolve. Não tenho cabeça para pensar nessas coisas. Estou cansada.

Búzi — De quê?

Ana Petronilha, suspirando e revirando os olhos — Ora! De respirar o perfume das flores e de ouvir o zumbido das abelhas.

Búzi foi a correr buscar um lenço enorme, um tabaqueiro de algodão encarnado.

Ana Petronilha, indignada — Que é isto?

Búzi — É um lenço de algodão encarnado. É do Bú. Foi o primeiro que encontrei. Não se podia perder tempo: a Excelência tinha um macaco a espreitar para fora do nariz.

Ana Petronilha assoou-se com delicadeza e perguntou:

— Ainda está?

Búzi, distraída — O quê, Excelência?

Ana Petronilha — O que há de ser? O macaco.

Búzi — Ah! Deixe ver, Excelência... Já desapareceu. Foi para as profundas do inferno!

Ana Petronilha, assarapantada — Búzi! Que linguagem! Parece impossível!

Búzi — Perdoe-me, Excelência. Ando nervosa.

Ana Petronilha, com um suspiro — Também tu?... E porquê, não me dirás?

Búzi desatou a chorar. Como não tinha lenço, Ana Petronilha Águezi deu-lhe o tabaqueiro encarnado.

Búzi limpou as lágrimas e o macaco de Águezi agarrou-se-lhe à bochecha direita.

— Cuidado! gritou Ana Petronilha. Tens o macaco na bochecha!

Búzi limpou a bochecha esquerda.

— Não é essa! gritou Ana Petronilha. É na outra que ele está!

Búzi perdeu a paciência. Bateu o pé e atirou o lenço para o chão. Desatou a faiar e a chorar ao mesmo tempo.

— Não quero saber de macacos! Que se agarrem onde quiserem! A gente não sabe para onde se há de voltar! Quando pensa que estão num lugar estão

noutro! Deviam estar quietos no nariz. Nunca estão. São como o Bú. Ora se agarra a uma coisa ora a outra...

Ana Petronilha, deixando cair o livro e a sombrinha e agarrando o penteado com ambas as mãos — Não fales tanto! Ai! a minha cabeça! Vou apanhar uma enxaqueca!

Mas a Búzi continuava a falar como se nada fosse:

— Tenho que falar! E a Excelência tem que me ouvir. Senão rebento. Dou um estouro. Vai tudo pelo ar! O Bú fartou-se de dizer que as coisas iam mudar; que toda a gente é igual; que todos devem ter quarto de banho e automóveis, e fumar bons charutos, e comer boa pescada cozida, e beber do bom e do melhor, e tudo. E que a Excelência e o senhor Báguezi tinham de ir varrer a casa, fazer o jantar e limpar os cavalos; e que o Bú havia de ir visitar o senhor duque e ter comendas; e que eu havia de andar vestida de seda e com muitas joias, e ler versos e tocar piano...

Águezi, estonteada — Mas tu não sabes ler nem tocar piano.

Búzi, frenética — Já se vê que não. Mas isso aprende-se. A Excelência também não sabia! depois é que aprendeu... Não diga mais nada, senão perco o fio. Ora depois de tudo isto, apareceu-me o Bú no outro dia a dizer o contrário!...

Águezi — O contrário de quê? Que confusão!

Búzi — O contrário de tudo! De tudo! Que cada um devia ficar no seu lugar, que a igualdade é uma mentira, que Deus o livre de tornar a dizer tais coisas porque a gente da Dona Redonda tinha andado para o matar e queria ferrar com ele no xelindró... Hi!... Hi!... Hi!... e que, se eu acreditasse e repetisse as patranhas que ele me tinha dito, ainda acabaríamos ambos na forca.

Águezi — Que forca? Não há forca. Isso era dantes.

Búzi — Forca ou bilotina ou barrote ou cadeira mágica, ou seja lá o raio que for...

Àguezi — Búzi! Que linguagem!... mas porque tinham de vos matar?

Búzi — Aí é que está! Pois é por isso mesmo!

Águezi — Isso o quê?

Búzi — Pois o que há de ser? A igualdade! Nem mais nem menos!... E veja lá, Excelência, quem tal havia de dizer! A gente da Dona Redonda a dar leis e a ferrar pontapés no rabo do Bú com tal força que ele andou para morrer de fome no ar!

Águezi, cada vez mais confusa — Qual rabo?

Búzi — O rabo do Bú, Sim, senhora, nem mais nem menos.

Águezi — Eu não sabia que o Bú tinha rabo.

Búzi — Essa agora! Toda a gente tem rabo!

Águezi, um pouco assustada — Tu tens rabo?

Búzi — Graças a Deus que tenho, Excelência. Se não tivesse era aleijada.

Águezi — Deixa ver.

Búzi — Isso não, Excelência! Deus me livre! Se a Excelência quiser ver um rabo, pode muito bem ver o do senhor Báguezi; ou até o seu, ao espelho.

— Ai! Ai! Ai! Um copo de água! Sais! gritou Ana Petronilha.

E caiu para o lado com um flato.



A Búzi foi a correr encher um balde num tanque para o despejar na cabeça de Ana Petronilha Águezi. Mas enquanto o enchia... toc, toc, toc, toquetoc... Aí vieram pelo jardim dentro os cavalinhos gordos com a carruagem e o Báguezi.

Ana Petronilha levantou-se num instante: primeiro porque teve medo de ser atropelada, e segundo porque estava morta por saber notícias. Não esperava Báguezi tão cedo e logo percebeu que devia haver novidade grossa.

E havia.

Báguezi apeou-se de um pulo e veio a correr em passinho de dança, ao encontro da esposa.

— Depressa! Depressa! Vai vestir o teu vestido de cetim carmesim bordado a lentejoulas verdes. Põe o teu chapéu-de-palha de Itália com plumas de ave do paraíso. E o broche de rubis. E as pulseiras de brilhantes. E o colar de pérolas. E os brincos de esmeraldas. E a capa de arminho. E os sapatinhos dourados. E as meias de vidro. Depressa! Depressa! Temos que ir já, já, a correr, fazer uma visita a Dona Redonda!...

Águezi — Ai, que trapalhada! Que confusão! Dona Redonda! Ai, que eu morro hoje! Dona Redonda! Pois não me disseste que nem devíamos pronunciar o seu nome, que não anda na alta-roda, que não é elegante conhecê-la, que devemos sempre fingir que não a conhecemos... Eu não preciso fingir... Nunca a vi mais gorda.

Báguezi, sentencioso — Ninguém pode ver mais gorda uma pessoa que é redonda. Não se trata disso.

Águezi — Então de que é que se trata?

Báguezi — Trata-se de ir visitá-la já.

Águezi — Pois é disso mesmo que estou a falar. Visitar Dona Redonda! Desde que nos saiu a sorte grande e viemos para aqui a fingir de fidalgos...

Báguezi, aterrado, olhando para todos os cantos — Schiu... Não grites! Isso são coisas que não se dizem, nem em segredo. Vai vestir-te depressa!

Águezi, perdendo a cabeça e batendo o pé — Não vou! Não vou! Não vou! Pronto! Tens-me dito que imite sempre em tudo, o que fazem as pessoas da alta-roda. Ora as pessoas de alta-roda dizem mal da Dona Redonda que se fartam e não a visitam. A marquesa d'Ikáká tem-me contado coisas!...

Báguezi — O duque diz que não a visitam porque ela não está para os aturar, e que corre com todos que a maçam...

Águezi, espavorida — O quê? O quê?... o duque!

Báguezi, triunfante — O duque, sim, senhora! Dona Redonda é prima do duque e a sua amiga de infância. E ele estima-a tanto como à menina dos seus olhos.

Águezi, abismada — Que é isto? Então Dona Redonda é fidalga?

Báguezi — …issima!... Mas há pior ainda; lembras-te de tudo que dissemos ao Bruno a respeito dela? Pois fica sabendo que o Bruno é...

Ana Petronilha não quis saber o resto. Abalou a correr para casa como se levasse trinta mil demónios no corpo, chamando a Búzi em altos gritos para vir ajudá-la a vestir-se...

* * *

Lá na casa branca e verde tudo tinha sossegado.

Dona Redonda estava sentada no terreiro com Dona Maluka, a Iria, o Chico e todas as vítimas do desastre já lavadas, escovadas, penteadas e consertadas o melhor que se tinha podido.

Zipriti, os Pikis e os três meninos do Toutiço andavam à descoberta de coisas perdidas e quebradas no montão de objetos vários que tinham caído do charabã.

Dona Catapulta começou a cantar com grande desafinação:

Que noite serena!

Que lindo luar!

Que linda barquinha

Eu vejo no mar!

Zipriti veio logo a correr, saltando a compasso, e de dedo espetado a marcar a entrada do coro. E ninguém pôde ficar calado; todos desataram a cantar cada qual para o seu lado. O Severo e Dona Mariposa então... era um espanto.

Zipriti dava voltas e reviravoltas no meio do terreiro e sapateava a compasso, sem querer saber da desafinação.

Todos se esganiçavam com quantas forças tinham:

Vem, vem, ó donzela!

Fujamos daqui... i... i...

Que a noite está bé... é... la

Que a noite está bé... é... é... la

E o amor nos sorri... i... i...

— Que chinfrineira! gritou de repente Dona Redonda, levantando-se e agitando os braços com desespero. Tudo isso são asneiras. Ainda não é noite, não há luar, nem barquinha, nem donzelas a fugir. Calem a boca!

Todos se calaram. Mas não foi por causa da Dona Redonda.

Calaram-se porque naquele instante chegou o charabã guiado pelo Mostrengo e trazendo dentro a Mostrenga amparando o Sarapantão feito num feixe e coroado de algas.

— Que é aquilo? disse Dona Maluka abismada.

E foi a correr com o Chico e a Iria ao encontro do charabã. Daí a pouco apareceram o Dinis, a Lucinda e o mestre Elói para os ajudar e, com todo o jeito, tiraram do carro o Sarapantão e sentaram-no numa cadeira de braços no alpendre.

O Sarapantão sorria amavelmente para todos, e, dirigindo-se a Dona Maluka, disse-lhe:

— Queira perdoar-me. As palavras que lhe dirigi pertencem ao passado, ao tempo em que eu era uma besta. Agora sou um homem.

A gente do Toutiço não tinha olhos senão para os Mostrengos. O seu primeiro impulso, ao ver chegar o charabã, foi treparem pelas árvores e pelas colunas do alpendre e fugirem fosse lá para onde fosse. Mas estavam tão

estafados, fraquinhos e assarapantados, que caíram sentados no chão e não se puderam mexer.

Dona Mariposa, toda irónica — Então, menino Borrabotas, que é das ilusões de ótica e das alucinações? Ainda diz que não há dragões?

A mulher do Severo — Ih! Chassus! Credo!... Ó Severo, dá cá o abano...

Mas o Severo não via nem ouvia senão os Mostrengos.

O Borrabotas, vendo que já ninguém o admirava, foi-se chegando para o Sarapantão.

— Ilustre Sarapantão!... começou ele.

Mas o Sarapantão pôs-se a rir e respondeu:

— Ilustre... coisa nenhuma! Deixe-se disso! Sou um homem que acaba de nascer. Meta a viola no saco. Faça uma fogueira dos seus livros. Aprenda com a vida!

O Borrabotas recuou espavorido. Pensou:

— Endoideceu, coitado! Que desgraça!

Dona Redonda — Anda cá, Mostrengo. O que aconteceu?

Mostrengo — Não se preocupe, Dona Redonda. Os miolos do Sarapantão entornaram-se, esmigalharam-se, espalharam-se. Juntámo-los todos e

tornamos a encafuá-los na tola rachada. Já vê, ficaram arrumados de modo diferente...

Dona Redonda — Está bom. Já entendo...

Não. pôde dizer mais nada, porque nesta altura...

Toc... toc... toc... toquetoc...

Aí chegou em frente da casa branca e verde, a resplandecente carruagem dos Báguezis. O Bú a guiar, todo empertigado; os dois senhores lá dentro, tafulíssimos; e a Recantamplana filada à traseira do carro com os brasões a luzir...

Báguezi desceu com um gracioso pulinho e estendendo a mão com toda a delicadeza, ajudou Ana Petronilha a apear-se. Avançaram os dois, de mão dada, até em frente da Dona Redonda. Báguezi fez um tal cumprimento que tocou com o chapéu alto no chão; Águezi requebrou-se numa vénia de pé atrás.

— muito alta e nobre Dona Redonda, começou Báguezi, atrevo-me a vir com a minha esposa, apresentar a Vossa Excelência a expressão reverente das nossas homenagens...

Dona Redonda — Que história é esta? Quem são estes mascarados? Ó Mostrengo, quem é esta gente?

O Mostrengo e a Mostrenga, que tinham ido arrumar o charabã nas traseiras da casa, vieram logo a trote. Estavam do tamanho de cavalos, e todos azuis e prateados.

— Ih! Ih! Ih!... gritou Ana Petronilha ao ver os dragões.

E tombou para o lado com um flato.

Dona Redonda pegou-lhe por um braço, levantou-a num instante e sacudiu-a com tal força que andou para a desconjuntar toda. Ana Petronilha, assarapantou-se e desistiu do flato.

— Nada de flatos! Estou farta de ver hoje pessoas de pernas para o ar! disse Dona Redonda, toda zangada. Se está em disposição de flatos, ponha-se a andar!

Mostrengo — São os patrões do Bú. É aquela gente grotesca da casa torta. Passam a vida a imitar a gente fidalga e elegante...

Mostrenga, dengosa, passeando e dando voltas com maneiras de manequim — Com pouco êxito, meu querido amigo, com pouco êxito...

Mostrengo, todo derretido — Nem todos podem ter a tua graça e a elegância da tua beleza!

Dona Redonda, rindo — Não há nada mais asno neste mundo do que um par de namorados!

Dona Maluka — Que é aquilo?

A Recantamplana, muito bem ensinada, largara a carruagem e viera empinar-se contra uma das colunas do terraço, com a carapaça virada para o público.

— Ilustre senhora, disse o Báguezi à Dona Malúka. Aquilo são os brasões reunidos dos Báguezis e dos Águezis.

Dona Mariposa, amedrontada — Abrenúncio! Nunca vi um cágado daquele tamanho! Morde?

Dona Catapulta — Que consciência! Estragar assim uma linda carapaça de tartaruga! Mas... Pchut! Pchut! Se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo?

O Sarapantão ria às gargalhadas. Ria tanto e torcia-se tanto a rir, que, por duas vezes, ia caindo da cadeira abaixo.

— Ai! como é bom rir! Ai, como a vida é divertida! dizia ele encantado. E eu que perdi tanto tempo com miseráveis tolices!

E, de repente, começou a gritar:

— Dona Redonda! Dona Redonda! Eu quero pertencer à sua gente!

Dona Redonda foi ter com ele e deu-lhe pancadinhas nas costas, toda contente.

— Com os miolos arrumados desse modo, já se vê que pertences, disse ela.

O Borrabotas chegou-se para os Báguezis. Disse-lhes em segredo:

— Aquele homem endoideceu. Toda esta gente está doida.

O Báguezi, ficou atrapalhado. Lembrava-se do parentesco da Dona Redonda com o duque Não sabia o que havia de responder.

Nisto ouviu-se um grande tropel de cavalos.

Era sol-posto. Começava a fazer sombrio no pinhal. A Lua acabava de nascer e ainda não dava claridade nenhuma.

— Mostrengo, disse Dona Redonda, desconfio que vem aí o duque. Precisamos de luz.

O Mostrengo e a Mostrenga começaram a crescer. Ficaram maiores que dois elefantes. Tornaram-se cor de fogo, acenderam os olhos e inundaram tudo de uma linda e brilhantíssima claridade azulada. Via-se na floresta como em pleno dia.

E então uma grande e esplêndida cavalgada aproximou-se, direita à casa branca e verde.

Dona Mariposa, cheia de curiosidade e um pouco assustada — Que tropel é este? Um cortejo? Ou soldados? Tanta gente? Mete medo...

A mulher do Severo — Dona Redonda disse que era o duque.

Dona Mariposa — O duque? Quem é o duque? duque de quê?

Dona Catapulta — Pchut! Pchut! Pois não sabe? É o duque Giraldo, senhor da floresta. Pessoa rica, fidalga e magnífica.

Dona Mariposa — Mas eu ouvi dizer que o senhor da floresta era o dragão, o tal Mostrengo, o que apareceu ainda agora... Credo! Que medo...

Dona Catapulta — Pchut! Pchut! Fantasias! A Dona Redonda explicou-me tudo. O Mostrengo é um instrumento de Deus; arrasa as coisas que devem ser arrasadas, as que estão velhas, as que não têm conserto; na floresta e no mundo todo. Mas o duque só manda e só figura na floresta. Quem não conhece a floresta nem sabe que ele existe. Entendeu? Pchut! Pchut! É assim mesmo. Fora disto... tudo mentiras! E agora... Caluda! Lá vem ele!...

Adiante vinham cornetas, tambores e espingardeiros. Depois o porta-bandeira. Em seguida arautos e, logo atrás, uns vinte oficiais com magníficos uniformes, capacetes reluzentes como ouro, e espadas desembainhadas. Tudo isto a cavalo e em ordem perfeita.

Toda a gente da Dona Redonda e todos do Toutiço se puseram de pé, aprumados, imóveis, formando alas. O Sarapantão esqueceu as feridas e a cabeça rachada e veio perfilar-se ao lado dos outros, dizendo baixinho, a tremer de admiração e de entusiasmo:

— Que lindo! Que admirável coisa é a vida! Como é bom a gente ser capaz de admirar e de se entusiasmar!

Os cornetas, os tambores e os espingardeiros separaram-se em dois grupos e foram colocar-se um ao lado do Mostrengo, outro ao lado da Mostrenga. E, de repente, as cornetas começaram a tocar, os tambores a .rufar e os espingardeiros dispararam para o ar as espingardas. Parecia que o mundo desabava com todo aquele estrondo.

Ao mesmo tempo os Mostrengos acenderam o fogo das ventas e quatro enormes colunas de lume vermelho, lindíssimo, ergueram-se até ao céu.

Misturados com tudo isto ouviam-se as vozes espantosas dos Mostrengos:

— Ó... gú!... rú!... ú... ú...

— U... hi!... hi!... i... i... i...

A Recantamplana estendeu a cabeça, escancarou as goelas:

— U... hé!... U... hé!...

Todos gritavam e agitavam as mãos e os lenços, e ramos de pinheiro, tudo que podiam.

Dona Mariposa agitava o crochet.

A mulher do Severo agitava o abano.

O Sarapantão perdeu a cabeça, arrancou o capacete de algas, agitando-o no ar e gritando como um possesso:

— Viva! Viva! Viva! Viva!

Então avançou o duque, esplêndido e imponente no seu grande cavalo preto.

Um lindo cavaleiro vinha ao seu lado montando um cavalo branco de neve que trazia um penacho de plumas brancas alçado entre as orelhas. Os arreios eram todos chapeados de prata lavrada. O cavaleiro vestia um lindíssimo uniforme de veludo carmesim com alamares de ouro no peito; e na cabeça, uma gorra de veludo com uma cocarda de brilhantes.

Este cavaleiro era o Bruno; e não havia no mundo inteiro príncipe encantado mais formoso e perfeito.

Toda a gente rompeu em aclamações.

Eram tantos os gritos, os vivas, as palmas, que parecia ter chegado o fim do mundo.

A Iria desatou a chorar de comoção.

O Sarapantão saltara para cima de uma cadeira e dava pulos, ligeiro que nem um gafanhoto, curado de todos os seus dóis-dóis.

O Bú, de cabeça perdida, roxo de entusiasmo, berrava:

— Viva o duque! Viva! Vivam as Excelências!

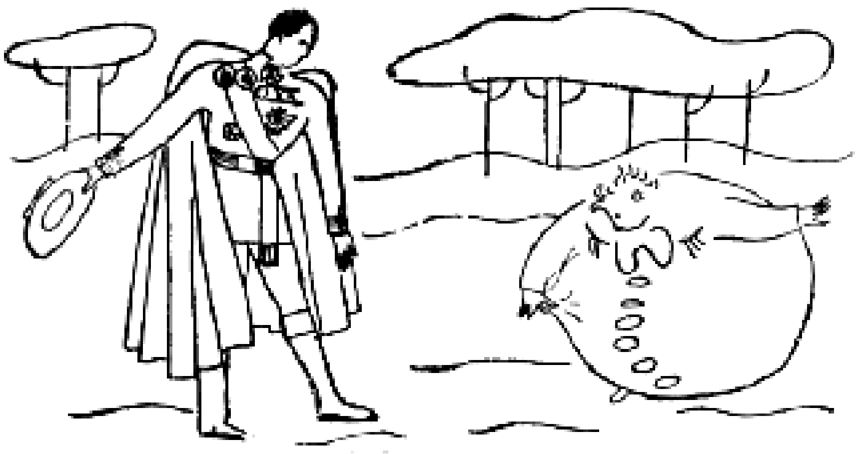
E berrou tanto que por fim ficou rouco, e ninguém percebia o que ele dizia.

O Borrabotas e os Báguezis sentiam-se pequeninos e miseráveis no meio de tanta grandeza e, sem saberem porquê, tinham ido esconder-se por detrás de uma moita...

Atrás do duque e do Bruno vinha uma grande e brilhante cavalgada de fidalgos.

O duque e o Bruno apearam-se. Caminharam direitos à Dona Redonda.

De súbito, agora, fizera-se um grande silêncio.



Dona Redonda fez uma vénia e quis beijar a mão ao duque. Mas o duque não deixou; puxou-a para si e abraçou-a e deu-lhe dois grandes beijos, dizendo a rir:

— Ai, Dona Redonda dos meus pecados, que nos pregaste um susto tamanho! Quem se lembra de ir visitar um formigueiro!

— Então, Giraldo, respondeu Dona Redonda toda contente, estas aventuras são o sal e a pimenta da vida!

A Iria tinha-se escondido atrás da Dona Maluka, envergonhada e triste, pensando que o Bruno não lhe ligava nenhuma, agora, do alto da sua grandeza.

Mas o Bruno deu com ela, foi buscá-la e abraçou-a com toda a força; e a Iria ria e chorava ao mesmo tempo e não podia falar.

O duque pegou na mão do Bruno e trouxe-o diante da Dona Redonda.

— Aqui está o Bruno, meu filho único e o meu herdeiro. Quis ir ver terras e deixei-o ir, sozinho e desamparado, a aprender as lições da vida. Viu muitas coisas e conheceu muita gente, e lutou contra a fome e o frio e mil dificuldades, e desembaraçou-se e fez-se um homem. Ninguém sabia quem ele era. Mas tu, Dona Redonda, logo o reconheceste.

Dona Redonda, toda derretida a olhar para o Bruno, respondeu:

— Como não havia de o reconhecer, Giraldo, se ele se parece tanto contigo!

O Bruno fora abraçar Dona Maluka e o Chico; e nisto o cavalo branco que dois palafreneiros fardados seguravam, sacudiu de repente a cabeça, soltou-se

e, veio a trote pousar a cabeçorra no ombro do Bruno e fazer festas à Iria. E então todos o conheceram: Era... o Caracol!

Depois de muitas conversas e alegrias o duque começou a andar entre aquela gente toda, dizendo palavras amigas a cada um:

— Então, mestre Elói, como vão as obras de . Dona Redonda? Grandes canseiras para a não deixar fazer estroinices, hem? E tu, Dinis, sempre bom e direitinho e fixe, não é assim? E... como vai o jogo da bola? já sei que deste um real pontapé... e assim foram pelo ar as minhocas que andavam na cabeça do Bú... Hem, Bú?

Bú — Saberá Vossa Alteza que as minhocas morreram todas. Viva o ,duque!

O duque, rindo — Está bom, está... E tu, Lucinda, sempre a acudir a tudo, com esses miolos e esse coração muito bem postos nos seus lugares... Olha o grande Sarapantão! Já sei que te arrumaram os miolos de outra maneira, que aprendeste a rir e que tens agora no peito um coração verdadeiro...

Sarapantão, doido de entusiasmo — Nasci esta tarde! A vida é linda! Viva o duque!

O duque — Anda cá, Borrabotas, e se queres um conselho, larga os livros e aprende a viver. Os livros ajudam às vezes... mas só por si não bastam.

Borrabotas, todo importante — Os livros são os arquivos da ciência adquirida...

O duque virou-lhe as costas e continuou o seu passeio.

“Olá! Aqui estão os Báguezis. Então ainda não aprenderam que não se passa de uma classe para a outra mais alta por meio de imitações, de fingimentos e correndo e rastejando atrás dos grandes da terra?

Báguezi, todo palaciano — Honra-me Vossa Alteza sobremaneira... As suas palavras generosas dão um brilho maior aos brasões reunidos dos Báguezis e Águezis...

O duque encolheu os ombros, suspirou e passou...

Dona Redonda disse-lhe ao ouvido:

— Os Borrabotas e os Báguezis são eternos. Nada os fará mudar.

O duque, ao ouvido de Dona Redonda — E talvez sejam precisos. Deus sabe... São espelhos deformantes onde a gente de juízo pode ver o grotesco de certas ilusões...

Ficou um momento pensativo e depois, voltando-se para o outro lado, chamou:

— Dona Catapulta! Não te escondas!... Anda cá. Tu és o bom humor absurdo que atira todas as dificuldades para trás das costas e resolve todos os

problemas com estalinhos de dedos... Pchut! Pchut!... Vais através da vida a saltar em passinhos de dança burlesca, sem um cuidado... Deus te abençoe!... O que seria do mundo, coitado! sem a tua existência!...

Dona Catapulta quis responder, mas estava sufocada de comoção. Só deu uns estalinhos com os dedos e disse:

— Pchut! Pchut!

O duque deu a mão direita a Dona Redonda e a esquerda a Dona Maluka. E o Bruno deu a mão direita à Iria e a esquerda ao Chico. E o mestre Elói deu a mão direita à Lucinda e a esquerda ao Dinis. E a Zipriti saltou para as costas do Caracol. E os Pikis formaram-se em batalhão, atrás.

Assim, em solene procissão, foram ter com o Mostrengo.

O duque disse em voz forte que todos ouviram:

— Mostrengo! Servidor de Deus, guardador fiel e poderoso das leis da vida! A minha visita hoje aqui teve dois fins. Primeiro, abraçar a minha querida Dona Redonda depois da sua perigosa aventura; segundo, tratar do teu casamento. Já sei que escolheste Dona Redonda para madrinha. Eu quero ser o padrinho.

Foi um delírio. As palmas e as aclamações eram tais que até as agulhas dos pinheiros estremeciam como à passagem de um vendaval.

— Viva o Duque! Viva o Mostrengo! Viva a Mostrenga! Viva Dona Redonda!...

Toda a bicharada da floresta que tinha vindo de todos os lados e ali estava escondida no mato e nas ramarias, aclamava e manifestava conforme podia. Eram uivos, latidos, gritos, bater de asas, cantos, danças, restolhadas...

Acalmado o entusiasmo, o duque foi continuando:

— Vamos fazer aqui umas bodas que hão de dar brado pelo mundo todo. Para a organização destes esplêndidos festejos, estabeleço uma comissão. Presidentes: Dona Redonda e eu. Chefes de decoração e dos cortejos Dona Maluka e Bruno; chefes das construções, mestre Elói e Dinis; chefes dos comes e bebes, Lucinda e Iria. Amanhã, primeira reunião na minha casa. Os trabalhos começarão logo depois.

O Mostrengo foi buscar a noiva e vieram os dois de mão dada diante do duque, ambos acanhados, sorrindo, com aquele ar dos namorados (muito feliz e um pouco palerma) e rebentando ambos de gratidão e de amor.

— Ú... gú... rú... rú... ú... ú...

— U... hi... U... hi!... i... i...

Assim acabou a visita do duque à casa branca e verde.

Daí a pouco, a grande cavalgada afastava-se a galope.

Os Báguezis, que não se sentiam lá muito felizes na companhia de Dona Redonda, trataram de se despedir e abalar o mais depressa que puderam.

Depois foi a partida de Dona Catapulta com toda a gente do Toutiço.

A Iria, o Chico, a Lucinda, o Dinis, estafados de tantas emoções foram-se deitar. O mestre Elói deus as boas-noites e foi-se embora para a sua casa.

Ficou tudo em sossego.

O luar brilhava. Os grilos cantavam.

Dona Redonda e Dona Maluka, muito contentes da sua vida, deram as mãos e dançaram sozinhas uma dança lindíssima no terreiro, ao luar.

CAPÍTULO 14

A FESTA

Os dias que se seguiram foram de grandíssima atividade. Ninguém parava na casa Branca e Verde. O fervor do trabalho era enorme.

O mestre Elói e o Dinis comandavam regimentos de operários. Tudo era pancadas de martelos, ruídos de serras e de plainas, terramotos de pedras despejadas dos carros, nuvens de pó, montes de serradura e de aparas de madeira.

Dona Maluka, o Bruno e o Chico faziam desenhos e mais desenhos, planos e mais planos, pinturas e mais pinturas. À roda deles amontoavam-se telas, papéis em folhas e rolos, carvões, tubos e caixas de tintas, pincéis, penas, lápis, cavaletes, mesas, bancos... E daquela barafunda iam saindo obras muito bonitas e perfeitas.

A Lucinda e a Iria, à testa de dezenas de mulheres, limpavam e areavam tachos, panelas, frigideiras, caldeirões, arrumavam montes de chouriços, de presuntos, de conservas, de legumes, de vinhos, de frutas que iam chegando em grandes carroças a todas as horas do dia. E estudavam juntas livros de receitas e ensaiavam pitéus.

Até a Zipriti e os Pikis se empenhavam naquela azáfama, cheios de zelo e de boa vontade, trazendo coisas que já tinham sido postas de parte, levando outras que faziam falta, embrulhando tudo, sumindo tudo, guinchando, ladrando, cantando, dançando, espalhando por toda a parte a maior confusão.

O duque vinha de manhã e ficava até à noite. Ele e Dona Redonda não paravam transbordando de ideias, de invenções, dirigindo tudo, vigiando tudo, dando ordens, acudindo a todas as dificuldades, aparecendo em toda a parte ao mesmo tempo e não deixando ninguém pôr pé em ramo verde.

Por fim começaram a surgir as construções à roda da casa Branca e Verde. Enormes barracas de lona de cores variadas, todas enfeitadas com lindas pinturas, bandeiras, arcos e grinaldas. Destinava-se uma aos presentes, outra ao banquete, outra ao bufete e outras a depósitos de comes e bebes.

Decara da casa, do outro lado do terreiro, ergueu-se uma escadaria lindíssima que subia até ao cocuruto dos pinheiros e de lá vinha até ao chão abrindo-se como um leque, toda guarnecida de pilares, de arcarias, de grinaldas, de flores, de milhares e milhares de lanterninhas de todas as cores, e lindos tapetes e formosíssimos cortinados.

Havia muitas dificuldades a resolver. Uma delas era o véu para a noiva, porque a Mostrenga mudava de tamanho e, volta e meia, deitava fogo pelas ventas, de modo que era dificílimo cortar o véu como devia ser e armá-lo de maneira que não ardesse.

Outro caso complicado era o dos presentes.

Havia mistérios e segredos por toda a parte.

Todos queriam fazer surpresas e apresentar ofertas de espavento.

No Toutiço a agitação não era menor. Ninguém pensava senão nas toilettes para a festa do casamento dos Mostrengos, e nos presentes que tinham de levar aos noivos.

Dona Catapulta tinha mandado vir costureiras da cidade, e era um nunca acabar de combinações e de estudos sobre os vestidos, os chapéus e os enfeites.

Toda a gente passava horas por dia a escrever cartas para a cidade, a fornecedores e a amigos, encomendando os objetos mais extraordinários, e, quando chegava o correio com numerosas encomendas registadas, cada um corria com a sua e fechava-se no quarto e abria o seu pacote às escondidas. Porque todos queriam fazer surpresa, não só aos Mostrengos, mas uns aos outros.

Enfim, estes dias de preparativos foram tão excitantes, estafantes e divertidos que nenhuma das pessoas que andou metida nesta alegre festa e barafunda, os pôde jamais esquecer.

Raiou finalmente o grande dia.

Logo pela manhã começaram a chegar os lacaios que o duque mandara vestir com fardas especiais obedecendo às cores e às formas do Mostrengo. As fardas eram metade vermelhas, metade azuis e agaloadas de ouro e prata, imitando escamas. E na cabeça, cristas de veludo cor de fogo; e asas postiças nas costas. Era uma coisa linda.



Depois vieram os músicos. Três bandas de música, cada qual para o seu coreto muito bem enfeitado e meio escondido entre o mato.

Depois os cornetas, os tambores, os fogueteiros com feixes e mais feixes de morteiros, de foguetes de sete respostas, de foguetes de lágrimas; e carroças cheias de peças de fogo e de fogo chinês.

O Bruno, a Dona Maluka, o Chico, o mestre Elói e o Dinis não faziam senão correr para um lado e para outro, dando ordens, gritando, agitando os braços, pondo cada grupo nos seus lugares, ensinando a cada um o que havia de fazer.

Os eletricistas andavam numa fona a verificar se os arcos voltaicos e as luminárias funcionavam como devia ser.

Por volta das onze horas da manhã, começaram a chegar os convidados.

O duque foi o primeiro. Vinha com o hábito da Ordem do Grande Dragão do Levante; uma túnica de veludo verde resplandecente, toda bordada a pedrarias e ouro, o manto de cetim branco, pesado, preso nos ombros com cordões de pérolas, e uma gorra de veludo verde com o seu penacho de plumas brancas saindo de um broche de brilhantes.

Os inúmeros cavaleiros do seu acompanhamento resplandeciam de sedas, veludos, ouros e vinham todos coroados de rosas e folhagens.

Não se podia imaginar coisa mais vistosa e magnífica.

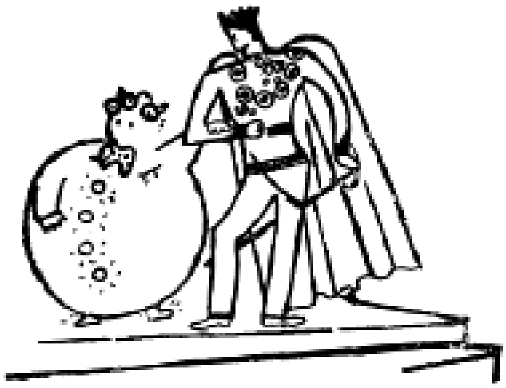
Mal o duque se apeara, apareceram na volta do caminho dois charabãs do Toutiço apinhados de gente, de ramos e coroas de flores, de embrulhos grandes e pequenos de papel de cores e enfeitados com laçarotes.

E logo a seguir...

Toc... Toc... Toc... Toquetoc...

A carruagem esplêndida dos Báguezis. Não a que servia todos os dias, uma outra, toda dourada. E o Bú com um casaco de pau todo dourado. E a Búzi, ao lado dele, com farda dourada e braços cruzados, a fingir de trintanário.

E os caminhos da floresta começaram a encher-se de grandes romarias de gente do campo que vinha ver as festas. Traziam violas e guitarras e concertinas e pandeiros, e vinham tocando e dançando que era um gosto vê-los.



O duque sentou-se num tronco dando o braço direito a Dona Redonda; e aos seus pés, nos degraus, sobre grandes almofadas, sentaram-se o Bruno, a Iria, a Dona Maluka e o Chico.

Os convidados repartiram-se pelos palanques.

Os cavaleiros do duque perfilaram-se dos dois lados do terreiro.

Os lacaios formaram fileiras ladeando a escadaria, cada um no seu degrau, por ali acima.

A gente do campo foi-se juntando em volta do terreiro.

A Lucinda, o Dinis e o mestre Elói, começaram a distribuir cestos cheios de folhas de rosas peias raparigas mais bonitas que encontraram.

Tudo aquilo era já tão lindo e tão alegre, mesmo antes da chegada dos noivos, que o Sarapantão não pôde conter o seu entusiasmo e desatou a dar palmas e a berrar:

— Bravo! Bravo! Bravo! Viva! Viva! Viva! "

Mas a Dona Catapulta tapou-lhe a boca com a mão dizendo-lhe:

— Cale-se, homem de Cristo! Ainda não se grita!

Sarapantão, desenvencilhando-se dela — Então quando é que se grita?

Dona Catapulta — Pchut! Pchut! Quando chegarem os noivos.

Dona Mariposa — Onde estão os noivos?

Dona Catapulta — Estão a casar.

A mulher do Severo — Então a gente não vê o casamento?

O Severo — Ouvi dizer que eles casavam na praia, lá com as cerimónias dos dragões, que são secretas. Só depois de casados é que vêm.

Dona Mariposa — Que pena!

Borrabotas, torcendo a boca, cheio de desdéns — Hão de ser frescas, as cerimónias dos dragões!

Sarapantão, arregalando os olhos para ele — Se você, seu badameco, se atreve a fazer pouco dos Mostrengos, dou-lhe um murro que o escangalho.

Borrabotas amuou e foi sentar-se com grandes ares ao pé dos Báguezis.

— Que maçada! disse ele. Eu que estou costumado a festas sérias em casas dos sábios!

— Então o que veio cá cheirar! perguntou-lhe á Lucinda que ia passando.

Borrabotas — Ora! Vim para desfrutar esta gente!

O Báguezi deu um cotovelão a Ana Petronilha e disse-lhe em segredo:

— Vamos para outro sítio. Não quero conhecimentos com este jovem. Quem fala assim não é da alta-roda.

Levantaram-se e foram os dois sentar-se ao pé dos Severos.

O Borrabotas vendo-se só, fingiu que tinha abrimentos de boca e por fim começou a cabecear, para dar a entender que estava superiormente maçado e cheio de sono.

Mas ninguém dava sequer por ele e todos estes fingimentos foram completamente perdidos.

Só uma mulher do campo que ali estava perto apontou para ele com o dedo e disse:

— Olha aquele menino tão verdinho e tão enfezadinho a abrir e a fechar os olhos! Se calhar, vai-lhe dar algum ramo de estupor!

Mas nisto subiram ao ar trinta girândolas de foguetes ao mesmo tempo; morteiros e foguetes de sete respostas. E as três bandas de música começaram a tocar a marcha nupcial do Lohengrin; já se vê, havia algumas desafinações, porque os regentes das bandas não se viam lá muito bem uns aos outros. Mas não fazia mal porque o foguetório encobria as fífias.

No alto da enorme escadaria surgiram o Mostrengo e a noiva. Ele todo ouro vermelho; ela toda prata reluzente. Ele trazia sobre a crista uma coroa de louros e cravos. Ela um véu resplandecente seguro na cabeça por um lindo toucado de flores de laranjeira.

A gritaria e as aclamações de toda aquela gente eram tais que se ouviam por cima do foguetório, da marcha nupcial tocada com toda a força, e por cima das trombetas e dos tambores.

Houve pessoas que perderam os sentidos; outros que ensurdeceram; outros que fugiram espavoridos.

Mas tudo isso eram pequenos incidentes de que ninguém fez caso.

A Lucinda, o Dinis e o mestre Elói, lá no alto da escadaria começaram a atirar mãos-cheias de folhas de rosa e alfazema por cima dos noivos; e, à medida que eles iam descendo a escadaria, degrau por degrau, ao compasso da música, as raparigas do campo iam também deitando punhados de flores

sobre eles. E os noivos sorriam e cumprimentavam muito comovidos, para a direita e para a esquerda.

Os gritos de entusiasmo e as exclamações rebentavam por todos os lados.

— Vivam os noivos! Viva o Mostrengo! Viva a Mostrenga!

— Que beleza!

— Que magnificência!

— Bravo! Bravo!

Quando os noivos chegaram cá abaixo, todos os cavaleiros do duque, no terreiro, desembainharam as espadas; subiram ao ar mais de cem foguetes de assobio; e o duque e Dona Redonda, de mãos dadas, foram ao encontro dos Mostrengos.

Dona Redonda vestia um balandrau de cetim azul-claro e trazia na cabeça uma enorme coroa de peónias vermelhas. Metia um vistão.

Quando a Dona Redonda e o duque avançaram pelo terreiro, com o seu acompanhamento solene de Dona Maluka, Bruno, Chico, Iria e vários outros, o delírio foi tal, tais os vivas, as palmas, os foguetes, as músicas, os tambores, que em verdade, nunca se viu nem se ouviu no mundo coisa semelhante.

A bicharada da floresta perdeu a cabeça. Rolas, milhafres, melros, pássaros grandes e pequenos, vieram esvoaçar e pousar por cima daquela gente, aos

milhares. As lebres, os coelhos, os texugos, os gatos bravos, as raposas, as cobras e lagartos, as ratas e ratazanas, os sapos e as rãs, tudo irrompeu no terreiro, inundou os palanques, misturou-se com o povo.

Houve gente que se assustou, uns saltavam e empoleiravam-se nas cadeiras aos berros. Houve até quem quisesse caçar os bichos.

Mas o Mostrengo soltou o seu vozeirão terrível mais forte que todos os ruídos da terra:

— Ú... gú... rú... ú... ú... Quem se atrever a magoar uma só destas criaturas de Deus neste dia, terá castigo imediato, fulminante!

Tudo se acalmou.

O duque deu o braço à noiva, o Mostrengo a Dona Redonda, o Bruno a Dona Maluka (que estava toda vestida de tecido de prata e coroada de rebenta-bois), o Chico à Iria; e, seguidos por todos os convidados dirigiram-se para a grande barraca verde nas traseiras da casa.

Aí, em cima de uma enorme mesa coberta com um riquíssimo pano de brocado, alinhavam-se os presentes.

Os noivos começaram a dar volta à mesa, a ler os bilhetes de quem dava os presentes e a desembrulhar estes, um por um.

Lista dos principais presentes:

Do duque: Uma crista de brilhantes para a noiva; um colar de ouro fino e pedrarias para o noivo;

(Muitos ah! ah! e oh! Oh!... de admiração entre o público).

Dona Redonda: Uma coleção de inúmeros livros escritos por ela e contando as façanhas dos Mostrengos, todos muito bem encadernados; Da Dona Maluka: Um quadro enorme e lindíssimo com retrato dos Mostrengos abraçados; (este presente provocou entusiasmo; algumas pessoas até choraram de enternecimento).

Da Dona Catapulta: Uma oleografia brilhantemente colorida da Hospedaria do Toutiço com as suas janelas e janelinhas, varandas e varandinhas, jardins e jardinzinhos, coisas e coisinhas;

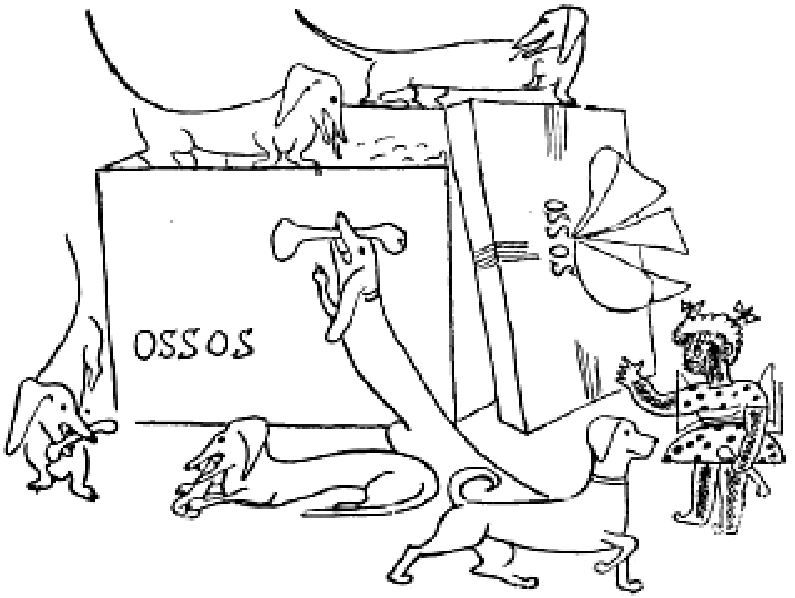
Da Dona Mariposa: Um cachecol para o Mostrengo e um casaquinho para a Mostrenga, tudo em tricot muito bem acabado;

Do Sarapantão: Uma enorme concha de tartaruga com embutidos de ouro, em memória das conchas nas quais os Mostrengos tinham juntado os miolos espalhados;

Dos Severos: Um leque de rendas para a Mostrenga e um xaile bordado a seda de cores para o Mostrengo;

Da Zipriti: Um cabaz cheio de bolos e rebuçados (um pouco roídos e lambuzados porque ela quisera provar todos a ver se eram bons).

Dos Pikis: Um monte de ossos frescos, apetitosíssimos.



Enfim, é impossível dar a lista completa dos presentes; seria preciso um livro inteiro.

Até a bicharada veio oferecer os seus presentes.

A senhora Fedúncia deu um monte de galinhas roubadas.

O senhor Violento deu espólios de guerra; cobras e lagartos mortos e outros animais nocivos que destruíra.

Um pombo-bravo veio trazer um raminho de oliveira.

As pegas deram inúmeros objetos brilhantes que tinham surripiado: tesouras, dedais, saleirinhos de metal, etc.

Os Báguezis deram duas tartarugas do tamanho de cascas de nozes, uma com o brasão dos Báguezis, outra com o dos Águezis, muito bem pintados nas costas, ambas presas por finas correntes de prata a um pilarzinho colocado no meio de uma bandeja que devia ser redonda mas não era.

Quando este presente apareceu, Dona Catapulta deu estalinhos com os dedos e disse:

— Pchut! Pchut! Tolices e mais tolices!

Os Mostrengos iam dando a volta à mesa e desembrulhando os presentes. E sorriam, e agradeciam e davam abraços à direita à esquerda, encantados.

Cada presente que se desembrulhava desencadeava exclamações, risos, parabéns, palmas. A alegria era geral.

Isto levou tanto tempo que eram já quase quatro horas da tarde quando começou o banquete.

E que banquete!!

A Iria e a Lucinda tinham feito verdadeiras maravilhas. Eram pratos montados figurando castelos, jardins, comboios, automóveis, navios, um nunca acabar. Até havia um prato do mar figurando peixes, um prato do campo figurando flores, um prato do céu figurando estrelas.

Nunca se vira um banquete assim!

E o bolo dos noivos? Isso nem se pode contar. Era como um palácio de fadas, com janelas e balaustradas de açúcar e todo cheio de luzinhas e de bandeiras... Era obra da Iria que teve uma grande ovação.

Ana Petronilha teve tentações de se abandonar ao flato; mas quando começava a revirar os olhos, dava com a testa franzida da Dona Redonda e disfarçava logo.

O Sarapantão comia como um lobo e ria às gargalhadas.

— Nunca tive tanto apetite em dias da minha vida! gritava ele. Nunca me diverti tanto!

Enquanto corria este espantoso almoço, cá fora, em volta da casa Branca e Verde e sob a direção do Dinis e do mestre Elói, as comezainas e as alegrias não eram menores.

Assavam-se em espetos carneiros inteiros, bois inteiros; chegavam carros a distribuir pão, e bolos, e frutas. Havia pipas de vinho em cavaletes, com as suas torneiras onde cada um ia encher à vontade os seus púcaros e bilhas.

Toda aquela boa gente do campo, espalhada em grupos, sentada nas sombras, ao sol, conforme o gosto de cada um, comia e bebia à tripa forra e regalava-se e gritava de alegria e escangalhava-se a rir.

Quando todos acabaram de comer, era quase sol-posto.

E então começou o baile que foi anunciado com girândolas de foguetes, toques de trombetas, rufos de tambores; um tal estrondo como nunca fora ouvido por aquelas redondezas.

O baile abriu solenemente com uma contradança de corte à antiga.

Numa das cabeceiras o duque com a noiva; na outra, o Mostrengo e Dona Redonda. Dos lados: o Bruno com a Iria, o Chico com Dona Maluka, o Severo com a Dona Mariposa, a Dona Catapulta (que figurava de homem porque estava fardada de cocheiro) com a mulher do Severo, o Sarapantão com Ana Petronilha, e Báguezi com Zipriti.

O Báguezi ao princípio não queria aquele par. Mas como o duque é que tinha destinado tudo, o Báguezi teve de se sujeitar. Afinal até gostou muito, porque a Zipriti sabia tão bem todas as figuras da contradança, e dançava com tal graça e elegância, que aquele par foi de todos os que mais deu nas vistas. E mais tarde o Báguezi contando as peripécias do baile à marquesa de Ikáká, disse-lhe que dançara a contradança de honra com uma princesinha oriental de sangue azulíssimo.

O duque é que marcava a contradança em francês, já se vê:

— En avant deux! gritou ele.

E partiu logo, do seu lado, a compasso, com toda a elegância ao encontro de Dona Redonda, que vinha lá da outra cabeceira, com passinhos graciosos e

pegando com as pontas dos dedos nas pregas do balandrau de seda azul. Encontrando-se a meio do caminho, fizeram a vénia e cruzaram-se. Veio tudo abaixo com aplausos.

Mas quando chegou a vez do avant-deux para o Mostrengo e a Mostrenga, a beleza e a graça dos dois, desencadearam um verdadeiro delírio de entusiasmo.

Os músicos com as cabeças perdidas davam fífias e desafinavam que era um espanto. Mas nunca perderam o compasso, de modo que todas as figuras da contradança se fizeram até ao fim com o maior preceito. É preciso dizer-se que nunca houve no mundo contradança mais bem dançada.

Acabada a contradança, começaram logo outras danças.

Dona Redonda, o mestre Elói, o Chico, Dona Maluka, o Bruno, Zipriti, o Dinis e a Lucinda, bailaram um vira que ficou na memória de todos durante anos e anos. Então Dona Redonda e o mestre Elói deixaram toda a gente de boca aberta. Os passos novos que inventaram, as reviravoltas, o bater dos pés a compasso... eram coisas de assombrar.

Veio tudo abaixo com aplausos e tiveram de repetir umas poucas de vezes aquele vira espantoso.

Depois a Dona Catapulta fez uma dança acrobática ajudada pelo Dinis para os saltos mortais.

Seguiu-se a Zipriti, com o Bú e a Búzi e os Pikis. Dançaram a «Moda que Rita cantou»:

Esta é que era a moda

Que a Rita cantou.

Lá na Praia Nova

Ninguém lhe ganhou!

Calaram-se as bandas de música. Só a voz esganiçada da Zipriti:

Ninguém lhe ganhou

Ninguém lhe ganhava...

E o coro:

Esta é que era a moda

Que a Rita cantava

Era coisa nunca vista; e tão cómica, tão engraçada que ninguém podia ficar sério. Os Pikis em pé nas pernas traseiras, com as mãozinhas tortas no ar e as orelhas a dar e dar a compasso...

— Vês? disse a Ana Petronilha em segredo ao Báguezi. Esta é a tal dança em que falam, dos cães aleijados.

Báguezi — Tudo mentiras. Os cães não são aleijados.

Ana Petronilha — Pois não. Mas como a marquesa d'Ikáká, que é da alta-roda, diz que eles são aleijados, a gente tem de dizer o mesmo.

Báguezi — Isso era dantes. O que é a marquesa d'Ikáká, comparada com Dona Redonda, prima do duque? A gente agora já pode olhar para a marquesa de cima para baixo...

As danças continuavam; a gente do campo não queria lá saber das bandas de música. Dançava ao som das concertinas, das violas e guitarras e até de gaitas-de-foles. Não parava; eram viras, danças de roda, fandangos, valsas em corrupios, verde-gaios...

Tudo dançava, tudo pulava, tudo ria e cantava, e gritava, e dava vivas, e estalava com os dedos, e tocava pandeiros, e dava palmas... E as bandas sempre para diante com danças modernas: grandes uivos de trombones e rufar de tambores e bater de pratos...

Perto dali, numa clareira da floresta, a bicharada, aproveitando a música, armara também um grande baile. Tudo andava tão doido de entusiasmo e alegria que até se viu a senhora Fedúncia a dançar uma valsa lenta com o senhor Violento!

Nos intervalos de descanso, queimavam-se grandes peças de fogo; as rodinhas de lume andavam em redemoinhos a cuspir fagulhas; as bombas rebentavam com grande estrondo; subiam foguetes de lágrimas deixando cair depois uma chuva de estrelas de mil cores. E todos diziam:

— Ah!... ah!... ah!... muito consolados e cheios de admiração.

E depois iam ao bufete refrescar-se com muitas bebidas deliciosas e sanduíches, e pastéis, e doces... E recomeçavam as danças.

Já a Lua desaparecera, já começava o alvorecer quando o Mostrengo e a sua linda esposa vieram despedir-se dos padrinhos.

Foi o sinal da retirada. Os convidados, encantados, estafados, ensonados e felicíssimos, fizeram os seus cumprimentos e foram partindo.

Os músicos das bandas despejaram os trombones cheios de cuspo. Os tocadores dos bailes campestres meteram as violas nos sacos. A bicharada da floresta recolheu às suas tocas e ninhos. O duque e o Bruno partiram com o seu magnífico acompanhamento, depois de grandes abraços e promessas e combinações de voltarem muito cedo.

Tudo sossegou. A Iria, o Chico, a Dona Maluka, o Dinis, a Lucinda e o mestre Elói, estavam tão cansados, que se estenderam ali mesmo no chão do terreiro e desataram a dormir como bem-aventurados.

Dona Redonda foi buscar uma almofada e pô-la no chão encostada ao pinheiro manso. Sentou-se nela, apoiou a cabeça no tronco, fechou os olhos. Tinha o balandrau de seda azul todo amachucado e a coroa de peónias vermelhas tombadas. Estava exausta, a cair de sono, e muito contente da sua vida.

— Muitos parabéns, Dona Redonda — disse uma vozinha sumida, ao seu ouvido. Que festa lindíssima!

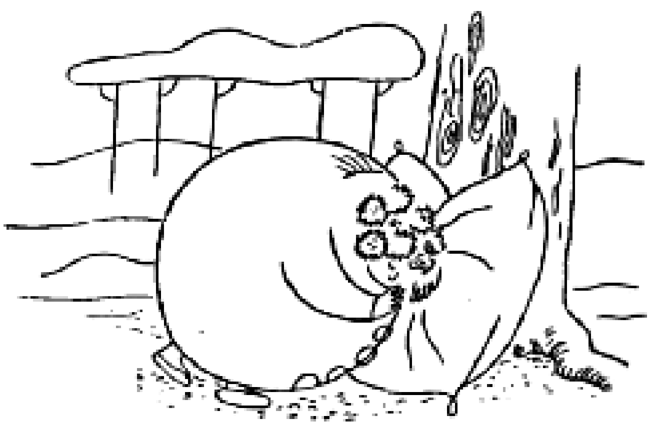
Dona Redonda, cheia de sono, mas encantada — Olá! Anacleta! Então por aqui?

Anacleta — Estive sempre aqui agarrada ao tronco deste pinheiro, e vi tudo, tudo... Cantei com todas as minhas forças, hinos de glória dedicados a ti, ao duque e aos Mostrengos. Com o barulho das músicas e dos foguetes, ninguém ouviu...

Dona Redonda, quase a dormir — Não faz mal, Anacleta... O que é verdadeiro e puro e cheio de fervor sincero... nunca se perde... ainda que ninguém veja, ainda que ninguém ouça... São sementes que o vento leva e que mais cedo ou mais tarde germinam... florescem... Rruum...

Anacleta — Que é isso? Estás a dormir? Estás a ressonar?... Escuta... Não fazes ideia da quantidade de formigueiros que ficaram arrasados e perdidos com este baile esplêndido.

Dona Redonda, sonhando — Ainda bem... Os formigueiros são decerto precisos... Tudo que Deus criou, é preciso... mesmo que a gente não entenda... Mas é preciso também que não haja formigueiros de mais... Bem vês... os formigueiros... não podem nem devem... governar o mundo... nem servir de modelo aos homens... filhos de Deus... Rruum. Rrrrum...



— Pronto, pensou a Anacleta, desta vez adormeceu a valer.

E, como o Sol ia a nascer, quis cantar um hino. Mas fazia fresco; ainda não era a sua hora. Engasgou-se e teve de se calar. Ficou muito quietinha, de guarda à Dona Redonda.

E então, no silêncio, na frescura, na limpidez do amanhecer, uma cotovia desatou a cantar perdidamente ali mesmo, em frente da casa Branca e Verde.

FIM